

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

MARIA EUGÊNIA MORASCO AGOSTINHO

**MEMÓRIA E IDENTIDADE EM LOS ROJOS DE
ULTRAMAR, DE JORDI SOLER**

São Carlos – SP

2023

MARIA EUGÊNIA MORASCO AGOSTINHO

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM LOS ROJOS DE ULTRAMAR, DE JORDI SOLER

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do título de Mestra em Estudos de Literatura.

Linha de Pesquisa: Literatura, História, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joyce Rodrigues Ferraz Infante

São Carlos - SP

2023

Agostinho, Maria Eugênia Morasco

Memória e identidade em los rojos de ultramar, de jordi soler / Maria Eugênia Morasco Agostinho – 2023. 91f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Joyce Rodrigues Ferraz Infante

Banca Examinadora: Alexandre Silveira Campos, Daniel Marinho Laks

Bibliografia

1. Literatura. 2. Literatura espanhola. 3. Exílio. I. Agostinho, Maria Eugênia Morasco.
II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa da Dissertação de Mestrado apresentada por **Maria Eugênia Morasco Agostinho**, intitulada **Memória e identidade em *Los rojos de ultramar*, de Jordi Soler**, realizada em 06/09/2023:

Profa. Dra. Joyce Rodrigues Ferraz Infante (Orientadora)

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof. Dr. Alexandre Silveira Campos

Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara)

Prof. Dr. Daniel Marinho Laks

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

A todo aquele que, pelas perversas obras da tirania, foi e é obrigado a abandonar seu lar. E a todo aquele que, pelas mesmas circunstâncias e de maneira igualmente dolorosa, foi e é obrigado a permanecer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à **Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)** pelo acolhimento e suporte, mesmo em tempos atípicos de distanciamento como foi o da pandemia. Agradeço por tornar possível a execução deste trabalho.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit)** pelo amparo ao meu projeto de pesquisa e por me proporcionar os meios para que esta dissertação de mestrado fosse possível.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora **Prof.^a Dr.^a Joyce Rodrigues Ferraz Infante**, pela orientação sensível e generosa, pela disponibilidade e apoio durante esses anos atípicos e, acima de tudo, por sempre compartilhar de maneira tão humana seu conhecimento sobre esses temas tão delicados da Guerra Civil Espanhola e do exílio.

Aos **membros das bancas de qualificação e defesa:**
Ao Prof. Dr. Alexandre Silveira Campos, pela generosidade na leitura desta dissertação e pelas valiosas contribuições.

Ao Prof. Dr. Daniel Marinho Laks, pelo olhar minucioso e atento e pelas igualmente valiosas contribuições, imprescindíveis para a finalização deste trabalho.

Aos demais **professores do PPGLit**, que contribuíram, das mais diversas formas, à minha formação como mestre.

Aos meus pais, **Marcia e Paulo**, pelo apoio e amor incondicionais e por serem a base de tudo o que me trouxe até aqui. À minha mãe, por ter sido sempre o referencial de apreço e deslumbramento dedicados desde sempre à Língua Portuguesa. Isso moldou o meu caminho e fez com que eu chegasse até aqui. Ao meu pai, pelas leituras

empreendidas junto a mim durante minha infância e que foram o início do trajeto que hoje me torna mestra em Literatura.

Ao meu irmão, **João Pedro**, que, entre todos, é quem mais depositou e deposita confiança em mim e no meu futuro. Agradeço pelo incentivo, pelo amor e pela convicção inabalável no meu potencial e no meu sucesso.

À minha avó, minha luz e meu guia, **Ignez**, pelo amor incondicional e por me ver gigante. Sempre. Eu também a vejo assim.

À minha grande amiga, **Cecília**, pela amizade leve e fácil de que tanto me orgulho, por estar presente nessa conquista desde o início, por me ver muito maior do que eu mesma me vejo e por conseguir se fazer tão presente mesmo à distância.

Ao **André**, meu amor, amigo e parceiro, que desde o início dessa trajetória foi meu grande suporte e incentivador. Espectador constante de cada apresentação e conquista, André sempre demonstrou orgulho e admiração por cada pequeno passo meu ao longo desse árduo processo.

Aos **meus amigos e colegas de trabalho**, Luana, Mateus e Bruna, por serem bons e divertidos ouvintes ao longo de todo esse processo que quase nunca foi fácil. Os conselhos foram valiosos e me fizeram crer que eu conseguiria. Vocês estavam certos o tempo todo.

*“No fim das contas, o exílio não é uma questão de escolha:
nascemos nele, ou ele nos acontece.”*

(Edward Said, 2003)

AGOSTINHO, Maria Eugênia Morasco. *Memória e Identidade em Los Rojos de Ultramar*, de Jordi Soler. São Carlos: UFSCar, 2023. Dissertação de Mestrado em Estudos de Literatura.

Resumo: A presente dissertação tem por objetivo analisar como os conceitos de memória e identidade operam em *Los Rojos de Ultramar* (2004), romance autoficcional do escritor mexicano Jordi Soler, a partir do aprofundamento de reflexões acerca da transmissão e do resgate da memória histórica e familiar, bem como dos reflexos e impactos do exílio na construção identitária das gerações posteriores. A partir de estudos sobre o pertencimento (ou não-pertencimento) do exilado (SAID, 2006), as possíveis e complexas identidades adquiridas e/ou reformuladas no espaço de exílio (CASTELLS, 2018), e também sobre a memória e o esquecimento (JELÍN, 2002), este trabalho explorará, junto ao narrador do romance, a profunda e tortuosa biografia de Arcadi, um ex-combatente republicano exilado no México. Na tentativa de reconstruir o percurso trilhado por este homem, seu neto, narrador do romance, acaba se envolvendo em uma busca pela construção de sua própria identidade como sujeito portador de duas culturas e de duas línguas. A construção da narrativa de Soler se alicerça nas memórias individuais e coletivas de seu avô e de seus familiares – inseridos no contexto histórico de uma Espanha marcada pela Guerra Civil (1936-1939) e pelo Pós-Guerra Civil Espanhola – mas também em suas próprias lembranças. Dessa forma, a obra escrita institui-se como um arquivo que abarca a memória e a identidade da família de Arcadi.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Exílio; Jordi Soler.

AGOSTINHO, Maria Eugênia Morasco. *Memória e Identidade em Los Rojos de Ultramar*, de Jordi Soler. São Carlos: UFSCar, 2023. Dissertação de Mestrado em Estudos de Literatura.

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar como operan los conceptos de memoria e identidad en *Los Rojos de Ultramar* (2004), novela autoficcional del escritor mexicano Jordi Soler, a partir de la profundización de reflexiones acerca de la transmisión y del rescate de la memoria histórica y familiar, así como de los reflejos e impactos del exilio en la construcción identitaria de las generaciones posteriores. A partir de estudios sobre la pertenencia (o no- pertenencia) del exiliado (SAID, 2006), las posibles y complejas identidades adquiridas y/o reformuladas en el espacio de exilio (CASTELLS, 2018), y también sobre la memoria y el olvido (JELÍN, 2002), este trabajo explorará, junto al narrador de la novela, la profunda e irregular biografía de Arcadi, un ex-combatiente republicano exiliado en México. En el intento de reconstruir el camino recorrido por este hombre, su nieto, el narrador de la novela, acaba por meterse en una búsqueda por la construcción de su propia identidad como sujeto portador de dos culturas y de dos lenguas. La construcción de la narrativa de Soler se apoya en las memorias individuales y colectivas de su abuelo y de sus familiares – insertados en el contexto histórico de una España marcada por la Guerra Civil (1936-1939) y por el período del posguerra – pero también en sus propios recuerdos. De esta forma, la obra escrita se constituye como un archivo que engloba la memoria y la identidad de toda la familia de Arcadi.

Palabras-clave: Memoria; Identidad; Exilio; Jordi Soler.

Sumário

| | |
|---|----|
| <u>INTRODUÇÃO</u> | 11 |
| <u>CAPÍTULO 1 - SOBRE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO</u> | 15 |
| <u>1.1 Jordi Soler em Los Rojos de Ultramar: atravessamentos autoficcionais</u> | 15 |
| <u>1.2 Sobre identidade e suas implicações no exílio</u> | 21 |
| <u>CAPÍTULO 2 – SE FALA O EXILADO, O QUÊ FALA?</u> | 34 |
| <u>2.1 O silêncio advindo do trauma e suas reverberações</u> | 34 |
| <u>2.2 A transmissão da memória individual e coletiva: um olhar sobre Arcadi</u> | 45 |
| <u>CAPÍTULO 3 – A IDENTIDADE POSTA EM CENA</u> | 56 |
| <u>3.1 A construção identitária dos netos do exílio: um olhar sobre o narrador</u> | 56 |
| <u>3.2 O rompimento e a reformulação identitária do exilado: as experiências de Arcadi</u> | 65 |
| <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> | 82 |
| <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</u> | 86 |

INTRODUÇÃO

Los rojos de ultramar (2004), do escritor mexicano Jordi Soler¹, é um romance que percorre as memórias da Guerra Civil Espanhola e da ditadura franquista, explorando suas consequências a nível individual e coletivo a partir da experiência dos exilados. O narrador da obra, semelhante ao autor em vários aspectos, é neto de um republicano catalão exilado, de nome Arcadi, cuja biografia está repleta de lacunas. Pouco a pouco o narrador vai reconstruindo seu percurso, desde a fuga da Espanha ao terminar a guerra e o período de mais de um ano e meio passado no campo de concentração de Argèles-sur-Mer, no sul da França, até a partida para o México graças à ajuda do embaixador mexicano Luis Ignacio Rodríguez.

Obrigado pela guerra e pelo exílio a manter-se separado de sua família, Arcadi finalmente reencontra-se com sua mulher e sua filha, em Veracruz, anos depois de sua partida da Espanha. Estabelecido com elas no México e depois de trabalhar como ajudante de sapateiro e redator de cartas e documentos em um escritório de advogados, Arcadi acaba por estabelecer um negócio próprio, uma plantação de café, gerida por ele e outros quatro catalães exilados, os chamados “rojos de ultramar”, aos quais alude o título do romance.

Entretanto, apesar da vida construída no país de acolhimento, a obra revela que os exilados nunca deixaram de sonhar com o regresso à Espanha, chegando a envolver-se, nos anos 60, em um complô que teria como objetivo o assassinato do ditador Franco, já que sua morte era requisito imprescindível para que pudessem voltar à terra natal. Assim sendo, através da história do avô, o narrador não só se aprofunda na história do exílio republicano, mas também nas marcas emocionais do desterro, que resistem ao tempo e são transmitidas às gerações seguintes.

Ao leitor que desconheça a narrativa de *Los Rojos de Ultramar*, cabe-nos explaná-la brevemente. Há, durante todo o romance, duas instâncias narrativas que se

¹ Jordi Soler nasceu em 1963 em La Portuguesa (Veracruz, México). É autor de dois livros de poesia e treze romances, traduzidos a várias línguas. Durante dez anos, de maneira paralela ao seu trabalho de escritor, fez programas de música e literatura em duas das estações de rádio mais influentes do México. Depois foi diplomata em Dublin e atualmente vive em Barcelona, a cidade que sua família teve que abandonar durante a Guerra Civil Espanhola. É colaborador habitual em vários jornais e revistas e foi condecorado Cavaleiro da irlandesa Ordem dos Finnegans.

alternam: de um lado, em itálico, as memórias de Arcadi narradas diretamente por ele, como forma de registro para a posteridade. De outro, em tipografia normal, o leitor se depara com o narrador-protagonista, neto de Arcadi nascido em Veracruz, professor da Faculdade de Antropologia da Universidade Autônoma do México e quem procura compor e estruturar os relatos de acontecimentos que não teve a oportunidade de conhecer ou saber por inteiro diretamente pelo seu avô ou mesmo por alguém que os tivesse testemunhado ou a quem ele tivesse contado: todo o percurso vivido por seu avô desde a saída da Espanha, os dias vividos no campo de concentração na França, o exílio no México, - onde juntamente com seus quatro amigos catalães, refugiados republicanos como ele, constroem um patrimônio financeiro por meio do plantio de café -, a tentativa de complô contra o ditador Franco, e o último e decisivo retorno à Espanha, já no final de sua vida.

Mediante cartas, documentos, viagens, pesquisas e, sobretudo, depoimentos deixados por Arcadi em gravações de áudio, o narrador-historiador forma um coro de vozes na tentativa de unir os fragmentos da identidade de seu avô, isto é, toda a construção narrativa é articulada através de uma cuidadosa utilização de memórias diversas com vistas a construir todo o sentido da história narrada e, especialmente, das identidades de Arcadi e do próprio narrador enquanto neto de um exilado, deixando à mostra quais as possíveis consequências do trauma da guerra e do exílio nas gerações posteriores. Abordamos o romance, então, a partir de um fio condutor que focaliza a constituição memorialística e identitária de *Los Rojos de Ultramar* (2004). Entendemos, assim, que devido à memória ser parte integrante (se não central) da narração, ela é, também, a maneira pela qual ambos os narradores contam suas histórias fraturadas e fragmentadas pelo espaço e pelo tempo.

O romance de Jordi Soler apresenta uma estrutura interessante no que diz respeito aos 6 capítulos que o compõem, apresentando certa circularidade. O primeiro deles, intitulado *La guerra de Arcadi*, traz ao leitor um panorama inicial das vivências de Arcadi durante a Guerra Civil Espanhola, pinceladas dos dias vividos no trajeto à França, já em processo de exílio, bem como do trabalho inicial do narrador no que diz respeito à recopilação e organização dos materiais produzidos por seu avô que pudessem contar a sua história. O segundo capítulo, chamado *La Portuguesa*, conta da chegada de Arcadi ao exílio no México, de seu encontro, anos depois, com sua filha Laia e sua esposa vindas da Espanha, do seu encontro com outros quatro exilados

catalães partidários da república e de seu bem-sucedido estabelecimento em terras mexicanas a partir da solidificação de um negócio próprio, a plantação de café gerida junto a seus outros quatro companheiros.

O terceiro capítulo, intitulado *Argelès-sur-Mer*, conta em detalhes os dias vividos no campo de concentração francês, homônimo ao título, bem como as movimentações iniciais do então embaixador mexicano Luis Ignacio Rodriguez para dar refúgio, no México, aos milhares de expatriados espanhóis que haviam fugido de seu país como consequência da derrota republicana. O capítulo seguinte, *The French Connection*, enfoca, principalmente, os esforços diplomáticos de Luis I. Rodriguez e Leduc, seu secretário, para viabilizar a saída dos exilados da França, mostrando ainda como se deu, de fato, todo esse processo para Arcadi e outros exilados.

O penúltimo capítulo do romance é chamado *El Complot* e narra precisamente todo o planejamento e tentativa de execução do plano com vistas ao assassinato de Franco, elaborado por Arcadi e seus outros companheiros republicanos. Já o último capítulo, que dá forma à circularidade presente no livro, também é chamado *La guerra de Arcadi*, exatamente como o primeiro. Entretanto, neste último capítulo, a guerra de Arcadi não é mais a Guerra Civil Espanhola e suas batalhas não são mais empunhando armas em trincheiras. Neste último momento, arrasado por um retorno frustrante a uma Espanha não mais familiar, anos depois de sua saída, Arcadi acaba por travar uma guerra consigo mesmo, desta vez interna, devastado pelo entendimento da impossibilidade de readaptação às suas origens. Este momento final é quando Arcadi batalha com a complexidade de entender-se como um permanente estrangeiro.

Finalmente, cabe-nos apresentar os capítulos integrantes desta dissertação e sua sequência lógica. No primeiro capítulo, percorreremos teoricamente os traços autoficcional de *Los Rojos de Ultramar* a partir, principalmente, dos escritos de José Martínez Rubio (2012), Philippe Lejeune (2008) e Manuel Alberca (2007), além de tentarmos responder às perguntas: quais os entraves identitários gerados no exílio? Quem são os netos do exílio e como e a quem pertencem? Para respondermos a essas questões, este primeiro capítulo apresentará 2 seções. Na primeira delas, discutiremos teoricamente a autoficção, valendo-nos também, ademais dos autores citados anteriormente, de entrevistas concedidas pelo próprio Jordi Soler para elucidar as relações estabelecidas entre a vida e a ficção. Adiante, na segunda seção, discutiremos a identidade, o exílio e o conceito de pertencimento à luz do exilado. Para isso, traremos

um breve panorama histórico com o objetivo de situar e categorizar o fenômeno do exílio, neste caso, como uma causa direta da Guerra Civil Espanhola e da ditadura franquista. Para fundamentar a explicação histórica, bem como o conceito de exílio, nos apoiaremos, principalmente, nas contribuições de Julio Martín Casas e Pedro Carvajal Urquijo (2002), Edward Said (2003), Julia Kristeva (1994) e Paul Ilie (1981), autores que permearão quase todo o desenvolvimento deste trabalho. No que concerne ao tema da identidade, fundamentaremos a discussão sob o aporte teórico do sociólogo Manuel Castells (2018) e Tzvetan Todorov (1999).

O segundo capítulo enfocará o exilado, seu silenciamento e a transmissão das memórias coletivas e individuais. Nos debruçaremos sobre o funcionamento das memórias de Arcadi quando colocadas em cena, bem como sobre a dinâmica que essas memórias exercem nas gerações posteriores. Também constituído por 2 seções, este capítulo contará, em sua primeira seção, com discussões sobre o pacto de silêncio propostas por Mercedes Yusta Rodrigo (2014), com o aporte histórico de Santos Juliá (2003) e com as contribuições sobre memória e esquecimento de Aleida Assmann (2011), Paul Ricoeur (2007) e Elizabeth Jelín (2002). Para a segunda seção, que tratará especificamente sobre a dinâmica de transmissão da memória às gerações posteriores, nos apoiaremos no aporte teórico de Tzvetan Todorov (1999), de Elizabeth Jelín (2002) e Maurice Halbwachs (1990).

Por fim, o terceiro e último capítulo desta dissertação trará discussões majoritariamente focadas no tema da identidade, porém, pretendendo unir os conceitos de memória e identidade, além de analisar, sempre à luz do romance, o que, nos netos do exílio, advém da história de seus antepassados, também observando e destacando como a identidade de um sujeito pode ser rompida e remodelada como consequência dos efeitos trágicos da guerra. Também composto por 2 seções, neste capítulo recorreremos às contribuições teóricas de Amin Maalouf (2012), Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (2005), Tzvetan Todorov (1999) e também do linguista brasileiro Rodolfo Ilari (2004) para que discutamos o protagonismo da língua no processo de construção identitária.

CAPÍTULO 1 - SOBRE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

1.1 Jordi Soler em *Los Rojos de Ultramar*: atravessamentos autoficcionais

Em entrevista concedida ao jornal *The San Diego Tribune* (2019), Jordi Soler afirma: “En *Los rojos de ultramar* yo me disfracé de profesor de la UNAM, es una novela tan cercana a la realidad, en Francia le pusieron que era una historia real, autobiográfica y en ese país creen que sí soy profesor universitario”². Ao discutir o conceito de autoficção, é imprescindível recorrer a aportes teóricos que possam pontuar alguns recortes que a diferenciem de outra vertente narrativa muito semelhante: a autobiografia. Em primeiro lugar, faz-se importante ressaltar que *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004) pode ser considerado um romance investigativo, dada a forma como o narrador empreende o processo de descoberta e assimilação das informações e documentos que vai recolhendo ao longo do percurso. Segundo Elina Liikanen (2013, p. 81):

En muchos casos, las novelas-investigación contienen un juego autoficticio. Este se produce cuando, en principio, el autor, el narrador y el personaje de la novela se identifican como una misma persona, aunque las características de los dos últimos no coincidan plenamente con las del referente externo. De este modo, la referencialidad se afirma y se desmiente a la vez, lo que da lugar a un pacto ambiguo entre la autobiografía y la ficción. La modalidad narrativa de la novela-investigación también toma prestados algunos elementos propios de la novela de aprendizaje (*bildungsroman*) y de la novela negra. Casi siempre, la pesquisa histórica del narrador se convierte en una búsqueda identitaria, en un viaje a las propias raíces. En el curso de la investigación, el narrador llega a identificarse con un personaje del pasado, testigo o protagonista de los hechos bajo escrutinio. Esta conexión intergeneracional hace que los acontecimientos pretéritos vayan recobrando vida y sentido para el narrador, que al final acaba reconociéndolos como parte de su propia memoria. El hecho de restablecer una conexión entre el pasado y el presente permite al narrador afirmar sus señas de identidad, así como su pertenencia a una comunidad específica.³

² “Em *Los Rojos de Ultramar* eu me disfarcei de professor da UNAM, é um romance tão próximo à realidade, na França taxaram-no como uma história real, autobiográfica e nesse país acreditam que sou professor universitário.” (Tradução livre da autora)

³ “Em muitos casos, os romances de investigação possuem um jogo autofictício. Este se produz quando, a princípio, o autor, o narrador e o personagem do romance se identificam como uma mesma pessoa, ainda que as características dos dois últimos não coincidam plenamente com as do referencial externo. Deste modo, a referencialidade se afirma e se desmente ao mesmo tempo, o que dá lugar a um pacto ambíguo entre a autobiografia e a ficção. A modalidade narrativa do romance de investigação também toma emprestados alguns elementos próprios do romance de aprendizado (*bildungsroman*) e da *novela negra*. Quase sempre, a pesquisa

Em *O Pacto Autobiográfico* (2008), Philippe Lejeune explora, entre outras questões, o conceito homônimo ao livro. Entretanto, é interessante ressaltar que o próprio conceito de autobiografia já abre margem para imprecisões em sua definição. Logo de início, Lejeune coloca-se em um tom irresoluto ao abrir o texto com a seguinte pergunta: “seria possível definir a autobiografia?” (p. 13). De qualquer forma, o autor tenta encontrar respostas discutindo questões ligadas às divergências entre autobiografia, biografia e romance, bem como as relações de identidade entre autor, narrador e personagem.

No que diz respeito ao “pacto autobiográfico” citado anteriormente, Lejeune o define, em linhas gerais, como um tipo de contrato de leitura estabelecido entre o autor e o leitor. Essa convenção corresponderia aos princípios de veracidade e de identidade entre o autor, o narrador, e o personagem-protagonista. Dentro dessa dinâmica, é natural que o leitor considere o texto autobiográfico (seja ele uma autobiografia, um testemunho, um diário...) como a “verdade do indivíduo”, o que o diferencia, por exemplo, do romance, já que neste último não há rigor no compromisso com a realidade, diferente da autobiografia, em que se pressupõe a precisão do pacto de veracidade.

Logo nos capítulos iniciais de *O Pacto Autobiográfico* (2008), Lejeune conta com as contribuições de Benveniste para expor a problemática da referenciação do “eu” na autobiografia. Em linhas gerais, inicialmente afirma que, partindo da premissa do discurso oral, a recorrente identificação, por parte do interlocutor ou ouvinte, do “eu” como aquele que fala, pode ser problemática por alguns fatores, como por exemplo pelo discurso dentro do discurso presente na situação teatral ou pela problemática do que chama de “discurso oral à distância” (p. 21), um discurso no qual não há outros meios de identificar o locutor senão pela voz, como um diálogo à distância ou no escuro, por exemplo. Na sequência, complementa:

histórica do narrador se converte em uma busca identitária, em uma viagem às próprias raízes. No curso da investigação, o narrador chega a identificar-se com um personagem do passado, testemunha ou protagonista dos acontecimentos sob escrutínio. Esta conexão intergeracional faz com que os acontecimentos pretéritos vão recobrando vida e sentido para o narrador, que ao final acaba reconhecendo-os como parte de sua própria memória. O fato de reestabelecer uma conexão entre passado e presente permite que o narrador afirme seus traços de identidade, bem como seu pertencimento a uma comunidade específica.” (Tradução livre da autora)

Quando a comunicação oral se baralha, a identidade torna-se um problema. Mas no caso da comunicação escrita, a menos que a pessoa deseje permanecer no anonimato (o que pode acontecer!), quem enuncia o discurso deve permitir sua identificação, no próprio discurso, de algum outro modo que por signos materiais tais como o carimbo do correio, o grafismo ou as singularidades ortográficas. (LEJEUNE, 2008, p. 21)

Dessa discussão surge, segundo Lejeune (2008), a problemática da autobiografia: o nome próprio. Segundo o autor, é nesse nome que se insere toda a existência do autor, “única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito” (p. 23). É esse nome que, segundo Lejeune (2008), liga-se ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real, de uma pessoa “cuja existência é atestada pelo registro em cartório e verificável” (p. 23). É a sua existência, nunca posta em dúvida, que confirma a credibilidade concedida a esse tipo de pacto, de contrato social estabelecido dentro do texto autobiográfico.

Dado o panorama geral do que propõe Philippe Lejeune (2008) sobre o conceito de autobiografia, debruçamo-nos sobre os estudos de Manuel Alberca em seu livro *El Pacto Ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción* (2007). Enfocaremos seu terceiro capítulo, intitulado “Aventis’ de autor”, no qual predominam as reflexões sobre o conceito da autoficção, bem como as distinções entre o romance autobiográfico e a autoficção. Em determinado momento, Alberca explica que nas histórias de aventura, as “aventis” (diversão preferida das crianças pobres no período do pós-guerra), cada narrador/criança, no seu turno de fala, assumia o papel de protagonista com seu nome próprio e integrava as outras crianças do grupo nos relatos, repartindo papeis e improvisando a narração. O autor afirma que “las historias se podían enriquecer con los argumentos de las películas vistas en el cine del barrio o con las historias y sucesos verdaderos que los pequeños escuchaban contar a los mayores” (p. 127)⁴. O teórico relaciona, então, o mecanismo dessas histórias de aventura à prática autoficcional atual, já que ambas acabam por ser transposições e reelaborações literárias de histórias ou aventuras.

⁴ “as histórias podiam ser enriquecidas com os enredos dos filmes vistos no cinema do bairro ou com as histórias e acontecimentos verdadeiros que os pequenos escutavam os adultos contarem.” (Tradução livre da autora)

No que diz respeito ao romancista da autoficção, Alberca explica que este acaba sendo um “fabulador de su propia vida” (p. 128), uma vez que, segundo o autor, ele cria histórias a partir de sua vida e aproveita a dos outros para construir uma aventura própria, principalmente em um cenário duro como o do pós-guerra e em épocas chamadas por ele de épocas de “falsa paz” (p. 128).

Para Alberca, a autoficção não é exatamente um outro tipo de romance autobiográfico, mas sim uma proposta fictícia e/ou autobiográfica mais transparente e mais ambígua. Segundo o teórico:

La autoficción se presenta como una novela, pero una novela que simula o aparenta ser una historia autobiográfica con tanta transparencia y claridad que el lector puede sospechar que se trata de una pseudo-novela o una pseudo-autobiografía, o lo que es lo mismo, que aquel relato tiene “gato encerrado”. Su transparencia autobiográfica proviene de la identidad nominal, explícita o implícita, del narrador y/o protagonista con el autor de la obra, cuya firma preside la portada. Este rasgo resulta inimaginable en los novelistas autobiográficos, toda vez que éstos aspiran a ocultarse, es verdad que de forma contradictoria, en un personaje ficticio y distanciarse de él mediante una nominación distinta a la suya. (ALBERCA, 2007, p. 128)⁵

Los Rojos de Ultramar (2004), como foi dito anteriormente, é um romance em que o narrador conta a história de seu próprio avô, um exilado catalão da República que, no exílio, funda uma pequena colônia na selva mexicana e que posteriormente participa de um projeto de atentado contra o general Francisco Franco. Durante toda a narrativa, os traços de ficção constantemente se mesclam aos eventos factuais vivenciados pelo autor Jordi Soler e Francesc - o avô de Soler na vida real -, bem como às suas memórias.

O narrador do romance, sem nome, é um professor da Faculdade de Antropologia da Universidade Autônoma do México, nascido e criado em Veracruz, mais especificamente na colônia de La Portuguesa, criada por seu avô e outros exilados catalães da, então, República Espanhola. Em relação a esses dados, o autor, Jordi Soler, difere do personagem apenas no que diz respeito à profissão. Arcadi, avô do narrador, é

⁵ “A autoficção se apresenta como um romance, mas um romance que simula ou aparenta ser uma história autobiográfica com tanta transparência e clareza que o leitor pode suspeitar que se trata de um pseudo-romance ou de uma pseudo-autobiografia, ou que aquele relato tem “algo suspeito”. Sua transparência autobiográfica advém da identidade nominal, explícita ou implícita, do narrador e/ou protagonista com o autor da obra, cuja assinatura preside a primeira página. Este traço faz-se inimaginável nos romancistas autobiográficos, toda vez que estes aspiram a ocultarem-se, é verdade que de forma contraditória, em um personagem fictício e distanciar-se dele mediante uma nomenclatura distinta à sua.” (Tradução livre da autora)

um ex-combatente da frente republicana na Guerra Civil Espanhola e posteriormente exilado no México, onde se estabelece e vive até seu falecimento. Nesse panorama geral, o avô de Jordi Soler se difere de Arcadi apenas pelo nome. Chamava-se Francesc.

Os cenários e eventos que compõem a narrativa também associam-se à realidade vivida por Francesc: a montanha de Monjuïc de Barcelona, onde exerceu seu posto na artilharia durante a Guerra Civil, a fuga à França ao final de janeiro de 1939 e o campo de concentração na praia de Argelès-sur-Mer, a fundação da plantação e colônia de La Portuguesa junto a outros catalães, em plena selva, a relação com o embaixador do México na França.

Em uma entrevista concedida em 2005 ao *El País*, à jornalista Rosa Mora, Jordi Soler afirma que seu avô deu a ele suas memórias, pois era justamente ele quem mais lhe perguntava sobre a Espanha e sobre a guerra. Conta ainda que Francesc pediu que nada fosse feito com elas e que, ao publicá-las em uma reportagem no *El País Semanal*, seu avô ficou enfurecido. Muito dessas memórias entregues a Jordi Soler são claramente identificadas ao longo de toda a narração do romance, porém com interposições de elementos ficcionais e subjetivos inseridos pelo autor. Na mesma entrevista, Rosa Mora afirma que as memórias de Francesc acabam se misturando às próprias memórias de Soler, ao que o autor de *Los Rojos de Ultramar* responde: “Viví toda mi infancia en La Portuguesa, todo lleno de bichos, al aire libre, a 800 metros sobre el nivel del mar...”⁶ (apud MORA, 2005) ao que acrescenta: “La memoria de mi abuelo es la mía, este libro es la reconstrucción de su memoria. Él me dio las claves, pero a medida en que avanzaba, mis abuelos se convirtieron en paisajes literarios. La escribí como mis anteriores novelas”.⁷ (idem, idem).

Em seu livro *Magia e técnica, arte e política* (1987), Walter Benjamin faz uma asserção sobre o narrador que muito se conecta a esse processo vivido pelo neto de Arcadi ao longo da narrativa, bem como ao papel por ele desempenhado ao longo da recuperação e transmissão das memórias de seu avô, afirmando:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio.

⁶ “Vivi toda a minha infância em La Portuguesa, rodeado por bichos, ao ar livre, 800 metros acima do nível do mar...” (Tradução livre da autora)

⁷ “A memória do meu avô é a minha, este livro é a reconstrução de sua memória. Ele me deu os códigos, mas a medida em que avançava, meus avós se transformaram em paisagens literárias. Escrevi-a como meus romances anteriores.” (Tradução livre da autora)

Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). (p. 221)

Ao adentrarmos o campo onde deve-se discutir algumas questões ligadas à oposição (ou correlação) entre realidade e ficcionalidade, recorreremos às contribuições de José Martínez Rubio (2012) e Manuel Alberca (2007). Em artigo publicado em 2012, Martínez Rubio cita o “pacto de ficcionalidade” sugerido por Lejeune em sua obra *El Pacto Autobiográfico y otros estudios* (1994), e acrescenta:

[...] el autor se compromete a fabular sin perjuicio de lo extraliterario, es decir, lo que conocemos como novela de ficción. Los documentos tendrán un papel distinto: en el primero de los casos, intentarán ser la demostración de la parte de verdad que se persigue; en el segundo, orquestarán toda una estrategia de verosimilitud, como un “efecto de autenticidad”, derivado del “efecto de realidad” de Barthes.
(RUBIO, 2012, p. 415)⁸

Manuel Alberca (2007) descreve uma via intermediária entre o real e o ficcional que contempla com bastante precisão nossa proposta de análise de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), visto que estipula um tipo de narração em primeira pessoa que unifica autor, narrador e personagem, mas cujas propriedades no romance são, às vezes, irreconhecíveis no referencial externo. É o que chama de autoficção. Essa imprecisão no reconhecimento externo estabelece o que chama de “pacto de ambiguidade” entre o autor e o leitor, porque, como explica Rubio (2012) “la referencialidad se afirma y se desmiente a lo largo de toda la obra” (p. 415)⁹.

Rubio (2012, p. 415) ainda menciona outro conceito bastante pertinente para a presente discussão: a docuficção, de Christian von Tschiltschke e Dagmar Schmelzer (2010 apud Rubio, 2012, p. 415). Segundo os teóricos, a docuficção é “un modo representativo que supera barreras mediáticas y de género en el que se entrecruzan elementos, técnicas y estrategias documentales y ficcionales” (Tschiltschke y Schmelzer,

⁸ “[...] o autor se compromete a fabular sem prejuízos do extraliterário, ou seja, do que conhecemos como romance de ficção. Os documentos terão um papel distinto: no primeiro caso, tentarão ser a demonstração da parte de verdade que se persegue; no segundo, orquestrarão toda uma estratégia de verossimilhança, como um ‘efeito de autenticidade’, derivado do ‘efeito de realidade’ de Barthes.” (Tradução livre da autora)

⁹ “a referencialidade se afirma e se desmente ao longo de toda a obra”. (Tradução livre da autora)

2010, p. 16 apud Rubio, 2012, p. 415)¹⁰. Jorge Semprún, escritor, intelectual, e roteirista cinematográfico espanhol, em seu livro *La escritura o la vida* (1995, p. 141) exemplifica o conceito quando afirma:

Habrán testimonios en abundancia... Valdrán lo que valga la mirada del testigo, su agudeza, su perspicacia... Y luego habrá documentos... Más tarde, los historiadores recogerán, recopilarán, analizarán unos y otros: harán con todo ello obras muy eruditas... Todo se dirá, constará en ellas... Todo será verdad... salvo que faltará la verdad esencial, aquella que jamás ninguna reconstrucción histórica podrá alcanzar, por perfecta y omnicompreensiva que sea...¹¹

Em *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), mais do que simplesmente contar com a rememoração dos relatos de seu avô, o narrador-protagonista opta por desbravar o passado de Arcadi a partir de elementos documentais, como gravações de áudios que contam com a narração do próprio protagonista dessas histórias, bem como fotos, escritos, e uma própria conduta investigativa que permeia todo o processo empreendido pelo narrador. Entretanto, ainda que tenha em mãos todo esse aporte comprobatório, a todo momento insere pensamentos, crenças e criações próprias para compor com mais totalidade um relato naturalmente repleto de lacunas, como são todas as narrativas que dependem da memória, tema este a ser tratado mais adiante.

1.2 Sobre identidade e suas implicações no exílio

Previamente à discussão que se aprofunda na relação entre identidade e exílio, faz-se produtiva uma breve contextualização histórico-social do período a que corresponde parte da narrativa de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004): a Guerra Civil Espanhola e o período subsequente a ela, que é justamente o momento em que o exílio republicano espanhol cria forma e se solidifica.

¹⁰ “um modo representativo que supera barreiras midiáticas e de gênero e no qual que se entrecruzam elementos, técnicas y estrategias documentais e ficcionais.” (Tradução livre da autora)

¹¹ “Haverá testemunhas em abundância... Valerão o que valha o olhar da testemunha, sua agudeza, sua perspicácia... E então haverá documentos... Mais tarde, os historiadores recolherão, recopilarão, analisarão unos e outros: farão com tudo isso obras muito eruditas... Tudo será dito, constará nelas... Tudo será verdade... salvo que faltará a verdade essencial, aquela que jamais nenhuma reconstrução histórica poderá alcançar, por mais perfeita e omnicompreensiva que seja...” (Tradução livre da autora)

Tentar estabelecer um único agente que possa ser dado como causa principal do estopim e da porta de entrada para a Guerra Civil Espanhola resume-se a um ato simplista. Diferentes aspectos foram fundamentais na explosão do conflito: a extrema e apaixonada polarização (apaixonada, pelo fervor com que defendiam seus ideais) entre o eixo político de esquerda (que defendia revolução e distribuição de renda como fórmula para o bem estar universal) e de direita (intimidada por uma difusão do pensamento Bolchevique, gerado por uma retórica do medo, e com a essência reacionária já historicamente enraizada); a questão do autoritarismo em oposição à liberdade individual e à questão do centralismo estatal versus. as já crescentes aspirações regionalistas que surgiam por toda a Espanha. Une-se a isso um “egoísmo suicida” dos grandes proprietários de terra e a retórica que atiçava o medo do bolchevismo e empurrava a classe média para o rol de ideais do fascismo (BEEVOR, 2007).

Eclode, pois, em julho de 1936, após a convergência inevitável dos determinantes citados unidos ao golpe ao estado democrático vigente da II República Espanhola, liderado pelo General Francisco Franco, a Guerra Civil Espanhola, que tem como protagonista os conflitos extremamente violentos entre a Frente Popular (composta por inúmeros partidos de esquerda e organizações afiliadas) – de caráter republicano – e a extrema direita, com destaque para a Falange (partido de estilo fascista criado em 1933, por José Antonio Primo de Rivera, mais tarde unido aos Carlistas, partido ultraconservador que se originou no século XIX) – apoiadores dos ideais nacionalistas da Velha Espanha. A Espanha transformara-se em um caldeirão prestes a explodir.

Em 1939, a guerra civil se encerra e, por fim, os militares saem vitoriosos e é instaurado o regime de caráter fascista gerido pelo general Francisco Franco, que comandava o exército vencedor. Implanta-se novamente, com este regime, um governo pautado em moldes extremamente violentos e conservadores que perdurariam, com algumas mudanças modestas, quase quarenta anos.

O que nos interessa de maneira central neste capítulo, dentre os inúmeros flagelos gerados na Espanha a partir da Guerra Civil e do conseqüente regime ditatorial, é o exílio. Este fenômeno, podendo ser também chamado de expatriação forçada, ou degredo, assolou a Espanha no período do pós-guerra, justamente porque o país havia se tornado um território de terror e perseguição aos vencidos.

Sob o comando do general Lázaro Cárdenas, México foi um dos países a abrir suas fronteiras e receber um grande contingente de exilados espanhóis. Entretanto, cabe destacar que esta ajuda diplomática mexicana não correspondia somente a um ato de solidariedade, mas ao se opor à intervenção de potências estrangeiras na Espanha, se produziria uma mensagem preventiva com relação à expropriação e nacionalização das empresas petrolíferas que realizaria Cárdenas. Segundo dados da Agencia da ONU para os Refugiados (UNHCR - ACNUR) estima-se que entre 20,000 e 25,000 espanhóis se exilaram no México entre 1939 e 1942. Julio Martín Casas e Pedro Carvajal Urquijo (2002, p.226) explicam que:

El grueso del exilio que llegó a México fue muy representativo de la España de la época, o sea, una gran cantidad de campesinos, una gran cantidad de obreros, de profesionales liberales, de funcionarios, de burócratas, que llamamos aquí a los trabajadores del Estado, y luego una gran cantidad de mujeres que en su mayoría no tenía profesión y venían siguiendo a sus hombres. La mujer, desde mi punto de vista, desarrolló un papel fundamental, que fue el de conservar para los hijos la identidad del exiliado. Es la que mantuvo en el interior de las casas y muy en relación con las escuelas que fundaron los exiliados en México este concepto de ser republicano español y, por ende, exiliado español.¹²

Como bem o definiu Said (2003, p. 46), “ele [o exílio] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar”. O sentimento central do exilado é o de não pertencer a nenhum lugar, de estar desgarrado e de não ter um lugar para chamar de seu. María José de Queiroz (1998, p. 41) afirma que “na literatura, os sem-lar – *an-hestios*, e os sem-cidade – *a-polis*, equivalem aos nossos fora-da-lei”, ao que acrescenta: “Do afastamento da casa e da pátria resultam, além da carência afetiva e dos danos civis, de dolorosa repercussão na rotina, a morte degradante, [...] a escravidão em terra alheia, a ruptura do hábito, a perda dos bens e, à volta, as dificuldades de readaptação”.

¹² “O grosso do exílio que chegou a México foi muito representativo sobre a Espanha da época, ou seja, uma grande quantidade de camponeses, uma grande quantidade de operários, de profissionais liberais, de funcionários públicos, de burocratas, que chamamos aqui de trabalhadores do Estado e, então, uma grande quantidade de mulheres que na sua maioria não tinham profissão e vinham seguindo seus homens. A mulher, desde o meu ponto de vista, desenvolveu um papel fundamental, que foi o de conservar para os filhos a identidade do exilado. É quem manteve no interior das casas e muito com relação às escolas que os exilados fundaram no México este conceito de ser republicano espanhol e, além disso, exilado espanhol.” (Tradução livre da autora)

Em seu livro *Estrangeiros Parar Nós Mesmos* (1994), Julia Kristeva, filósofa, escritora e crítica literária búlgaro-francesa, debruça-se sobre o fenômeno do exílio e define sua essência da seguinte maneira:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um sursis, de ter escapado. (p. 15)

É interessante a maneira como Kristeva constrói a imagem do “estrangeiro”, correntemente associada à figura daquele que não nasceu no nosso país, não vive no mesmo lugar que nós, não fala a nossa língua ou não conhece nossos costumes. Não só. Para a autora, o estrangeiro é também aquele que não frequenta os mesmos espaços sociais que nós frequentamos, não torce para o mesmo time, não pertence à nossa tribo, ao nosso grupo. Em suma, o estrangeiro, segundo Kristeva, é todo aquele que seja diferente de nós mesmos: o outro. Esse duplo panorama do que é ser um exilado reforça ainda mais a condição daquele que experiencia o exílio, pois ainda que esse indivíduo se integre fisicamente à nova comunidade à qual, muitas vezes, parcamente pertence no exílio, continuará marcado como o outro, o de fora, o dessemelhante. “[...] O estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades” (KRISTEVA, 1994, p. 9).

Em seu livro, *Reflexões Sobre o Exílio e Outros Ensaios* (2003), Edward Said, crítico literário e pensador do mundo árabe, traça um preciso paralelo entre o conceito de nacionalismo - sólido constituinte dos regimes ditatoriais - e o fenômeno do exílio. Explica que o nacionalismo é “uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural” (p. 49), e que ele, ao estabelecer uma pátria criada por uma comunidade de identificações em comum (língua, cultura, costumes), nega o exílio e combate veementemente os possíveis estragos que dele possam advir. Said (2003, p. 49 - 50) afirma ainda que:

[...] a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana do senhor e do escravo, opostos que informam e constituem um ao outro. Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação. [...] Com o tempo, os nacionalismos bem-sucedidos atribuem a verdade exclusivamente a eles mesmos e relegam a falsidade e a inferioridade aos outros [...]

Para que se possa demonstrar um pouco da profundidade e da complexidade do que permeia o conceito de exílio, é conveniente ressaltar que, além dos espaços de exílio buscados fora do país de origem, deve-se também levar em consideração a própria pátria como uma possível zona de exílio e o sujeito que não encontra meios de ir embora, como um exilado. Paul Ilie, em seu livro *Literatura y exilio interior* (1981), afirma que “si hay una *España Peregrina*, la causa, como lo expresa Francisco Ayala, es la existencia de una *España Cautiva*”¹³, ao que acrescenta que “ambas Españas, la peregrina y la cautiva, la fugitiva de sí misma y la aherrojada en sí, se anhelan recíprocamente, víctimas de un mismo destino” (ILIE, 1981, p. 27)¹⁴.

Esse panorama exposto por Paul Ilie é evidenciado logo no primeiro capítulo do romance, quando o narrador descreve as ligações telefônicas anuais, em época de Natal, feitas para além-mar:

Aun cuando no se podía regresar a España, aquella ciudad se nos presentaba como el objeto del deseo, que era semanalmente espoleado con los paseos por las Ramblas que Arcadi proyectaba sobre el tapiz verde del salón, y con menos frecuencia, pero con una intensidad, digamos, anual, con la llamada telefónica que ejecutaba, en presencia de todos, desde el teléfono que estaba atornillado a la pared del desayunador. Marcaba el cero y esperaba, esperábamos, a que la operadora le preguntara la fila de números que se sabía de memoria y que iba diciendo de manera pausada, paladeada incluso, era la única vez en el año que dictaba esa cifra que era, en cierto modo, su cordón umbilical con Barcelona. Luego volvíamos a esperar, a veces mucho, a veces tanto que la operadora le pedía que volviera a paladear la cifra. Finalmente contestaban del otro lado del océano, Alicia o la tía Neus, daba lo mismo, de todas formas, allá en el piso de Viladomat, se arrebatában el teléfono para hablar con su familia de México, a la que no veían desde hacía décadas, desde el final de la guerra. El segundo acto de la llamada navideña, luego del diálogo de Arcadi, que era una mezcla inconcebible de nostalgia y tristeza, era irnos pasando a cada uno el auricular. Todo lo que conocíamos de esas mujeres eran sus voces, a partir de ahí teníamos que hacer el ejercicio de inventarlas. Fotos no había, cada quien, supongo, combate la nostalgia como puede. (SOLER, 2004, p. 40)¹⁵

¹³ “se existe uma Espanha Peregrina, a causa, como expressa Francisco Ayala, é a existência de uma Espanha Cautiva”. (Tradução livre da autora)

¹⁴ “ambas Espanhas, a peregrina e a cativa, a fugitiva de si mesma e a subjugada em si, desejam-se reciprocamente, vítimas de um mesmo destino”. (Tradução livre da autora)

¹⁵ “Mesmo quando não se podia regressar à Espanha, aquela cidade apresentava-se a nós como o objeto de desejo, que era semanalmente estimulado pelos passeios pelas Ramblas que Arcadi projetava sobre o tapete verde da sala, e com menos frequência, mas com uma intensidade, digamos, anual, com a chamada telefônica que executava, na presença de todos, do telefone que estava preso à parede da copa. Marcava o zero e esperava, esperávamos, que a operadora lhe perguntasse a sequência de números que sabia de cor e que ia dizendo de maneira pausada, com gosto até, era a única vez no ano que ditava esses números que eram, de certo modo, seu cordão umbilical com Barcelona. Depois voltávamos a esperar, às vezes muito, às vezes tanto que a operadora pedia-lhe para repetir os algarismos. Finalmente

Ao narrar as experiências de seu avô no campo de Argelès-Sur-Mer, o narrador de *Los Rojos de Ultramar* (2004, p. 46) diz que alguns, aterrorizados pelos sofrimentos vividos ali, decidiam, por fim, voltar à Espanha “a purgar la pena que les tocara durante los años que fueran necesarios para finalmente reunirse con su familia y rehacer su vida”¹⁶, e acrescenta, fazendo-nos compreender com precisão o grande estigma que permanentemente acompanharia esses indivíduos marcados pela guerra:

Los que optaban por esto se ganaban el rechazo de aquella mayoría republicana que, aun cuando pasaba las de Caín en esa playa, no pensaba manchar el resto de su vida con la catástrofe personal de irse a rendir ante Franco. (SOLER, 2004, p. 46)¹⁷

O fim da Guerra Civil Espanhola cinde ainda mais o país, agora com vencedores e vencidos. Os vencidos, ou seja, os que apoiavam o levante fascista, tomaram a Espanha como seu patrimônio exclusivo e acusavam de anti-Espanha os demais, incluindo os exilados; e os outros, os que lutavam pela democracia e pela liberdade, consideravam o conceito de pátria contaminado pela retórica do regime autoritário. Desta forma, viver em meio a essa atmosfera não só de não identificação e exclusão, mas também de medo, sem poder optar pela partida, também consistia em um tipo de exílio. Julio Martín Casas e Pedro Carvajal Urquijo (2002, p.127), afirmam:

En España, la dictadura de Franco se vio con las manos libres para llevar a cabo una implacable represión sobre los vencidos: fusilamientos en masa, juicios sumarísimos, campos de concentración, batallones de castigo y graves condenas a la población considerada no afecta. [...] se aplicó la tarea de limpiar la Patria de elementos indeseables que cometieron la felonía de apoyar o respetar la legalidad republicana.¹⁸

respondiam do outro lado do oceano, Alicia ou a tia Neus, tanto fazia, de qualquer forma, lá no apartamento de Viladomat, corriam ao telefone para falar com sua família do México, a qual não viam há décadas, desde o final da guerra. O segundo ato do telefonema natalino, depois do diálogo de Arcadi, que era uma mistura incompreensível de nostalgia e tristeza, era passarmos o telefone um ao outro. Tudo o que conhecíamos dessas mulheres eram suas vozes, a partir disso, tínhamos que fazer o exercício de inventá-las. Não havia fotos, cada qual, suponho, combate a nostalgia como pode.” (Tradução livre da autora)

¹⁶ “parar purgar a aflição que os acometera durante os anos que foram necessários para finalmente reunirem-se com sua família e refazerem suas vidas”. (Tradução livre da autora)

¹⁷ “Os que optavam por isto, ganhavam a rejeição daquela maioria republicana que, ainda quando passava as de Caín nessa praia, não pensava manchar o resto de suas vidas com a catástrofe pessoal de ir embora e render-se diante de Franco.” (Tradução livre da autora)

¹⁸ “Na Espanha, a ditadura de Franco viu-se com as mãos livres para colocar em prática uma implacável repressão sobre os vencidos: fuzilamentos em massa, julgamentos sumarísimos, campos de concentração, batalhões de castigo e graves condenações à população

Em *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004, p. 18), o narrador, neto de Arcadi, ao iniciar o relato da saída de seu avô da Espanha, muito precisamente afirma: “nadie deja su país y a su familia mientras exista la mínima esperanza de resolver las cosas de otra manera”.¹⁹

Em 1939, devido à queda de Barcelona e ao avanço das forças franquistas na Catalunha, boa parte da população republicana se viu obrigada a dirigir-se à França, em busca de proteção. Este foi o início de experiências dramáticas no exílio, como a reclusão dos refugiados em campos de internamento franceses, comumente denominados como campos de concentração. Um desses campos estabelecidos no território francês foi o campo de Argelès-sur-Mer, onde Arcadi, o avô republicano do narrador de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), acaba permanecendo por mais de um ano e meio em condições sub-humanas, junto a outros milhares de refugiados.

Casas e Urquijo (2002, p. 99-100) explicam que para os anarquistas a Guerra Civil Espanhola foi uma última oportunidade para fazer revolução. Muitos deles acabaram ficando na França, como Federica Montseny, ministra da República espanhola, de quem os autores compartilham uma fala sobre esse cenário:

Esperábamos también una solidaridad masiva del pueblo francés hacia nosotros, que habíamos hecho todo cuanto había sido posible a favor de la República francesa y de los antifascistas franceses. No fue así, se nos trató como enemigos. Se cogió a nuestra gente en masa, y se nos llevó a los campos de concentración...²⁰

Após os mais de dezessete meses no campo, vivendo sob condições degradantes, Arcadi finalmente parte para Veracruz, no México, onde acabaria por se estabelecer pelos próximos 60 anos, até a sua morte, em meados de 2001. As partes da narrativa que tratam dos momentos de chegada, assimilação e incorporação de Arcadi à Veracruz, mais especificamente à comunidade de La Portuguesa, na selva mexicana, o narrador

considerada não *afecta*. [...] aplicou-se a tarefa de limpar a Pátria de elementos indesejáveis que cometeram a felonía de apoiar ou respeitar a legalidade republicana.” (Tradução livre da autora)

¹⁹ “ninguém deixa seu país e sua família enquanto exista a mínima esperança de resolver as coisas de outra maneira.” (Tradução livre da autora)

²⁰ “Esperávamos também uma solidariedade massiva do povo francês com relação a nós, que havíamos feito todo o possível a favor da República francesa e dos antifascistas franceses. Não foi assim, trataram-nos como inimigos. Pegaram nossa gente em massa e nos levaram aos campos de concentração...” (Tradução livre da autora)

traz sempre à tona as vivências entre culturas de seu avô, que também pertenceram a ele e ao resto de sua família, ainda que em proporções variáveis.

A ruptura gerada pela expatriação forçada, que se dá de maneira externa e interna ao indivíduo, causa uma profunda violação de sua construção identitária já solidificada em seu espaço de origem e provoca, além disso, complexos obstáculos na consequente vivência entre culturas. O sociólogo espanhol Manuel Castells, em seu livro *O Poder da Identidade* (2018), afirma que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é fruto de uma construção, e diz:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço. (p. 55)

Em seu livro, Castells ressalta também a importância de demarcar a diferença entre identidade e papéis. Para o sociólogo, a principal delas seria o fato de que a construção da identidade é sempre gerada de dentro para fora, a partir de características coletivas, ou seja, a partir do reconhecimento que o indivíduo produz na semelhança com o outro. Já os papéis, segundo Castells, são construídos no movimento oposto ao da identidade: de fora para dentro, sendo estabelecidos principalmente pela estrutura que cerca o indivíduo.

Em *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), há um momento bastante simbólico no que concerne à identidade coletiva da qual Arcadi se vê forçadamente distanciado pelas adversidades geradas pela guerra: um dia, enquanto bebia um *menjul* na Plaza de Armas, percebe, a algumas mesas de distância, um grupo de homens conversando vivamente. Então, consegue escutar, apesar do barulho que se produzia no efusivo diálogo, que a conversa se desenrolava em catalão e que um de seus protagonistas era Bages, um de seus companheiros republicanos de quem havia se separado na fronteira francesa. O narrador conta que Arcadi “dejó el vaso en la mesa, y antes de que pudiera salir de su asombro, del asombro que le producía oír su lengua en aquel rincón del mundo, reparó en la carcajada del hombre que le daba la espalda y reconoció, por la

risa, los manoteos y el tamaño del cuerpo, a su amigo Bages” (p. 25)²¹. O relato feito pelo narrador e naturalmente adornado com pitadas ficcionais, é complementado pelo relato autobiográfico de Arcadi, que evidencia a força daquele momento de identificação e reconhecimento da identidade coletiva a qual sempre pertencera:

Era tan improbable aquello, y me pareció tan terrible y tan doloroso estarme equivocando, confundirlo, entusiasmarme y que al final no fuera Bages, que me quedé de piedra, inmóvil esperando a que aquel hombre mandara una señal más clara, pero un minuto después ya había corrido a plantarme enfrente de él. [...] Cinco catalanes reunidos en el culo vegetal del mundo, más tres menjules por cabeza, fueron acontecimiento suficiente para replantear sus expectativas y empezar a acariciar un proyecto colectivo. (p. 25)²²

Esse projeto coletivo mencionado pelo narrador é efetivamente implementado por Arcadi junto a seu grupo de catalães exilados em Veracruz. Juntos, criam uma comunidade em plena selva mexicana, onde se fala catalão, se cultiva café e onde, pouco a pouco, vai se criando a ideia de que, para poder voltar à Espanha, seria necessário matar o general Franco. Said (2003, p. 54) afirma que “grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar”.

Entre os três tipos de construção identitária propostos por Castells (2018, pp. 55, 56), um deles é o da intitulada *identidade de resistência* que, segundo o sociólogo espanhol, é aquela construída por sujeitos que se encontram em posição desfavorável com relação à lógica de dominação estabelecida e que constrói, assim, “trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos” (p. 56). Nesta categoria, encaixam-se perfeitamente as vivências de Arcadi desde o início do processo de expatriação forçada até o momento em que se inicia o progresso de seu assentamento em Veracruz, com a criação da comunidade junto aos outros catalães. Esta condição é

²¹ “deixou o copo na mesa e, antes que pudesse sair de seu assombro, do assombro produzido ao ouvir sua língua naquele canto do mundo, reparou na gargalhada do homem que lhe dava as costas e reconheceu, pela risada, pelos gestos e pelo tamanho do corpo, seu amigo Bages”. (Tradução livre da autora)

²² “Aquilo era tão improvável, e me pareceu tão terrível e tão doloroso a ideia de poder estar errado, de confundir, de entusiasmar-me y que, no final das contas, não fosse Bages, que fiquei paralisado, imóvel esperando que aquele homem mandasse um sinal mais claro, mas um minuto depois já havia corrido e me colocado frente a ele. [...] Cinco catalães reunidos num buraco vegetal do mundo, mais três menjules por cabeça, foram acontecimento suficiente para reorganizar suas expectativas y começar a acariciar um projeto coletivo.” (Tradução livre da autora)

exposta no capítulo de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004) em que se narra o período de Arcadi no campo de Agelès-sur-Mer, em que o narrador esclarece muito precisamente uma motivação fundamental, não só de seu avô, mas de boa parte daqueles que partem para o exílio em situações de conflito político:

La idea fundamental era la necesidad de conservar la república, aunque fuera en el exilio, era imperativo seguir funcionando como contrapeso del totalitarismo franquista, era capital que esas quinientas mil personas que habían tenido que exiliarse sirvieran de referente y fueran la semilla de la república española del futuro. A la luz de esta idea cada republicano que se rendía en algo debilitaba el diseño del porvenir. (pp. 46, 47)²³

A relação entre a *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018) e a solidificação da permanência de Arcadi em Veracruz, seu mais contundente espaço de exílio, também fica exposta a partir da narração de seu neto. No capítulo denominado La Portuguesa, o narrador, ao descrever o início da materialização da plantação de café construída por seu avô e seus companheiros catalães republicanos, explica que, para eles, “un negocio propio era la única forma de salir adelante” (p. 27)²⁴, já que o grupo batalhava todos os dias para “quitarse de encima el fantasma de Hernán Cortés, y de sus conquistadores despiadados, que la gente simple de Galatea identificaba en ellos” (SOLER, 2004, p. 27, 28)²⁵. Segundo Castells (2018), a identidade de resistência é provavelmente o tipo mais importante de construção identitária em nossa sociedade, isso porque ela é a responsável por originar formas de resistência coletiva durante períodos de opressão que, de outro modo “não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a ‘essencialização’ dos limites da resistência” (CASTELLS, 2018, p. 57).

Dentro de toda a complexidade que forma parte do(s) conceito(s) de identidade, principalmente daqueles que vivenciam o exílio, outra nuance faz-se importante nesta análise: a identidade colonialista adotada por Arcadi e seus companheiros catalães, em La Portuguesa, na dinâmica de funcionamento da plantação de café. Com esse cenário, Jordi Soler, através de nosso narrador protagonista, conduz, como tema de reflexão ao

²³ “A ideia fundamental era a necessidade de conservar a república, mesmo que no exílio, era imperativo continuar funcionando como contrapeso do totalitarismo franquista, era capital que essas quinhentas mil pessoas que haviam tido que exilar-se servissem de referência e fossem sementes da república espanhola do futuro. À luz dessa ideia cada republicano que se rendia, enfraquecia em algo a imagem do porvir”. (Tradução livre da autora)

²⁴ “um negócio próprio era a única forma de seguir em frente”. (Tradução livre da autora)

²⁵ “livrar-se do fantasma de Hernán Cortés e de seus conquistadores impiedosos que as pessoas simples de Galatea identificavam neles”. (Tradução livre da autora)

leitor, a herança da colonização espanhola na América e denuncia as estruturas coloniais que se conservam, tanto no México contemporâneo, quanto dentro de sua própria família. Esse traço identitário exercido pelos exilados acaba por evidenciar algumas contradições que permeiam suas trajetórias, bem como a própria construção social desses indivíduos.

É certo que Arcadi e seus companheiros catalães, exilados que chegam ao México porque não têm outro lugar a que possam ir, são recebidos com desconfiança pelos nativos, que logo associam a eles a imagem naturalmente estigmatizada dos conquistadores do século XVI. Por outro lado, o narrador examina como os exilados, apesar de toda a militância republicana, acabam prontamente assumindo o papel de colonizador. Durante parte da narração de sua vida em La Portuguesa, o neto de Arcadi ilustra precisamente a discussão anterior, incluindo-se na dinâmica colonialista vivenciada pela própria família:

La Portuguesa era una comunidad de blancos rodeada de nativos por los cuatro costados, el típico esquema social latinoamericano donde blancos y morenos conviven en santa paz, siempre y cuando los morenos entiendan que los blancos mandan y que, de vez en vez, lo manifiesten, para que los blancos no se inquieten, para que no empiecen a pensar que la cosa se está poniendo delocol, que los criados empiezan a trepárseles por las barbas, ¡pinches indios!, les da uno la mano y luego te agarran el pie. Ese estilo convivencial vigente desde el año 1521 que se sigue aplicando en México en todos los rincones de la cotidianidad, en la calle, en una tienda, adentro de la casa con las criadas y el chófer. Ahí estábamos mi hermano y yo, el par de blancos, mirando cómodamente el televisor desde nuestro sillón verdoso, a tres metros escasos de esos nativos que se apelonaban en la ventana, éramos el ejemplo vivo de ese encuentro entre dos mundos que lleva siglos sin poder consolidarse. (SOLER, 2004, pp. 48-49)²⁶

Não se pode dizer que essa assunção colonialista adotada por Arcadi e seus companheiros seja exatamente uma inesperada guinada em suas constituições identitárias outrora já bem definidas. Na verdade, este processo caracteriza-se muito mais como um despertar identitário de heranças políticas, sociais e econômicas que já

²⁶ “La Portuguesa era una comunidade de blancos rodeada de nativos por todos os lados, o típico esquema social latino-americano em que blancos e negros convivem em santa paz, sempre e quando os negros entendam que os blancos mandam e que, de tempos em tempos, manifestem-no para que os blancos não se inquietem, para que não comecem a pensar que a coisa está indo de mal a pior, que os criados comecem a abusar. Malditos índios! Você dá a mão e eles logo querem o braço. Esse estilo de convivência vidente desde o ano 1521 continua sendo aplicado no México e em todos os lugares do cotidiano, na rua, em uma loja, dentro de casa com as criadas e o chofer. Ali estávamos meu irmão e eu, um par de blancos, olhando o televisor, comodamente, da nossa poltrona esverdeada, a três curtos metros desses nativos que se amontoavam na janela. Éramos o exemplo vivo desse encontro entre dois mundos que há séculos não consegue se consolidar”. (Tradução livre da autora)

culturalmente os constituíam como sujeitos provenientes de um país e de um continente que, historicamente, fora consolidado com base em práticas de dominação e exploração de colônias latino-americanas. Anteriormente, vimos, segundo os estudos de Manuel Castells (2018), que a construção da identidade se dá também pela matéria-prima da história e das relações de poder. É interessante ressaltar a consciente passagem em que o narrador, neto de Arcadi, ao evidenciar o trato desigual que compunha a relação com os nativos mexicanos, afirma que ele e sua família eram “el ejemplo vivo de ese encuentro entre dos mundos que lleva siglos sin poder consolidarse” (SOLER, 2004, p. 29).

Na introdução de *As Veias Abertas da América Latina* (2010), Eduardo Galeano expõe de maneira muito precisa a problemática em torno da dinâmica de manutenção da lógica explorador-explorado que ainda se mantém em nosso continente, dizendo:

A divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializam em ganhar e outros em perder. Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta. Passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções. Ela já não é o reino das maravilhas em que a realidade superava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus da conquista, as jazidas de ouro e as montanhas de prata. Mas a região continua trabalhando como serviçal, continua existindo para satisfazer as necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, de cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que, consumindo-os, ganham muito mais do que ganha a América Latina ao produzi-los. (p. 7)

O fato de que Jordi Soler, por meio do narrador de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), vire os holofotes para esse cenário de comportamentos de dominação e exploração postos em prática pelos exilados republicanos de La Portuguesa, sugere uma visão bastante incomum sobre aqueles que experienciam o exílio, pois não os fixa em papéis de heróis ou de vítimas permanentes de uma circunstância. Justamente o contrário, mostra que é perfeitamente possível que acabem adquirindo atitudes e comportamentos semelhantes aos daqueles contra os quais lutaram na Espanha. Em seu livro *Identidade* (2005, p. 17), Zigmunt Bauman afirma que

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age [...] são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.

Em determinado momento da narrativa, o neto de Arcadi expõe um episódio ocorrido com Lauro, empregado da família, filho de Teodora, mulher que também trabalhava como empregada na casa dos espanhóis, e homem a quem Arcadi e sua família tentaram impor uma vida que julgavam, a partir de seus preceitos brancos e europeizantes, adequada e correta. A Lauro haviam sido dadas, por exemplo, a possibilidade de estudar na universidade da capital, como também a de trabalhar como técnico eletricitista. Entretanto, vivenciando um período de bebedeiras e atitudes pouco louváveis, e sendo constantemente repreendido por Arcadi, que já possuía um histórico de certa postura dominadora com relação a Lauro e sua mãe, vivencia um rompante de fúria:

Una noche de sábado Lauro irrumpió en una cena que ofrecían mis abuelos, a propósito de un aniversario de la plantación de café. [...] Con los ojos inyectados y una voz donde campeaban veinte años de rencor y resentimiento, dijo que estaba cansado de tantas humillaciones y que Arcadi era, como todos los españoles, un explotador hijo de la chingada. (SOLER, p. 35)²⁷

Segundo Tzvetan Todorov (1999, p. 82-83), as vítimas “também carregam as marcas de sua condição anterior, mesmo depois de terem reencontrado a integridade física. Às vezes experimentam a tentação de instalar-se eternamente no papel de vítimas”, ao que acrescenta:

No tempo em que eram perseguidos, os antigos detentos eram considerados não como vítimas, mas como inimigos. Uma vez restaurada a justiça, o inimigo de antes torna-se “vítima”. E a condição de vítima o leva a procurar tirar vantagem: algumas compensações materiais talvez, mas sobretudo um *status* simbólico invejável. Esta posição, no entanto, corrompe o interior dos que a assumem. O reinado da justiça é preferível ao da injustiça, mas nenhum reinado produz por si mesmo a virtude moral. Acontece que essa virtude não acompanha um ato se é seu sujeito quem se beneficia.

Em suma, a maneira como o narrador apresenta seu avô faz apontar para a complexidade da identidade do sujeito exilado, que não apaga a longa história do colonialismo vivenciado pelas colônias latino-americanas, bem como a condição de vítimas de uma guerra e de uma ditadura, que não elimina a possibilidade de que eles, por sua vez, exerçam um papel opressivo quando inseridos em outro contexto.

²⁷ “Uma noite de sábado, Lauro irrompeu em um jantar que ofereciam meus avós, em celebração a um aniversário da plantaçao de café. [...] Com os olhos vidrados e uma voz onde habitavam vinte anos de rancor e ressentimento, disse que estava cansado de tantas humilhações e que Arcadi era, como todos os espanhóis, um explorador filho da puta”. (Tradução livre da autora)

CAPÍTULO 2

SE FALA O EXILADO, O QUÊ FALA?

2.1 O silêncio advindo do trauma e suas reverberações

Um dos grandes temas suscitados pela obra de Jordi Soler é o da transmissão e do resgate da memória histórica coletiva e individual. Contudo, antes de analisá-los, é necessário explorar os hiatos existentes na transmissão de memórias, principalmente no que diz respeito às memórias traumáticas.

Mercedes Yusta Rodrigo, em seu artigo sobre a recuperação da memória histórica na Espanha atual, cita o chamado “pacto del olvido”²⁸ (2014, p. 25), acordo estabelecido no país pelas elites políticas após a morte de Francisco Franco como condição para colocar em prática um processo pacífico de democratização, o que acabou por anular do debate público um possível espaço de legitimidade que desse voz às experiências e às reivindicações das vítimas da ditadura franquista. A autora afirma:

[...] esta transición sin ruptura, que hizo surgir la legalidad democrática directamente del aparato legal franquista, no permitiría una condena de este sin poner en cuestión los cimientos de la actual monarquía parlamentaria. Por otra parte, en ausencia de una condena pública del franquismo no se generó en el espacio público un espacio de legitimidad que hiciese audibles las experiencias y las reclamaciones de las víctimas. (2014, p. 25)²⁹

No mesmo artigo, Yusta Rodrigo (2014, p. 24) demarca o momento em que o debate sobre a recuperação da memória histórica se fortifica e se consolida na sociedade espanhola: nos anos iniciais do século XXI. Segundo a autora, este é o ponto de partida de uma amplificação dessa discussão, pois esse foi o período quando, em face do grande apelo midiático gerado em torno das aberturas das valas comuns das vítimas da Guerra Civil e da ditadura, deu-se uma erupção das demandas memoriais e da presença pública do passado. Entretanto, é importante mencionar que a autora não estabelece como ausentes do debate público as memórias da guerra e da ditadura nos anos da Transição.

²⁸ “pacto de esquecimento” (Tradução livre da autora)

²⁹ “esta transição sem ruptura, que fez surgir a legalidade democrática diretamente do aparato legal franquista, não permitiria uma condenação deste sem colocar em cheque as bases da atual monarquia parlamentaria. Por outro lado, com a ausência de uma condenação pública do franquismo, não se gerou no espaço público um espaço de legitimidade que torna-se audíveis as experiências e as reclamações das vítimas” (Tradução livre da autora)

Na verdade, afirma que não havia hegemonia dentro do espaço de debate público entre os discursos dos vencedores e dos vencidos. Sobre isso, afirma que:

“[...] nada de lo publicado o sucedido previamente al año 2000 puede compararse al impacto, que podría calificarse de catarsis colectiva, experimentado por la sociedad española puesta frente a la evidencia macabra de las fosas comunes del franquismo.” (p. 32)³⁰

Inclusive, é justamente a esse cenário que se associa, de certa forma, o ímpeto inicial do narrador de *Los rojos de ultramar* (2004), como já sabido um professor da Facultad de Antropología da Universidad Autónoma de México, de resgatar as memórias de seu avô. Em uma viagem a Madri, o narrador é convidado a ministrar uma aula para jovens estudantes do curso de jornalismo da Universidade Complutense e, em determinado momento, é questionado por um dos alunos quanto às razões de possuir um sobrenome catalão, tendo em vista sua nacionalidade mexicana, percebendo, assim, que a história do exílio republicano havia sido extirpada, eliminada da história oficial. Sobre esse episódio, relata:

[...] cuando explicaba la simbología de la pirámide de la luna, e interrumpiendo lo que estaba diciendo me preguntó a bocajarro que por qué si yo era mexicano tenía un nombre tan catalán. Me detuve en seco desconcertado y al borde del enfado, pero enseguida comprendí que se trataba de una pregunta pertinente, por más que a mí esa situación me había parecido siempre normal y sin ningún misterio, así que conté a grandes rasgos la historia del exilio de mi familia, lo hice rápido, en no más de diez minutos. Cuando terminé mi explicación veloz los alumnos se quedaron mirándome desconcertados, como si acabara de contarles una historia que hubiera sucedido en otro país, o en la época del imperio romano. Pero, ¿por qué tuvieron que irse de España?, preguntó una alumna, e inmediatamente después expresó su duda completa: ¿y por qué a México? Entonces yo, más confundido que ellos, les preguntó que si no sabían que más de medio millón de españoles habían tenido que irse del país en 1939 para evitar las represalias del general Franco. El silencio y las caras de asombro que vinieron después me hicieron rectificar el rumbo, dejar de lado la mitología teotihuacana, y ponerme a contarles la versión larga y detallada del exilio republicano, esa historia que ignoraban a pesar de que era tan de ellos como mía. (SOLER, 2004, p. 10)

Os sentimentos conflitantes causados por esse episódio atuam na narrativa como um estímulo preliminar para que o narrador se convença a desbravar o passado de seu avô, afim de não só entendê-lo, mas também de entender a si mesmo como herdeiro de

³⁰ “nada do publicado ou acontecido anteriormente ao ano 2000 pode ser comparado ao impacto, que poderia qualificar-se como uma catarse coletiva, experimentado pela sociedade espanhola colocada frente à evidência macabra das fosas comuns do franquismo.” (Tradução livre da autora)

um trauma que, ainda que não fosse diretamente seu, ecoava e ecoaria sempre em sua geração e nas posteriores.

(...) De regreso a México, espoleado por mi experiencia en la Complutense, sintiéndome un poco ofendido de que el exilio republicano hubiera sido extirpado de la historia oficial de España, busqué el sobre que contenía las memorias y las cintas que le había grabado a Arcadi en La Portuguesa y que llevaba años guardado en un cajón de mi oficina. Lo puse sobre mi escritorio y lo observé detenidamente como si se tratara de una criatura lista para la disección. Lo abrí como quien abre un sobre, no me di cuenta de que estaba detonando una mina. (SOLER, 2004, p.10)³¹

Contudo, quando retomamos nosso olhar à discussão inicial, podemos elencar outras possíveis contribuições para a solidificação do pacto do silêncio firmado durante o período de transição à democracia – e a consequente dificuldade em se conhecer e transmitir memórias do pós-guerra e da ditadura, sendo algumas delas a resistência que muitos protagonistas apresentam em relatar vivências traumáticas, a ausência de protagonistas que possam fazê-lo ou mesmo a própria subjetividade que compõe os relatos da memória, o que acaba criando lapsos em sua transmissão.

Em seu livro *Magia e técnica, arte e política* (1987), mais especificamente no ensaio intitulado “A imagem de Proust” (1987, p.37), Benjamin explora o conceito de rememoração. O autor afirma que em *Em busca do tempo perdido* (1930), Marcel Proust não descreveu “uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu” (BENJAMIN, 1987, p.37), ao que acrescenta:

[...] o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? A memória involuntária, de Proust, não está mais próxima do esquecimento que daquilo que em geral chamamos de reminiscência. Não seria esse trabalho de rememoração espontânea, em que a recordação é a trama o esquecimento a urdidura, o oposto do trabalho de Penélope, mais que sua cópia? Pois aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite. Cada manhã, ao acordarmos, em geral fracos e apenas semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós (BENJAMIN, 1987, p. 37)

Benjamin lança mão da rememoração para explorar as imagens nascidas no passado que em contato com o presente são capazes de nele criar novas configurações.

³¹ “De volta ao México, instigado pela minha experiência na Complutense, me sentindo um pouco ofendido pelo fato de que o exílio republicano houvesse sido extirpado da história oficial da Espanha, procurei o envelope que continha as memórias e as fitas com as quais havia gravado Arcadi em La Portuguesa e que estava há anos guardado em uma gaveta do meu escritório. Coloquei-o sobre minha escrivaninha e observei-o detidamente como se se tratasse de uma criatura pronta para ser dissecada. Abri-o como quem abre um envelope, não me dei conta de que estava detonando uma mina.” (Tradução livre da autora)

No entanto, o capitalismo dá início a um novo modelo de sociedade, muito marcada pela dissolução da experiência. Nos ensaios “Experiência e pobreza” e “O contador de histórias: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (2018), Benjamin afirma que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi a grande responsável pelo estabelecimento, ainda que gradual, da extinção da experiência nas sociedades modernas, já que a experiência advinda do trauma fez com que os indivíduos retornassem “mais pobres em experiências comunicáveis” (BENJAMIN, 2018, p. 21). Em seu texto, “O contador de histórias: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (2018, p. 20-21), Benjamin afirma:

Com a Guerra Mundial, começou a tornar-se manifesto um processo que desde então não encontrou repouso. Não reparamos que, quando a guerra acabou, os soldados voltaram mudos dos campos de batalha? Não mais ricos, mas mais pobres em experiências comunicáveis. O que se difundiu dez anos depois, com a enxurrada de livros sobre a guerra, não tinha nada a ver com uma experiência passada de boca em boca. E não havia nada de estranho nisso. Pois nunca experiências foram tão fundamentalmente desmentidas quanto a experiência estratégica, pela guerra de trincheira, a experiência econômica, pela inflação, a experiência corporal, pela batalha com armamentos pesados e com aviões, e a experiência ética, pelos detentores do poder. (BENJAMIN, 2018, p. 20-21)

As experiências partilháveis que Benjamin menciona podem ser melhor compreendidas a partir do ensaio “Experiência e Pobreza” (1933), mencionado anteriormente. Logo no início do texto, Benjamin nos apresenta uma história em que um senhor, já em seu leito de morte, transmite aos seus filhos a informação de que há um tesouro enterrado em seus vinhedos. Entretanto, após revirarem o solo diversas vezes, os filhos nada encontram. Posteriormente, com a chegada do outono, o vinhedo acaba produzindo muito mais do que qualquer outro da região (BENJAMIN, 1987, p. 114). A conclusão dessa parábola é a de que a experiência foi o grande tesouro transmitido. E foi justamente esta forma de experiência, difundida de geração à geração, que foi devastada pela guerra mundial. Desta forma, Benjamin aponta para uma oposição no que diz respeito à experiência: o esvaziamento da experiência coletiva (Erfahrung) em prol da vivência individual (Erlebnis), já que o espaço de experiência coletiva acaba sendo gradualmente reduzido, enquanto que a experiência individual do protagonista do trauma – resultado, principalmente, das guerras de trincheiras -, acaba tomando para si os holofotes.

Ao longo do primeiro capítulo de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), o narrador, neto de Arcadi, relata uma certa dificuldade em gravar as histórias de seu avô, justamente porque Arcadi, inconscientemente ou não, esquivava-se, vez ou outra, de comunicá-las: “La tarea de grabar a Arcadi fue un estira y afloja, cada vez que echaba a andar el magnetófono él cambiaba el tema o se sumía en un mutismo del que era muy difícil sacarlo” (p. 9).³²

O abandono obrigatório de seu país de origem, o medo e a consolidação forçada em novo território, permeado por uma cultura completamente diferente produzem em Arcadi silêncio, que se reflete também na narração de suas histórias. Sua narrativa está constituída também por essas zonas mudas, que de certa forma funcionam como um agente que impele o narrador-historiador a buscar camadas cada vez mais profundas de seu passado familiar. Também é interessante mencionar que o narrador-protagonista de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), por mais perto que esteja de seu avô e de suas memórias, jamais os acessa totalmente. Esses hiatos surgem necessariamente em razão da impossibilidade ou da recusa de Arcadi em comunicar suas vivências.

Para tentar alcançar a complexidade desses processos vividos pelo sujeito apátrida, é preciso que nos questionemos sobre quais são as forças que operam no processo de readaptação do exilado político no país que o recebe, bem como sobre quais são os limites entre a relevância de uma memória nacional e coletiva, pertencente à sua origem, à sua identidade primeira, e à necessidade pessoal do esquecimento do trauma vivido. Depois de ouvir a fita em que seu avô conta as experiências vividas no campo de batalha, entre tiros e bombardeios que muitas vezes ele era obrigado a efetuar, comenta:

[...] ¿qué sentía cuando esa voz distante le comunicaba que había dado en el blanco? Eso le pregunté, de manera torpe y brusca, en las cintas de La Portuguesa. ¿Y sabes si mataste a alguien?, se oye que le digo. Después viene un silencio incómodo en el que Arcadi, me acuerdo muy bien, se miró detenidamente el garfio, primero un costado, luego el otro y luego arrugó la frente y la nariz con cierta molestia, como si no hubiera dado con lo que buscaba; después levantó la cara y puso sus ojos azules en un punto lejano antes de decirme: no sé si vas a entender esto pero aquélla era la guerra de otro.³³

³² “A tarefa de gravar Arcadi foi um alarga e afrouxa, cada vez que começava a correr o gravador, ele mudava de assunto ou se recolhia em um mutismo do qual era muito difícil tirá-lo.” (Tradução livre da autora)

³³ “O que sentia quando essa voz distante lhe comunicava que havia acertado o alvo? Isso perguntei-lhe, de maneira torpe e brusca, nas fitas de La Portuguesa. “E sabe se matou alguém?” é possível ouvir-me dizendo. Depois vem um silêncio incômodo em meio ao qual Arcadi, me lembro muito bem, olhou detidamente o gancho, primeiro de um lado, depois do

Grande parte dessa incomunicabilidade do exilado e da propensão ao esquecimento arbitrário precisamente demonstrada pelo personagem do romance pode estar relacionada a uma recusa voluntária em exteriorizar recordações de vivências que continuamente lhe causam mágoa e sofrimento. Já outra parte desse silêncio pode estar conscientemente relacionada a uma movimentação do que é externo ao sujeito, já que não tocar em determinados assuntos é também uma maneira de evitar que o seu entorno se contamine com essas manifestações, preservando-o de lembranças que possam produzir desconforto e aflição. Segundo o sociólogo e historiador espanhol Santos Juliá (2003, p. 254):

(...) Borrar como cosa no sucedida, no renovar la memoria: echamos al olvido cuando lo que se trata de afirmar es la voluntad de que algo sucedido en el pasado, y de lo que conservo muy vivo y hasta doloroso recuerdo, no contará en el futuro. Son, en la experiencia individual, los amantes, hermanos, amigos que deciden echar al olvido algún suceso que los distanció en el pasado o que les llevó hasta romper la relación. Cuando algo así ocurre no se quiere decir en absoluto que no se recuerda; todo lo contrario, lo que se dice es que se enfrenta conscientemente ese pasado y se decide olvidarlo porque su memoria impediría la reconstrucción de la relación quebrada.³⁴ (JULIÁ, 2003, p. 254)

Ruth Klüger, escritora judia-austriaca e sobrevivente dos campos de concentração alemães, onde foi internada pela primeira vez aos 11 anos, conta em seu livro *Paisagens da Memória – Autobiografia de uma Sobrevivente do Holocausto* (2005) a maneira como as crianças sobreviventes aos ataques a judeus deveriam, teoricamente, comportar-se para evitar maiores aborrecimentos. Diz:

Crianças que sobreviveram a *pogroms* e a outras catástrofes muitas vezes são proibidas de elaborar essas experiências e obrigadas a se comportar como “crianças normais”. Isto acontece para o bem das crianças, que não devem falar sobre “estas coisas”. Frequentemente, elas elaboram seus traumas inventando brincadeiras que escondem dos adultos. (p. 69)

outro, e então enrugou a testa e o nariz com certo desconforto, como se não houvesse encontrado o que buscava; depois levantou o rosto e pôs seus olhos azuis em um ponto distante antes de dizer-me: não sei se você vai entender isso, mas aquela era a guerra de outro.” (Tradução livre da autora)

³⁴ “Apagar como coisa não sucedida, não renovar a memória: lançamos ao esquecimento quando o que se trata de afirmar é a vontade de que algo sucedido no passado, e do que conservo muito vivo e até como recordação dolorosa, não contará no futuro. São, na experiência individual, os amantes, irmãos, amigos que decidem lançar ao esquecimento algum acontecimento que os distanciou no passado ou que os tenha levado até romper a relação. Quando alguma coisa assim ocorre não se quer dizer em absoluto que não se recorda; justamente o contrário, o que se diz é que se enfrenta conscientemente esse passado e se decide esquecê-lo porque sua memória impediria a reconstrução da relação quebrada.” (Tradução livre da autora)

Talvez em diferentes medidas e proporções, o que relata Klüger é vivido de maneira bastante semelhante por muitos dos protagonistas de eventos traumáticos, ainda que não sejam mais crianças. Se são elas proibidas de elaborar as experiências e obrigadas a se comportar como “crianças normais”, muitas vezes são também obrigadas a se comportar como “adultos normais” aqueles que tiveram seu caminho atravessado por episódios perturbadores, sendo muitas vezes inibidos (de maneira consciente ou não) de tornarem audíveis suas dores e angústias.

Dando sequência às discussões que envolvem as outras possíveis causas do silêncio, contamos com os estudos de Aleida Assmann em seu livro *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011). Nele, a autora investiga as diferentes funções da recordação cultural, e quais os seus instrumentos (escrita, imagens, memoriais) no processo de transformação histórica, além de explorar os pilares de sustentação da conservação da memória, a evolução da tecnologia e, ao mesmo tempo, a problemática da conservação dos dados. Na primeira parte do livro, Assmann menciona dois modos de recordação, denominados memória funcional e a memória cumulativa. A primeira é, segundo Assmann, caracterizada por assegurar a identidade de um grupo, estar diretamente vinculada a um portador específico, seja ele uma instituição, um grupo ou um indivíduo, e por encadear passado, presente e futuro, além de ser seletiva. Já a memória cumulativa (ou histórica) se encontraria no extremo oposto à primeira, caracterizando-se pela não seletividade (ou seja, toda informação é igualmente relevante) e pela separação que exerce entre passado, presente e futuro.

Assmann ainda faz uma associação entre memória funcional e memória coletiva, chamando-a, então, de habitada, e entre memória cumulativa e memória histórica, denominada memória inabitada. Quanto à transmissão e “manutenção” da memória funcional, faz-se importante mencionar novamente uma problemática a que a ela se liga, e que contribui para reforçar os pilares do silêncio: a ausência de protagonistas que possam narrar suas vivências, já que, como é natural, a depender de quando esses eventos ocorreram, chega-se a um ponto em que seus protagonistas não mais existem, o que compromete permanentemente a transmissão das memórias de suas experiências. Em seu livro, Assmann (2011, p. 18) aporta algumas contribuições de Pierre Nora e diz:

Nora descreve a crise da memória como um desacoplamento entre passado e presente. Ele fala de uma “queda acelerada em um passado morto e irre recuperável”; de um dilaceramento “do que se experiencia e ainda está

enraizado no calor da tradição, no silêncio dos costumes e na repetição do que é legado por gerações anteriores”, para então identificar a força destruidora em ação: “uma onda fundamental da historicidade arrasadora”. Tudo o que ainda hoje se entende como memória está “destinado ao desaparecimento definitivo no fogo da história”. Essas afirmações poderiam ser relacionadas a uma crise atual da *memória experiencial* [*Erfahrungsgedächtnis*], que consiste no fato de que, com o avanço rumo à próxima geração, as testemunhas que sobreviveram à maior catástrofe deste século, a SHOAH, terão morrido uma a uma.

Em determinado momento do primeiro capítulo de *Los Rojos de Ultramar*, o narrador-protagonista externa, com certa frustração, certas lacunas deixadas nos relatos do avô justamente pela sua ausência, por ter morrido antes de terminá-los. Conta:

Años más tarde, muchos menos de los que yo esperaba, le brotó un cáncer que le hizo lo que no había podido ni la guerra, ni Argelès-sur-Mer, ni Franco. Murió en los huesos, en unas cuantas semanas, consumido por la enfermedad, y se llevó a la tumba el secreto que, justamente entonces, yo estaba a punto de descubrir, a partir de un episodio que me había sacudido de arriba abajo en Madrid, en un aula de la Universidad Complutense. (p. 9)³⁵

Mais adiante, o narrador serve-se de todo um capítulo para explorar um complô (sobre o qual trataremos futuramente) em que esteve envolvido Arcadi com o intuito de, junto a outros republicanos, assassinar o general Franco. Ao longo desse momento da narrativa, dedicado à apresentação e ao detalhamento do complô pretendido por Arcadi e seus companheiros, inúmeras passagens são bastante simbólicas, tanto para o leitor, quanto para o próprio narrador, que é surpreendido por descobertas sobre seu avô que nunca antes havia imaginado, reforçando, mais uma vez, o quão restritas eram as informações sobre Arcadi, e o quão escasso era o que havia ele comunicado ao longo de sua vida em La Portuguesa.

Um exemplo dessas descobertas é o momento em que, de viagem a Paris, em meio a inúmeros documentos arquivados em um edifício da Rue Longchamp, o narrador encontra um relatório levantado pela Gestapo em uma noite em que Arcadi havia sido preso em Toulouse. Descobre que seu avô era membro do Partido Comunista, informação que durante toda sua vida havia omitido de seu neto, já que afirmava nunca haver pertencido a nenhum partido nem organização política.

³⁵ “Anos mais tarde, muitos menos do que os que eu esperava, lhe surgiu um câncer que o causou o que não havia conseguido causar nem a guerra, nem Argèles-sur-Mer, nem Franco. Morreu depois de algumas semanas, consumido pela doença, e levou à tumba o segredo que eu estava a ponto de descobrir, a partir de um episódio que havia mexido comigo em Madri, em uma sala da Universidade Complutense”. (Tradução livre da autora)

Outro ponto por nós elencado a fim de discutir alguns possíveis motivadores do silêncio foi o da própria subjetividade que compõe os relatos da memória e que acaba criando lapsos naturais em sua transmissão. Ao longo de toda a narrativa de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), nota-se um entrelaçamento entre as memórias narradas por Arcadi e o discurso próprio do autor, que tenta preencher os espaços não revelados pelo avô. Faz-se clara a impossibilidade de fidelizar a memória à realidade pela própria imaterialidade que naturalmente compõe esse tipo de relato. Sobre esta tortuosa pretensão, Paul Ricoeur (2007, p. 40) diz que “uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado” e continua:

[...] desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento [...] não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória, que nos liga ao que se passou antes que o transformássemos em memória. Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. [...] Para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela. Os falsos testemunhos [...] só podem ser desmascarados por uma instância crítica cujo único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis. [...] o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história. (RICOEUR, 2007, p. 40)

Ao longo da narração que faz o neto de Arcadi sobre as memórias de seu avô, fica clara certa hesitação em afirmar categoricamente determinados eventos, pelo uso constante que faz de partículas como “quizá”, “supongo que” e “debe de”, além de descrições ilusoriamente precisas de eventos bastante subjetivos, que seriam quase impossíveis de serem resgatados pela simples rememoração de Arcadi. O próprio narrador afirma que o compilado de relatos de seu avô são, em certa medida, impúblicáveis, porque eles constroem uma obra “llena de errores e imprecisiones” (SOLER, p. 8)³⁶. Por isso, faz-se quase que necessário que o narrador insira certos toques de criação em meio aos relatos originais, para que eles possam adquirir certa coesão e solidez, já que as memórias por si só não são capazes de comunicar tudo.

Em diversos momentos da narrativa, o neto do ex-combatente republicano cria possíveis cenários que lhe possam ajudar a amplificar o entendimento do passado de seu avô:

Era la segunda vez que leía ese pasaje y hasta entonces, quizá porque en la ocasión anterior me había dejado impresionar por el bombardeo, no había

³⁶ “cheia de erros e imprecisões.” (Tradução livre da autora)

reparado en la dinámica delirante del artillero: un hombre situado entre el puesto de observación y las filas enemigas, disparando cada vez que se lo ordena una voz por teléfono, tratando de hacer blanco en un ejército que nunca ve. ¿Qué pensaría Arcadi después de esa media hora de disparos al vacío? Cada vez que le comunicaban que había hecho blanco, existía la posibilidad de que la granada que había disparado hubiera destruido un almacén o una casa, pero también podía ser que hubiera matado a un soldado, o a varios, cuando el tiro había sido afortunado, si es que vale el término para el acto de disparar y no saber, a ciencia cierta, cuánto daño se hizo, si se mató a alguien, o si no se mató. ¿Cómo lidiaba Arcadi con esto? Supongo que algo en él descansaba cuando la voz del teléfono le comunicaba que había fallado, que era necesario corregir el tiro, y entonces él podía imaginar, con cierto alivio, el hueco que había producido su granada en el suelo [...]

(SOLER, 2004, p. 11)³⁷

Faz-se necessário que façamos uma reflexão, em virtude das discussões empreendidas até o momento, sobre a possibilidade de interrupção dessa cadeia de silêncio firmada pelos protagonistas de traumas, bem como da possibilidade de reestabelecer uma perspectiva da cultura coletiva a que pertencia o exilado, e que acaba se perdendo no processo de expatriação. Em seu livro, *Los Trabajos de la Memoria* (2002), mais especificamente no capítulo “Transmisiones, herencias, aprendizajes”, a cientista social Elizabeth Jelín comenta a condição dos sobreviventes judeus no período do pós-guerra, explicando que muitos deles conseguiam manter ou recuperar suas vidas culturais privadas, mas não sua cultura coletiva. Cita, então, a historiadora francesa Annette Wieviorka, que diz que “la masacre no era simplemente la destrucción de una comunidad dada, la muerte de tal persona. Era la abolición total de una colectividad, de una cultura, de un modo de vida [...]” (WIEVIORKA apud JELÍN, 2002, p. 117).

Jelín explica que esse cenário de rompimento do sobrevivente da guerra com sua cultura nacional, coletiva, acabou impedindo a transmissão das particularidades que compunham o modo de vida que pertencia às gerações seguintes. Daí, segundo a autora, surge a necessidade do sobrevivente de “rescatar a los muertos del olvido” (JELÍN,

³⁷ “Era a segunda vez que eu lia essa passagem e, até aquele momento, talvez porque na ocasião anterior me havia deixado impressionar pelo bombardeio, não havia reparado na dinâmica delirante do artilheiro: um homem situado entre o posto de observação e as filas inimigas, disparando cada vez que uma voz por telefone ordenava-o, tratando de mirar em um exército que nunca via. O que pensaria Arcadi depois dessa meia hora de disparos ao vazio? Cada vez que comunicavam-lhe que haviam acertado o alvo, existia a possibilidade de que a granada que havia disparado houvesse destruído um depósito ou uma casa, mas também podia ser que houvessem matado um soldado, ou vários, quando o tiro havia sido afortunado, se é que vale o termo para o ato de disparar e não saber exatamente quanto dano foi causado, se alguém foi morto ou não. Como Arcadi lidava com isto? Suponho que algo nele descansava quando a voz do telefone comunicava que ele havia falhado, que era necessário corrigir o tiro, e então ele podia imaginar, com certo alívio, o buraco que sua granada havia produzido no chão.” (Tradução livre da autora)

2002, p. 117), o que gerou uma “obsessão”, nas palavras de Jelín, por produzir livros de memórias detalhados:

Sin embargo, estos libros quedaron olvidados e ignorados y se desvanecieron de la memoria de los descendientes de sus autores. El vínculo entre las generaciones se había quebrado por la muerte de los abuelos o porque los abuelos no hablan bien las lenguas de cada país donde se instalaron. (JELÍN, p. 117)

Em *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), aplica-se precisamente o que menciona Jelín (2002) em seu livro. A narrativa a qual temos acesso compreende a segunda tentativa do narrador, neto de Arcadi, de lidar com a compilação de memórias de seu avô. Logo no início do livro, revela que, pela imprecisão dos relatos e pelas lacunas que o compunham, decide abandonar o projeto de recuperação do passado de seu avô: “Regresé a la Ciudad de México con la idea firme de abandonar el proyecto de las memorias de Arcadi. Guardé el mazo de hojas en un sobre junto con las cintas de testimonios, inútiles, pensaba entonces” (SOLER, 2004, p. 9)³⁸.

Além disso, ainda que Arcadi e sua família não houvessem passado pelos entraves linguísticos que menciona Jelín – pois eram falantes de espanhol, além de catalão –, passaram pelo rompimento geracional, ocasionado principalmente pela concepção central desta seção: o silêncio. O narrador de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), quando criança, pouco sabia do passado crucial de seu avô, que, inclusive, havia sido o grande agente de transformação do homem que conhecera e da família a que pertencera:

Cuando éramos niños Joan y yo sabíamos que Arcadi había sido artillero y que mamá había nacido en Barcelona en medio de la guerra. Eso era todo. En la casa de La Portuguesa nunca se hablaba ni de la guerra ni de España, o más bien, no se hablaba como se debía de ese país donde había algo que era nuestro ni de esa guerra que había hecho pedazos la vida de la familia. (SOLER, p. 28)³⁹

³⁸ “Regressei à Cidade do México com a firme ideia de abandonar o projeto das memórias de Arcadi. Guardei o maço de folhas em um envelope, junto às fitas dos inúteis testemunhos, pensava então.” (Tradução livre da autora)

³⁹ “Quando éramos criança, Joan e eu sabíamos que Arcadi havia sido artilheiro e que mamãe havia nascido em Barcelona em meio à guerra. Isso era tudo. Na casa de La Portuguesa nunca se falava nem da guerra, nem da Espanha, ou melhor, não se falava como se devia desse país onde havia algo que era nosso, nem dessa guerra que havia estilhaçado a vida da família.” (Tradução livre da autora)

Na próxima seção, seguindo com as contribuições de Elizabeth Jelín (2002), daremos continuidade aos desdobramentos da discussão iniciada anteriormente. A autora afirma que os jovens, as gerações posteriores à dos protagonistas das guerras, possuem uma “mirada diferente al pasado y una otra manera de rescatar la memoria” (JELÍN, 2002, p. 118)⁴⁰. Em vista disso, trataremos sobre a transmissão da memória individual e coletiva às gerações posteriores.

2.2 A transmissão da memória individual e coletiva: um olhar sobre Arcadi

Logo nas primeiras páginas de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), o narrador-protagonista, dando início aos relatos das vivências de guerra de seu avô, questiona-se a respeito do momento exato em que Arcadi toma a decisão de ir à guerra, modificando, desde esse exato momento e talvez sem que tivesse a exata dimensão, todo o rumo de sua própria vida e também daqueles que viriam depois e que, sem a menor pretensão de fazê-lo, herdariam as consequências de uma guerra de outros. Em uma de suas gravações, Arcadi explica por que se propôs a expor, naquele momento, os relatos que havia escrito sobre sua vida pouco depois de chegar ao México, ao que afirma: “Me he propuesto al escribir este relato, compendiar en pocas cuartillas estos relevantes hechos de mi vida, para que mi hija Laia los conozca un día” (SOLER, 2004 p. 7)⁴¹.

A partir dessa introdução, o narrador reflete acerca da hereditariedade que involuntariamente acabará permeando os caminhos e a própria existência daqueles que viriam depois de seu avô, o protagonista daqueles episódios: “Tengo la impresión de que Arcadi se disculpa con ella [Laia], con nosotros, de antemano, por esa historia de guerra que desde entonces había comenzado a heredarnos” (SOLER, 2004 p. 7)⁴². Entretanto, Arcadi também havia tido sua realidade remodelada por tudo aquilo que

⁴⁰ “um olhar diferente ao passado e uma outra maneira de resgatar a memória.” (Tradução livre da autora)

⁴¹ “Me propus, ao escrever este relato, resumir em poucas folhas esses relevantes acontecimentos de minha vida para que minha filha Laia os conheça um dia.” (Tradução livre da autora)

⁴² “Tenho a impressão de que Arcadi se desculpa com ela, conosco, de antemão, por essa história de guerra que desde aquele momento havíamos começado a herdar.” (Tradução livre da autora)

involuntariamente se herda durante uma guerra – e depois dela – em que, na realidade, mal se pode exercer poder de decisão sobre nada.

Arcadi também se constituía do mesmo enredo da hereditariedade forçada. Seu pai, Martí, antes chefe de redação do jornal *El Noticiero Universal* de Barcelona, havia sido o primeiro da família a alistar-se como voluntário na batalha pela república. Conta o narrador que seu bisavô, como jornalista, “estaba fatigado de escribir sobre la guerra de los otros, quería empezar la suya, pelear por la república en una trinchera y con un arma” (SOLER, 2004 p. 6)⁴³. Dentro das especulações necessárias a uma narrativa que une o discurso histórico à criação de sensibilidades, o neto de Arcadi se questiona sobre a força da decisão de Martí sobre a decisão de Arcadi de seguir o mesmo caminho, e ainda se pergunta se não foi, na verdade, seu bisavô quem “detonó la mina” (SOLER, 2004, p.6) e deu início à guinada que modificaria as vidas de todos que viessem depois, permanentemente.

As circunstâncias a que são submetidos os indivíduos partícipes de uma guerra têm força o suficiente para aniquilar as possibilidades de futuro planejadas durante o curso habitual da vida existente antes dos conflitos. Para fundamentar essa discussão, vale revisitar o capítulo que enfoca a vida em La Portuguesa, em que o narrador, neto de Arcadi, menciona Penagos e seus dois irmãos. Penagos era o jovem advogado catalão que havia sido responsável por indicar Arcadi no escritório de advocacia onde acabaria trabalhando após exercer a função de auxiliar de sapateiro. Ele e seus outros dois irmãos eram, segundo o narrador, três advogados “de línea um poco más bárbara” (SOLER, 2004 p. 25)⁴⁴, pela forma que se vestiam, se portavam e exerciam a profissão. Conta que os dois “llevaban sombrero, revólver y ceño arrugado y cuando ganaban un caso lo celebraban con vasos de ron y poderosas vociferaciones” (SOLER, 2004, p.25). O narrador afirma, ainda, que “[...] los tres distaban mucho de parecerse al modelo de abogado en que Arcadi había querido convertirse antes de que la guerra cambiara el rumbo de su vida” (SOLER, 2004 p. 25)⁴⁵.

Impõe-se a nós a seguinte reflexão, que pode muito bem ser ampliada a um contexto social extra-literário: quem haveria se tornado Arcadi e a que caminhos a vida

⁴³ “Estava cansado de escrever sobre a guerra dos outros, queria começar a sua, lutar pela república em uma trincheira e com uma arma.” (Tradução livre da autora)

⁴⁴ “de linha um pouco mais bárbara.” (Tradução livre da autora)

⁴⁵ “Os três estavam longe de parecer-se ao modelo de advogado em que Arcadi havia querido um dia tornar-se, antes que a guerra mudasse o rumo de sua vida.” (Tradução livre da autora)

o teria levado se não fosse a guerra? Em lugar das heranças tanto traumáticas quanto heroicas de guerra, quais seriam os legados a serem transmitidos? Em suma: quem seriam Arcadi e seus descendentes se não fosse a guerra?

Em seu livro *O Homem Desenraizado* (1999), Tzvetan Todorov, ao narrar sua própria experiência como exilado, recorre ao conto “O Recanto Agradável”, de Henry James, onde o personagem principal retorna ao seu país de origem após trinta e três anos de ausência: “Este homem encontra-se confrontado com uma questão que não vem com frequência ao espírito sedentário: o que teria sido eu, em que teria podido transformar-me caso tivesse permanecido em casa?” (TODOROV, 1999, p. 22).

Entre os vários momentos bastante simbólicos apresentados pela narrativa de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2008), que muito bem revela a intensidade do que se perde durante a guerra, está o momento do reencontro de Arcadi com sua esposa e sua filha, já no México, depois de anos desde sua última reunião. Seu neto conta que sua mãe e sua avó saem de Vigo, na Espanha, a bordo do El Marqués de Comillas, em 3 de julho de 1943. Depois de alguns dias, desembarcam em Veracruz sob o temor que sentia sua avó dos possíveis resultados desse reencontro, principalmente por não saber quem encontraria ao chegar. Sabia, ou ao menos supunha, que Arcadi não era o mesmo: “Mi abuela iba temiendo lo peor del reencuentro, nadie sale ileso después de tantos meses en un campo de prisioneros, el daño inflingido por el hambre y el maltrato físico deja, inevitablemente, secuelas” (SOLER, 2004, p. 26)⁴⁶.

Ao desembarcar com Laia, sua filha com Arcadi, Carlota, a avó do narrador, apresenta o pai à própria filha; atitude necessária, visto a lacuna de esquecimento gerada pela distância e pelo tempo. Como se o momento já não fosse suficientemente confuso e complexo, Laia verbaliza sua deslembração:

Laia, por si el momento fuera poco, agregó una tensión inesperada, dijo, sin soltar la mano de su madre: *aquest no és meu pare*. Arcadi perdió el color, y mi abuela el habla, durante los instantes que tardó la niña en meter la mano en la bolsa de su madre y sacar la cartera donde venía una fotografía de Arcadi vestido de militar y decir, poniendo su dedo mínimo encima de la foto: *aquest és el meu pare*. (SOLER, 2008, p. 26)⁴⁷

⁴⁶ “Minha avó ia temendo o pior do reencontro. Ninguém sai ileso depois de tantos meses em um campo de prisioneiros. O dano causado pela fome e pelo maltrato físico deixa, inevitavelmente, sequelas.” (Tradução livre da autora)

⁴⁷ “Laia, como se o momento fosse simples, acrescentou uma tensão inesperada. Disse, sem soltar a mão de sua mãe: *aquele não é meu pai*. Arcadi empalideceu e minha avó perdeu a fala durante o tempo que a menina demorou para meter a mão na bolsa de sua mãe e tirar a

Nessa passagem do romance, é possível ver as lacunas que se formam naqueles que vivenciaram a guerra. A cientista social Elizabeth Jelín, em seu livro *Los Trabajos de la Memoria* (2002), aborda com bastante precisão o tema da transmissão geracional e da perpetuação das vivências traumáticas como herança das gerações posteriores.

Segundo Jelín, ainda que diferentes indivíduos pertençam a um mesmo grupo, seja como família ou, de maneira mais ampla, como sociedade, a vivência de um acontecimento histórico atinge de maneira completamente diferente a cada um dos envolvidos e alguns fatores como gênero e grau de proximidade ou distância dos episódios são também determinantes na dimensão e na forma do impacto causado. Mas dentre esses fatores, é ainda mais influente a idade, pois é ela, segundo Jelín, a responsável por definir uma coletividade, ainda que imaginária, de pessoas que compartilham as mesmas oportunidades e limitações históricas que as encaminham para o que chama de um “destino comum”. Entretanto, a autora ressalta que essa idade não pertence apenas à esfera da idade cronológica, e que a mera localização de um grupo de indivíduos em um mesmo tempo e espaço é mais que suficiente para criar vivências comuns que também levam a esse “destino comum”. Este é, segundo Jelín, o conceito de “geração” de Karl Mannheim. Sobre a noção do termo, afirma:

Además de estar en los libros especializados, la noción de generación está instalada en el sentido común: hablamos de la generación de posguerra, la de 1968 o la de la democracia. Los límites son siempre difusos, porque se trata de categorías sociales de experiencia, marcadas por la temporalidad, pero también por compartir algún campo de experiencia y alguna pertenencia específica (se habla de generaciones literarias y de generaciones políticas). (JELÍN, p. 119-120)⁴⁸

Jelín também explica que a sucessão de gerações está intimamente ligada aos processos de memória social e questiona-se: “¿Qué huellas del pasado se borran de manera irrecuperable? ¿Cuáles quedan, activas o guardadas en el olvido, para ser

carteira de onde vinha uma fotografia de Arcadi vestido de militar para então dizer, colocando seu mindinho em cima da foto: *aquele é meu pai.*” (Tradução livre da autora)

⁴⁸ “Além de estar nos livros especializados, a noção de geração está instalada no senso comum: falamos da geração do pós-guerra, a de 1968 ou a da democracia. Os limites são sempre difusos, porque trata-se de categorias sociais de experiência, marcadas pela temporalidade, mas também por compartilhar algum campo de experiência e algum pertencimento específico (fala-se de gerações literárias e de gerações políticas).” (Tradução livre da autora)

eventualmente recuperadas?” (JELÍN, 2002, p. 120)⁴⁹. E a essas questões relacionam-se três processos de transformação que, segundo a autora, são resultado da multiplicidade de temporalidades: primeiro, o crescimento, amadurecimento e envelhecimento pessoal; segundo, o tempo do devir da história e o terceiro, a sucessão e renovação geracional dos agentes históricos.

O primeiro processo tem relação com a inflexibilidade do curso da vida e da atuação do tempo sobre o indivíduo. Segundo Jelín, as memórias de tudo aquilo que foi vivido, o esquecimento, o sentido de urgência se modificam, bem como a urgência de conservar certas marcas e constituir legados e heranças que perdurem nas gerações seguintes: “en la vejez, muchos quieren ‘transmitir’, dejar algo de su experiencia a las generaciones posteriores” (JELÍN, 2002, p. 120)⁵⁰. As memórias de Arcadi sobre a guerra começam a ser escritas por ele um mês depois de chegar a Veracruz, quando ainda era bastante jovem. Sua intenção, como ele mesmo manifesta, era, de alguma maneira, transmiti-las à sua filha Laia, para que ela pudesse um dia conhecer sua história: “Me he propuesto al escribir este relato compendiar en pocas cuartillas estos relevantes hechos de mi vida, para que mi hija Laia los conozca un día” (SOLER, 2004, p. 7). Entretanto, é importante ressaltar que os escritos de Arcadi chegam, depois de meio século, às mãos de seu neto, o narrador, e não às mãos de Laia, sua destinatária original. Nesse momento, então, ao entregá-los ao neto e aceitar seu convite para gravar em áudio suas memórias de soldado e exilado, acaba atendendo a esse “sentido de urgência” de que trata Jelín (2002). Mesmo assim, Arcadi não revela tudo o que teria a contar ao neto.

O segundo processo demonstrado por Jelín, o do devir da história, engloba o atravessamento de acontecimentos públicos e processos históricos ao que a autora chama de dinâmicas institucionais, demográficas, políticas, econômicas, etc.

Ese devenir está hecho a partir de proyectos y expectativas de grupos humanos, en condiciones y circunstancias que generalmente no controlan, y con consecuencias que no siempre fueron previstas. Pero son hombres y mujeres que también crecen, envejecen y mueren. (JELÍN, p. 120)⁵¹

⁴⁹ “Qué marcas do passado apagam-se de maneira irrecuperável? Quais permanecem, ativas ou guardadas no esquecimento, para serem eventualmente recuperadas?” (Tradução livre da autora)

⁵⁰ “Na velhice, muitos querem transmitir, deixar às gerações posteriores algo de sua experiência.” (Tradução livre da autora)

⁵¹ “Esse devir é feito a partir de projetos e expectativas de grupos humanos, em condições e circunstâncias que geralmente não controlam, e com consequências que nem sempre foram

Este segundo processo implica na existência do terceiro, já que, como explica Jelín, as instituições podem ter uma continuação de longa duração, mas seu lugar social, seu sentido e as pessoas que as constituem vão se renovando continuamente “aunque a veces se ‘eternice’ alguna figura, mostrando que el envejecimiento no es obstáculo para la permanencia durante décadas – Franco, Stroessner o el papa Wojtyla” (JELÍN, p. 121)⁵².

Bem como Jelín, é importante que reflexionemos sobre quais podem ser as lições e os aprendizados que o passado pode legar ao presente. De maneira muito precisa, a autora afirma que “la memoria vincula pasados con expectativas futuras” (JELÍN, p. 121) e que as experiências passadas, em seus movimentos naturais de rememoração, permanência e esquecimento se transformam em meio aos cenários do presente e às expectativas advindas da perspectiva do futuro. Mencionando uma perspectiva psicanalítica, Jelín afirma que o passado habita o presente através do inconsciente, ao que acrescenta:

[...] desde el campo de lo cultural, el énfasis está puesto sobre el sentido que se da al pasado, según el marco interpretativo y los códigos culturales que permiten interpretarlo – de manera racional, planificada, pero también en prácticas simbólicas y performativas de actores que, más que representar o recordar, se apropian y ponen en acto elementos de ese pasado. (p. 121)⁵³

No intuito de elucidar o que explica a autora, tornam-se quase didáticos alguns fragmentos da narrativa de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2008), nos quais é possível encontrar fragmentos que demonstram precisamente o que diz Jelín a respeito dos marcos interpretativos, códigos culturais, práticas simbólicas e performativas que permitem interpretar, representar e relembrar o passado. Durante todo o relato empreendido pelo narrador, ficam expostos inúmeros momentos em que Arcadi, como

previstas. Mas são homens e mulheres que também crescem, envelhecem e morrem.” (Tradução livre da autora)

⁵² “ainda que às vezes se eternize alguma figura, mostrando que o envelhecimento não é obstáculo para a permanência durante décadas – Franco, Stroessner ou o Papa Wojtyla.” (Tradução livre da autora)

⁵³ “Desde o campo cultural, a ênfase está posta sobre o sentido que se dá ao passado, segundo o marco interpretativo e os códigos culturais que permitem interpretá-lo – de maneira racional, planificada, mas também em práticas simbólicas e performativas de atores que, mais que representar ou recordar, apropriam-se e colocam em ação elementos desse passado.” (Tradução livre da autora)

diz Jelín, performa, de maneira a trazer ao presente seu passado na Espanha, nem sempre traumático e muitas vezes nostálgico, a fim de revivê-lo e de permanecer, de alguma maneira, a ele conectado. Em determinado momento, seu neto compartilha com o leitor um hábito de seu avô durante as tardes de domingo em La Portuguesa:

Los domingos por la tarde Arcadi sacaba de su armario un aparato de metal negro y proyectaba, sobre la pared verdosa del salón, una serie de diapositivas que recorría las Ramblas, de la fuente de Canaletas a la estatua de Colón. La mayor parte de esas sesiones transcurría en silencio, aunque a veces, cuando Arcadi estaba de vena, comentaba algo sobre alguna fotografía y, en ocasiones excepcionales, sacaba una de su lugar para mostrarnos un detalle directamente en el negativo. (SOLER, 2004, p. 28)⁵⁴

Em um artigo publicado em 2014, no jornal El País, Jordi Soler conta que muitos dos hábitos catalães que se conservavam em sua casa, principalmente por exercício de seu avô, eram conservados justamente na tentativa de manter-se, de alguma maneira, conectado ao passado a que pertencera, e de preservar parte de um tempo e de um espaço que, além de constitui-lo como indivíduo, legaria aos seus descendentes:

En aquella aldea, que se llamaba La portuguesa, se hablaba en catalán y se comían butifarras, panellets y vinos que se importaban de Cataluña, con la idea de mantener el contacto con ese país al que no regresarían nunca.⁵⁵

Apesar dos entraves, já tratados anteriormente, que muitas vezes se apresentam na dinâmica de transmissão das memórias coletivas e individuais, cabe-nos refletir sobre a importância da realização plena desse percurso.

Maurice Halbwachs, sociólogo dedicado ao tema da memória coletiva (ou memória social), discute, de maneira bastante abrangente, construções coletivas de pessoas e grupos relacionadas ao passado. Segundo Halbwachs (1990, pp. 56-57), lugares, palavras, formas de linguagem e datas seriam representações partilhadas por todos aqueles que possuem lembranças comuns. Para ele, a chamada memória coletiva não seria exatamente uma manifestação do que aconteceu no passado, mas sim uma

⁵⁴ “Aos domingos à tarde, Arcadi tirava de seu armário um aparelho preto de metal e projetava sobre a parede esverdeada da sala, uma série de transparências que recorriam as Ramblas, da fonte de Canaletas à estátua de Colombo. A maior parte dessas sessões transcorria em silêncio, ainda que às vezes, quando Arcadi estava inspirado, comentava algo sobre alguma fotografia e, em ocasiões excepcionais, tirava uma de seu lugar para mostrar-nos um detalhe diretamente no negativo.” (Tradução livre da autora)

⁵⁵ “Naquela aldeia que se chamava La Portuguesa, falava-se catalão e se comiam *butifarras*, *panellets* e vinhos que eram importados da Catalunha, com a ideia de manter contato com esse país ao qual não regressariam nunca.” (Tradução livre da autora)

construção coletiva do passado produzida pelos indivíduos pertencentes à determinada coletividade.

Para Halbwachs, quando as memórias de uma sequência de eventos não encontram mais sustentação em um determinado conjunto de pessoas, “aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências” (HALBAWACHS, p. 80), deve-se então perpetuá-las, salvá-las de alguma forma. Para ele, a maneira mais sólida de fazê-lo seria através das narrativas escritas, “uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBAWACHS, p. 81). Podemos, assim, expandir a ideia de narrativa escrita mencionada por Halbwachs para além dos registros escritos produzidos por Arcadi um mês depois de chegar ao México, já que grande parte da documentação de suas memórias é feita também por meio de registros orais copilados e organizados por seu neto em gravações de áudio produzidas diretamente com seu avô, que, além de conservarem suas memórias, tornam-nas mais fidedignas às vivências de seu protagonista, tornando possível, então, uma transmissão mais “confiável” desse passado que apenas ele conheceu.

Esbarramos, assim, nas particularidades que envolvem a construção do discurso histórico em oposição ao discurso da memória. Ao explorar os aspectos que diferem a memória histórica da memória coletiva, Halbwachs (1990) explica que a história muitas vezes recai na falha de utilizar de seu discurso apenas para tentar conservar e reproduzir uma imagem fiel do passado que possa ainda, de alguma forma, encaixar-se e habitar a memória coletiva de hoje, retendo dela apenas “aquilo que ainda interessa às nossas sociedades” (p. 81). Já a memória coletiva seria, segundo ele, uma corrente contínua de pensamento, um ente mais orgânico, “já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (p. 82).

A história divide a sequência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos. Porém, enquanto que numa peça, de um ato para outro, a mesma ação prossegue com os mesmos personagens, que permanecem até o desenlace de acordo com seus papéis, e cujos sentimentos e paixões progridem num movimento ininterrupto, na história se tem a impressão de que, de um período a outro, tudo é renovado, interesses em jogo, orientações dos espíritos, maneiras de ver os homens e os acontecimentos, tradições também e perspectivas para o futuro, e que se, aparentemente reaparecem os mesmos grupos, é porque as divisões exteriores, que resultam dos lugares, dos nomes, e também da natureza geral das sociedades, subsistem. Mas os conjuntos de homens que constituem um mesmo grupo em dois períodos sucessivos são como duas barras em contato

por suas extremidades opostas, mas que não se juntam de outro modo, e não formam realmente um mesmo corpo. (HALBAWACHS, p. 82)

No que tange à reparação dos mesmos grupos de que fala Halbwachs, bem como aos conjuntos de homens que constituem um mesmo grupo em períodos diferentes, retornamos às contribuições de Elizabeth Jel n para que possamos aclarar, enfim, a importância da manutenção da transmissão da memória. Pode-se aprender algo com o passado? Definitivamente. Mas o quê?

Segundo Jel n (2002, p. 124), “sólo se pueden olvidar los acontecimientos que uno vivi ; no se puede olvidar lo que no se vivi ”⁵⁶. Assim sendo, se dizemos que uma coletividade se lembra de algo, é porque o passado foi ativamente transmitido às gerações posteriores e, mais do que isso, obteve delas uma recepção ressignificada pelo presente e pelas circunstâncias em que estão inseridas (JEL N, 2002, p. 124). Ao longo de seu texto, a autora lançá mão das contribuições de Paloma Aguilar Fernández (1996, p. 52 apud JEL N, 2002, p. 122) para aplicar ao contexto espanhol o conceito de aprendizado político. Explica que existe uma tendência a aprender mais com as próprias experiências, ou seja, com aquelas ocorridas dentro de seu grupo de pertencimento (a naç o), do que com as experi ncias alheias.

La conclusión que saca de este “peso del pasado” de la Guerra Civil Española es que “[...] era necesario, incluso imprescindible, el relevo generacional, sobre todo si tenemos en cuenta que había que lidiar con un pasado dramático y difícil, plagado de heridas mal cicatrizadas” (AGUILAR FERNÁNDEZ, 1996, p. 52 apud JELÍN, 2002, p. 122). Además, en términos del curso de vida de los actores sociales, los acontecimientos que dejan marcas más profundas son los de las etapas tempranas de la vida y las del momento en que se comienza a tomar conciencia del juego político en que uno está inmerso, lo cual implica un “efecto retardado” de los aprendizajes. La aplicación de las lecciones de la historia ocurre al menos con veinte años de distancia, por el tiempo que le lleva a la nueva generación acceder al poder (AGUILAR FERNÁNDEZ, 1996, p. 53 apud JEL N, 2002, p. 122). (p. 122)⁵⁷

⁵⁶ “Somente podem-se esquecer os acontecimentos que foram vividos; n o se pode esquecer o que não se viveu.” (Tradu o livre da autora)

⁵⁷ “A conclus o que tira deste ‘peso do passado’ da Guerra Civil Espanhola   que ‘[...] era necessário, até imprescindível, o relevo geracional, sobretudo se levamos em considera o o fato de que existia a necessidade de lidar com um passado dramático e difícil, castigado por feridas mal cicatrizadas’. Além disso, em termos do curso da vida dos atores sociais, os acontecimentos que deixam marcas mais profundas são os das etapas iniciais da vida e as do momento em que se começa a tomar consciência do jogo político em que se está imerso, o que implica em um ‘efeito retardado’ dos aprendizados. A aplica o das lições da história ocorre ao menos com vinte anos de distância, pelo tempo que a nova gera o leva para chegar ao poder.” (Tradu o livre da autora)

É possível perceber, não só no contexto espanhol, mas também dentro da América Latina, em contextos de transição política com vistas à democracia, um novo tipo de movimentação promovido pelas novas gerações e que se caracteriza, se não como o principal, como um dos principais aprendizados advindos da manutenção da transmissão da memória dos que vieram antes: a recusa em permitir que o seu e outros grupos vivenciem episódios violentos e traumáticos como os ocasionados por conflitos de guerras e ditaduras. Segundo Tzvetan Todorov em seu livro *O Homem Desenraizado* (1999, p. 75), “toda sociedade tem um dever com relação a seu passado: ela deve impedir que ele seja irremediavelmente apagado”. Explica:

Não que seja preciso subjugar o presente ao passado, nem que todas as lições do passado sejam igualmente recomendáveis. A memória coletiva prefere habitualmente guardar, no passado da comunidade, dois tipos de situações: aquelas em que fomos heróis vitoriosos ou vítimas inocentes. As duas permitem legitimar nossas reivindicações presentes. Mas tais situações, que podem ter realmente existido, contribuem para nos cegar com relação ao presente mais do que para nos deixar lúcidos. As páginas menos gloriosas de nosso passado seriam as mais instrutivas, se nós aceitássemos lê-las inteiramente. O passado é benéfico não quando alimenta o ressentimento ou o triunfalismo, mas quando seu gosto amargo nos leva a transformar-nos a nós mesmos.

Segundo Jelín (2022, p. 125-126), a família e as demais instituições possuem um papel central na socialização dessas novas gerações a partir da perpetuação das memórias de um passado do qual é necessário lembrar-se, mas com liberdade o suficiente para ressignificá-lo e reinterpretá-lo a partir dos novos contextos e das novas demandas de cada época: “[...] transmisión, herencias y legados (como cosa dejada a alguien en testamento) suponen la inscripción de sentidos en un mensaje con la intención de preservación” (JELÍN, p. 131)⁵⁸.

Santos Juliá, em seu artigo “Echar al olvido: Memoria y amnistia en la transición a la democracia” (2003, p. 263), menciona um trabalho do filósofo e ensaísta espanhol José Luis López Aranguren no qual comenta alguns textos do escritor Francisco Ayala produzidos no exílio. Neste trabalho, Aranguren afirma que a única saída decente para a

⁵⁸ “[...] transmissão, heranças e legados (como coisa deixada em testamento a alguém) supõem a fixação de sentidos em uma mensagem com a intenção de preservação.” (Tradução livre da autora)

tragédia da Guerra Civil Espanhola seria “la catarsis mediante la náusea que produce la contemplación del espantable suceso”⁵⁹.

Para a cientista social Elizabeth Jelín (2002, p. 130), a maneira ideal de suprir a urgência dessa catarse é justamente unindo a transmissão de informação e de conhecimento, aproximando-nos mais do discurso histórico, ao incentivo ao desenvolvimento do que ela chama de “certas sensibilidades” , para que, mais do que a mera transmissão de dados e informações, as novas gerações sejam capazes de, à sua maneira, apropriarem-se e reconhecerem-se dentro desse passado e desses eventos que, de uma maneira ou de outra, com mais ou menos veemência, serão permanentemente parte da coletividade que as compõem.

⁵⁹ “a catarse mediante a náusea que produz a contemplação do espantoso acontecimento.”
(Tradução livre da autora)

CAPÍTULO 3

A IDENTIDADE POSTA EM CENA

3.1 A construção identitária dos netos do exílio: um olhar sobre o narrador

Ao longo do primeiro capítulo de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), o narrador-protagonista, neto de Arcadi, afirma que seu avô, ao chegar ao México, experimentou, através da escrita, exorcizar os demônios da guerra e tentar acertar as contas com seu passado e consigo mesmo. Percebe-se, ao mesmo tempo, que muito dessa tentativa está também presente na busca por respostas que ele mesmo empreende ao longo de sua jornada um tanto quanto investigativa. O neto de Arcadi é também alguém que se empenha, com a escrita e através dela, no acerto de contas com o passado de sua família e com sua própria identidade para entender-se como sujeito portador de mais de uma cultura. Em suma, a busca pelo entendimento do passado de seu avô é, ao mesmo tempo, a busca pelo entendimento de si.

Em viagem à Europa, em meio a seu processo histórico-investigativo, o narrador consegue um encontro com o cônsul geral do México em Paris. No capítulo em que discorre sobre esse momento, revela que o homem lhe sugere uma visita - à praia de Argelès-Sur-Mer, onde existiu um campo de concentração para refugiados republicanos espanhóis e onde esteve confinado seu avô antes da partida definitiva para o México. Ao avaliar a serventia dessa jornada, o narrador deixa clara a sua intenção de compreender, a partir da história de seu avô, sua própria construção como sujeito:

Me quedaba todavía una semana en Europa y decidí cambiar la visita que pensaba hacerle a Pedro Nivelá en Madrid por esa visita a Argelès-sur-Mer que, desde la altura de aquella cena estupenda, se me antojó como un viaje de arqueología interior, una experiencia cuyos probables hallazgos me ayudarían a obtener un mejor perfil de Arcadi y, consecuentemente, de mí mismo. (SOLER, 2004, p. 106)⁶⁰

⁶⁰ “Restava-me ainda uma semana na Europa e decidi mudar a visita que pensava fazer a Pedro Nivelá, em Madri, devido a essa visita a Argelès-sur-Mer que desejei como uma viagem de arqueologia interior, uma experiência cujas prováveis descobertas me ajudariam a obter um melhor perfil de Arcadi e, consequentemente, de mim mesmo.” (Tradução livre da autora)

Ao adentrar nessa região, o narrador novamente se coloca como parte da reconstrução histórica de sua família, afirmando: “[...] quería meterme bien en el paisaje, en ese territorio donde pensaba que había algo mío” (SOLER, 2004, p. 106)⁶¹.

No decorrer do capítulo em que descreve um pouco da vida em La Portuguesa, o narrador nos dá um panorama da complexidade e da heterogeneidade que compunham a sua identidade, que transitava continuamente entre línguas e hábitos culturais diversos, o que de certa forma afetava seu senso de pertencimento:

Joan y yo éramos mexicanos y punto, habíamos nacido ahí, en la plantación de café, nunca fuimos ni al colegio Madrid, ni al Luis Vives, ni al Orfeo Cátala, ni a ninguna de las instituciones que frecuentaban los hijos y los nietos de los republicanos. Tampoco teníamos relación ni con los guachupines, ni con los espanholetes, esos tataranietos de españoles, descendientes de varias generaciones de mexicanos, que siguen ceceando como si hubieran nacido en Madrid y acabaran de aterrizar por primera vez en la Nueva España. (SOLER, 2004, p. 28)⁶²

Dois aspectos centrais que concernem à formação identitária do narrador do romance serão enfocados nesta seção: a língua, como um dos mais fortes componentes identitários de um grupo, e a dualidade vivida pelo narrador no que diz respeito a ser descendente de espanhóis, catalães, por tanto, de europeus – e viver uma rotina carregada de seus hábitos -, mas nascido e criado na América Latina, lugar do qual, naturalmente, também absorveu diversos componentes culturais.

No livro *In the Name of Identity: Violence and the Need to Belong* (2012), o jornalista e escritor franco-libanês Amin Maalouf discorre sobre o tema do pertencimento e do reconhecimento de si enquanto sujeito portador de mais de uma cultura, adotando um tom um tanto quanto diferente do que correntemente se vê nas abordagens sobre o tema. Ainda que apresente algumas circunstâncias problemáticas que permeiam a existência do sujeito multicultural, Maalouf tende muito mais a uma postura favorável e confiante sobre sua condição, optando por associá-la não a um tipo

⁶¹ “queria meter-me bem na paisagem, nesse território onde achava que havia algo meu.” (Tradução livre da autora)

⁶² “Joan e eu éramos mexicanos e ponto final. Havíamos nascido ali, na plantação de café, nunca fomos nem ao Colégio Madri, nem ao Luis Vives, nem ao Orfeo Catalá, nem a nenhuma das instituições que frequentavam os filhos e os netos dos republicanos. Também não tínhamos relação nem com os guachupines, nem com os espanhoizinhos, esses tataranetos de espanhóis, descendentes de várias gerações de mexicanos, que continuam ceceando como se tivessem nascido em Madri e acabado de aterrizar pela primeira vez na Nova Espanha.” (Tradução livre da autora)

de desenraizamento ou de existência fragmentada, mas sim a uma forma muito particular e única de colocar-se no mundo: “What makes me myself rather than anyone else is the very fact that I am poised between two countries, two or three languages and several cultural traditions. It is precisely this that defines my identity. Would I exist more authentically if I cut off a part of myself?” (MAALOUF, 2012, p. 1)⁶³.

O narrador de *Los Rojos de Ultramar* (2004) observa, rememorando sua infância, algumas singularidades diárias que desde sempre permearam sua construção como indivíduo. Apesar do certo silêncio que pairava sobre o passado de seu avô, ele era capaz de identificar as reverberações desse período no cotidiano familiar. Relembra:

Vivíamos una vida mexicana y sin embargo hablábamos en catalán y comíamos fuet, butifarra, mongetes y panellets, y los 15 de septiembre, el día de la independencia, permanecíamos encerrados en casa porque los mexicanos de Galatea y sus alrededores tenían la costumbre de celebrar esa fiesta moliendo a palos a los españoles. (SOLER, 2004, p. 28)⁶⁴

Segundo Maalouf (2012, p.2), a identidade de um indivíduo pertencente a mais de uma cultura não pode ser compartimentada, dividida em partes ou segmentada. Utilizando a si mesmo como exemplo, afirma que suas naturezas libanesas e francesas não se apresentam como fragmentos de duas identidades diversas, mas, ao contrário, são, conjuntamente, o que caracterizam a totalidade de sua identidade: “I haven’t got several identities. I’ve got just one, made up of many componentes in a mixture that is unique to me, just as other people’s identity is unique to them as individuals”⁶⁵. Entretanto, entender-se como sujeito entre-culturas não é tão simples. Identificar onde estão fincadas as suas raízes, sendo necessário reconhecer, por vezes, que é possível que elas estejam em mais de um lugar, em mais de uma língua, em mais de uma sociedade, é um processo bastante profundo e complexo de autoconhecimento.

⁶³ “O que me torna mais eu mesmo do que qualquer outra pessoa, é o fato de estar entre dois países, duas ou três línguas e várias tradições culturais. É precisamente isso que define a minha identidade. Eu existiria com mais autenticidade se cortasse uma parte de mim?” (Tradução livre da autora)

⁶⁴ “Vivíamos uma vida mexicana e, entretanto, falávamos em catalão e comíamos *fuet*, *butifarra*, *mongetes* y *panellets*, e no 15 de setembro, dia da independência, permanecíamos trancados em casa, porque os mexicanos de Galatea e de seus arredores tinham o costume de celebrar essa festa *moliendo a palos* os espanhóis.” (Tradução livre da autora)

⁶⁵ “Eu não tenho várias identidades. Eu tenho apenas uma, feita de muitos componentes em uma mistura que é única para mim, assim como a identidade de outras pessoas é única para elas como indivíduos.” (Tradução livre da autora)

Uma das controvérsias que compõem a formação identitária do narrador de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004) é o fato de ser ele um indivíduo nascido e criado no México e, ao mesmo tempo, um descendente de espanhóis, mais especificamente catalães (o que, por si só, motivava certa complexidade com relação à língua – o catalão – e aos costumes – comer fuet, butifarra...- que vivenciava dentro de seu núcleo familiar), e que, por isso, recebe, ainda que indiretamente, a marca do europeu colonizador que tantos rastros bárbaros deixou na América Latina. No primeiro capítulo deste trabalho, pusemos luz à questão da dinâmica colonialista reproduzida por Arcadi e seus companheiros catalães dentro do funcionamento da plantação de café de La Portuguesa. Entretanto, é importante que mencionemos também o fato de que, em maior ou menor escala, ou com mais ou menos protagonismo, seus netos também estariam envolvidos neste sistema.

Ao descrever os momentos em que Arcadi passava as tardes de domingo revisitando “slides” projetados por seu avô e que exibiam las Ramblas, em Barcelona, o narrador faz referência ao televisor presente na casa, um aparelho raro na época que, quando ligado na sala da família de Arcadi, funcionava, para além de distração dos meninos ricos, como um ponto de interesse das crianças que não possuíam o aparelho e que se espremiavam no vão da janela – do lado de fora da casa – para tentar ver suas imagens. A menção ao aparelho, bem como à máquina responsável pela projeção dos “slides” na parede da sala reforçam a existência de um cenário bastante simbólico no que diz respeito à reprodução da lógica colonialista que protagonizava sua família, inclusive ele e seu irmão:

El televisor era un aparato mágico del que podíamos disfrutar exclusivamente a cierta hora y rigurosamente supervisados por alguna de las criadas. Como ese aparato era un ejemplar único en los alrededores, cada vez que algo aparecía en la pantalla brotaba en la ventana, de manera automática, un montón de cabezas que crecía o decrecía según la temporada y que, de un día para otro, había sido reforzado por la cabezota de un elefante que vivía por ahí y que intentaba, sin ninguna probabilidad de éxito, confundirse con el resto de las cabezas. Ese montón de niños le daba estatus de bien común al televisor de Arcadi, pero también interrumpía la corriente de aire fresco que nos hubiera permitido mirar la televisión sin sudar a chorros, y además reforzaba nuestras diferencias con los habitantes tradicionales de la selva. (SOLER, 2004, p. 29)⁶⁶

⁶⁶ “O televisor era um aparelho mágico do qual podíamos disfrutar exclusivamente à certa hora e rigorosamente supervisionados por alguma das criadas. Como esse aparelho era um exemplar único nos arredores, cada vez que algo aparecia na tela, brotava na janela, de maneira automática, um montão de cabeças que aumentava ou diminuía segundo a temporada e que, de um dia para o outro, havia sido reforçado pela cabeçorra de um elefante que vivia por

Em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Stuart Hall discorre sobre o tema da identidade na pós-modernidade, afirmando que os conceitos de identidade podem ser distinguidos a partir de três diferentes concepções de sujeito: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O primeiro refere-se ao “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p. 11), cujo centro essencial seria sua identidade e que seria, segundo Hall, uma concepção bastante individualista, tanto de sujeito quanto de identidade. Já o segundo, o sujeito sociológico, diz respeito ao sujeito constituído a partir de suas relações com os outros: “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11).

Se recorrermos brevemente aos estudos de Bauman (2005) que versam sobre o conceito de identidade, nos depararemos com pontos de vista bastante semelhantes aos expressos por Hall (2006), já que Bauman também reforça a importância das relações e das conexões com o outro no processo de construção identitária dos indivíduos:

[...] a essência da identidade [...] não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo. Precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos. (BAUMAN, 2005, p.74-75)

Por fim, a terceira concepção, a do sujeito pós-moderno, incorpora a ideia do sujeito produzido a partir da variabilidade, flexibilidade e instabilidade de sua própria identidade. Ele é, segundo Hall (2006, p. 12-13), “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’”. A partir dessa perspectiva, entende-se, portanto, que o sujeito não é constituído homogeneamente, nem consiste em um ente invariável ou plenamente constante, podendo manifestar, portanto, identidades díspares e, por que não,

ali e que tentava, sem nenhuma possibilidade de sucesso, confundir-se com o resto das cabeças. Esse monte de crianças dava ao televisor de Arcadi o status de bem comum, mas também interrompia a corrente de ar fresco que poderia permitir-nos ver a tevê sem suar em bicas, e além disso, reforçava nossas diferenças com os habitantes tradicionais da selva.” (Tradução livre da autora)

incoerentes. Hall (2006, p. 16-17), recorrendo às contribuições de Ernest Laclau (1990), explica:

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades - para os indivíduos. (HALL, 2006, p. 17)

Inserido em determinados contextos sociais e familiares, o narrador mostra-se bastante consciente dos papéis identitários que involuntariamente também acaba desempenhando no meio ao qual está integrado, junto aos nativos mexicanos e aos exilados catalães. É interessante ressaltar, para fins elucidativos, as passagens, já citadas anteriormente, em que o narrador descreve com lucidez o retrato cotidiano dos dois irmãos brancos comodamente colocados em uma poltrona em frente à televisão, , “a tres metros escasos de esos nativos que se apelotonaban em la ventana” (SOLER, 2004, p. 29), ao que acrescenta: “éramos el ejemplo vivo de esse encuentro entre dos mundos que lleva siglos sin poder consolidarse” (SOLER, 2004, p. 29).

No que tange às problemáticas que envolvem a construção identitária de um indivíduo, bem como de seu entendimento de si e suas origens, convém focalizar também outro determinante protagonista deste processo: a língua. Sobretudo quando o protagonista deste processo é um sujeito situado entre culturas que implicam línguas diversas, a identificação linguística exerce um papel ainda mais preponderante no entendimento de si. Ainda nesta seção, discutimos a fala do narrador de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), em que ele comenta o fato de viver uma vida mexicana e, ao mesmo tempo, dentro de sua casa, falar o catalão. Na tentativa de tornar mais palpável o papel da língua na identidade do sujeito entre culturas, bem como o sentimento desses indivíduos, recorreremos às contribuições de Todorov (1999, p. 21):

A impressão dominante era a de incompatibilidade. Minhas duas línguas, meus dois discursos se pareciam muito, de certa forma; cada um poderia satisfazer à totalidade de minha experiência e nenhum era claramente submisso ao outro. Um reinava aqui, o outro lá, mas cada um reinava incondicionalmente. Eles se assemelhavam e podiam, em consequência, substituir-se um ao outro, mas não combinar-se entre si. Donde a persistência desta impressão: uma de minhas vidas deve ser um sonho.

Em artigo publicado no jornal El País, em 2014, Jordi Soler afirma que o catalão que se falava dentro de seu círculo familiar em La Portuguesa possuía uma constituição

bastante híbrida, com traços muito fortes de mexicanismos usados pelos habitantes da região: “En La Portuguesa mi hermano y yo contábamos los números indistintamente en catalán o en náhuatl, decíamos un, dos, tres, quatre, cinc o se, *ome, yei, nahui, mauili*”⁶⁷, ao que acrescenta:

A los perros les decíamos *chicu*, en otomí, y gos, en catalán, con tanta consistencia que los trabajadores de la plantación, que eran o nahuas u otomíes, comenzaron también a usar la palabra gos para referirse al perro. Perro en náhuatl es *itscuintli*, un término que fue pasando al español de México como escuincle y que se ha extendido para definir a la canalla, a la mainada, como se les dice todavía en catalán a los niños en esa zona de Veracruz donde estaba el cafetal. Plorar sense gridas, dice todavía mi madre cuando detecta que alguien finge que está llorando, que es tan falso su llanto que no produce ni una grida, que es la palabra que usan los otomíes para decir lágrima. Hace unos años me escribió un lector, de esa zona de Veracruz, cuyo padre había trabajado en La Portuguesa. Este lector había crecido en la misma plantación y se llevó una gran sorpresa cuando leyó *Los rojos de ultramar*, esa novela con episodios de nuestra infancia en aquel microcosmos catalán, en medio de la selva veracruzana. Su carta comenzaba con un guiño al título de mi novela: Querido *chichiltic*, que es la palabra nahua que designa el color rojo.⁶⁸ (SOLER, El Catalán de Ultramar, 2014)

Em uma conferência “**Reflexões sobre língua e identidade**”, o linguista brasileiro Rodolfo Ilari aborda as relações existentes entre os conceitos de língua e identidade e explica por que a língua caracteriza-se como um fator tão crucial na construção identitária de um sujeito e de uma comunidade: “A inserção de qualquer falante na língua é sempre altamente pessoal, circunstancial, e isso que faz da língua um fator de identificação muito eficaz” (ILARI, 2004, p. 10).

Durante sua fala, Ilari (2004) relata um pouco de suas vivências enquanto uma criança residente na Itália. Explica que o italiano que falava junto aos seus familiares e

⁶⁷ “Em La Portuguesa, meu irmão e eu contávamos os números indistintamente em catalão ou em náuatle. Dizíamos *uno, dos, tres, quatre, cinc* ou *se, ome, vei, nahui, mauili*.” (Tradução livre da autora)

⁶⁸ “Aos cachorros dizíamos *chicu*, em otomi, e *gos*, em catalão, com tanta consistência que os trabalhadores da plantação, que eram o *nahuas* ou *otomis*, começaram também a referir-se ao cachorro. Cachorro em náuatle é *itscuintli*, um termo que foi passando ao espanhol do México como *escuincle* e que se estendeu para definir a às pessoas de maus modos, à *mainada*, como ainda dizem em catalão às crianças nessa zona de Veracruz onde estava o cafezal. *Plorar sense gridas*, diz ainda minha mãe quando detecta que alguém finge que está chorando, quando é tão falso seu choro que não produz nem uma *grida*, que é a palavra que usam os otomis para dizer lágrima. Há alguns anos um leitor me escreveu, dessa região de Veracruz, cujo pai havia trabalhado em La Portuguesa. Esse leitor havia crescido na mesma plantação e se surpreendeu quando leu *Los Rojos de Ultramar*, esse romance com episódios de nossa infância naquele microcosmo catalão, em meio à selva veracruzana. Sua carta começava com uma referência ao título de meu romance: Querido *chichiltic*, que é a palavra nauátle que designa a cor vermelha.” (Tradução livre da autora)

colegas da escola era caracterizado por uma interferência bastante intensa do dialeto regional de seu grupo, o que modificava a forma como falavam em relação ao que costumeiramente se denomina italiano *standard*:

Tanto quanto consigo recuar no tempo, lembro-me do italiano standard como uma língua compreensível e fácil, mas a experiência de falar e escrever em italiano standard só aconteceu de fato quando fui para a escola primária. Em casa, só se falava de fato o dialeto da região – como consequência de uma situação de diglossia, na qual o italiano standard ou simplesmente o italiano, uma língua em grande parte baseada na escola, brigava secularmente com o dialeto que, esse sim, era a verdadeira língua vernácula dos autóctones. (ILARI, 2004, p. 4)

Essa “inconsistência” linguística, produzia em Ilari certa dubiedade em relação à sua identidade linguística: “[...]a primeira reação é perguntar: por que eles não falam como eu? São lesos ou realmente não conhecem as personagens e as histórias que eu conheço?” (ILARI, 2004, p. 7). Nem uma coisa, nem outra. Como o próprio linguista explica mais adiante, a identificação que existe dentro de um grupo mediante o uso de uma língua, vincula-se preponderantemente ao que se vive e se partilha dentro dessa coletividade: “A bom entendedor, meia palavra basta, e o que faz os bons entendedores é a experiência vivida da língua, não a estrutura da língua” (ILARI, 2004, p. 14).

Como habitante de uma região de bilinguismo e, mais ainda, de diglossia, Ilari afirma que compreender a complexidade desse tipo de vivência não é exatamente tarefa fácil, pois exige, além de tudo, que seus participantes adquiram uma visão muito clara da existência das diferenças em comunidades diversas. Afirma que “é preciso mudar de lugar, quem sabe de país, e aí se descobre que os outros têm uma outra história, um outro idioleto, um outro ‘estilo’” (ILARI, 2004, p. 11-12).

No ensaio intitulado *Entre Mundos* (2001), Edward Said traça um paralelo entre parte da biografia do escritor Joseph Conrad e sua própria, usando Conrad como o exemplo de alguém cuja vida e cuja obra assentam-se na língua adquirida no país de destino, mas que ao mesmo tempo nunca se desvencilha completamente do sentimento de alienação proporcionado pelo novo espaço. Como indivíduo inserido entre duas culturas, Said afirma que a relação conflitante entre o inglês e o árabe (sua língua materna) acentuava os inconvenientes de sua condição de estrangeiro:

Toda a minha educação foi anglocêntrica – tanto é verdade que eu sabia muito mais sobre a história e a geografia britânica e até indiana (matérias obrigatórias) do que sobre a história e a geografia do mundo árabe. Mas, embora ensinado a acreditar e pensar como um escolar inglês, também fui

treinado a compreender que eu era um estranho [...]. A linha que separava Nós de Eles era linguística, cultural, racial e étnica. Não me facilitava em nada ter nascido, ser batizado e confirmado na Igreja Anglicana, onde o canto de hinos belicosos como “Adiante, soldados cristãos” e “Das montanhas geladas da Groenlândia” me fazia desempenhar ao mesmo tempo o papel de agressor e agredido. (SAID, 2001, p. 305)

Em artigo publicado, em 2010, no jornal *El País*, Jordi Soler, que, como discutimos no primeiro capítulo, apresenta muitas correspondências com seu narrador de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), revela que o fato de ele e sua família serem falantes de catalão em meio à selva mexicana lhes conferia um “lustre exótico” (SOLER, 2010)⁶⁹, ao que acrescenta que “ser catalán en Veracruz era precisamente eso: ser un niño exótico que estaba obligado a explicar, con una frecuencia desesperante, la rara filiación de su exotismo” (SOLER, 2010)⁷⁰.

No mesmo artigo, Soler explica em mais detalhes as nuances e problemáticas que rondavam sua sensação conflitante de pertencimento, bem como sua volúvel convicção identitária em meio aos diversos estímulos culturais que pairavam dentro e fora de seu núcleo familiar. De acordo com o que narra, é possível detectar a necessidade de constantes validações sobre quem era, além da poderosa influência que o campo linguístico acabou desempenhando na sua construção de sujeito multicultural:

Pasé mi infancia y mi juventud explicando que los catalanes veníamos de España, y no de Croacia ni de Bielorrusia, y aclarando que eso que hablábamos era una lengua, y no la manifestación de una patología del habla, y que Jordi era el equivalente catalán de Jorge, y no un diminutivo, ni un apodo ni tampoco, como más de alguno aseguraba, un nombre de chica o de travesti. (SOLER, 2010)⁷¹

Em um tom divertido, Soler afirma ainda que, apesar dos inconvenientes gerados, as diferentes pronúncias e ortografias – “*Chordi, Yoryi, Yoyis* o *Yuris*, también el *shakespiriano Yorick* o el *Llorbi* más labial” (SOLER, 2010) – atribuídas pelos

⁶⁹ “brilho exótico” (Tradução livre da autora)

⁷⁰ “ser catalão em Veracruz era precisamente isso: ser uma criança exótica que era obrigada a explicar, com uma frequência desesperadora, a estranha filiação de seu exotismo.” (Tradução livre da autora)

⁷¹ “Passei minha infância e minha juventude explicando que os catalães vinham da Espanha, e não da Croácia, nem da Bielorrússia, e esclarecendo que isso que falávamos era uma língua, e não a manifestação de uma patologia da fala, e que Jordi era o equivalente catalão de Jorge, e não um diminutivo, nem um apelido, nem também, como alguns asseguravam, um nome de menina ou de travesti.” (Tradução livre da autora)

mexicanos a seu nome carregadamente catalão (Jordi), foram peças bastante importantes na constituição de seus traços identitários.

3.2 O rompimento e a reformulação identitária do exilado: as experiências de Arcadi

Alguns dos momentos mais simbólicos e delicados de Arcadi ao longo da narrativa de *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004) são os que aludem aos seus contatos com suas raízes.

Logo no segundo capítulo, seu neto conta que em 1970 seu avô desaparece por duas semanas de La Portuguesa, o que na época caracterizou-se como um evento extremamente raro, já que, segundo ele, em mais de 20 anos frente à colônia fundada junto aos outros exilados catalães, Arcadi nunca havia se ausentado, exceto por um acidente que o fez perder um braço, e por uma viagem de negócios à Europa.

A forma como o narrador ingenuamente emprega o verbo “desaparecer” para contar a visão que tinha desse episódio quando criança, reafirma o pacto de silêncio que rondava seu núcleo familiar no que dizia respeito ao passado de seu avô. A ele e a seu irmão, contaram que Arcadi havia viajado à Holanda, onde exploraria as possibilidades de comprar uma máquina que os ajudaria na plantação de café: “pero como solía pasar con las historias en esa casa, la de la máquina despulpadora había servido para ocultar la verdadera historia” (SOLER, 2004, p. 40)⁷². A verdadeira história, descobre o narrador mais adiante, envolvia, na verdade, uma ida de Arcadi à França para visitar seu amigo catalão Putxo que, junto a ele, havia vivido os percalços do campo de Argelès-sur-Mer. Putxo, entretanto, estabelece-se na França pelos anos seguintes, próximo à região francesa onde antes havia o campo de refugiados.

Entretanto, o retorno de Arcadi dessa viagem deixa evidente que algo dentro dele havia sido profundamente transformado pelo breve contato com seu lugar de origem que havia podido experienciar estando na fronteira da França com a Espanha e pelo convívio com seu compatriota espanhol:

⁷² “mas como costumava acontecer com as histórias nessa casa, a da máquina despulpadeira havia servido para ocultar a verdadeira história.” (Tradução livre da autora)

Algo le pasó a Arcadi en aquel viaje porque a partir de entonces comenzó a convertirse en otra persona, tengo la sensación de que aquello que me dijo en las cintas de La Portuguesa, de que su guerra había sido la guerra de otro, empezó a operar desde que regresó de aquel viaje, aunque en realidad su vida, y la de sus socios, había cambiado dramáticamente después del episodio de los rojos de ultramar. Después de aquel viaje, durante muchas noches, oí como Arcadi lloraba en su habitación, con un llanto manso, bajito, atroz. (SOLER, 2004, p. 41)⁷³

Subentende-se, a partir da leitura do fragmento acima, que algo no contato com sua pátria, seu lugar de origem e de pertencimento – a partir do encontro com seu compatriota -, havia gerado dentro de Arcadi uma ruptura muito profunda. Provavelmente, - já que apenas conseguimos suportar -, uma ruptura de expectativas construídas, mantidas e alimentadas a partir das memórias que tinha de si mesmo e de sua vida quando em seu país de origem, num tempo em que toda sua existência ainda não havia sido profundamente afetada e modificada pela guerra.

Mais adiante no livro, o narrador do romance encontra-se com Putxo na França, quem lhe revela mais detalhes do nostálgico e doloroso encontro com seu conterrâneo:

También me contó de las conversaciones que habían tenido y de los días enteros que Arcadi había pasado mirando el campo catalán desde un picacho en los Pirineos. Todavía faltaban cinco años para que muriera Franco y ese picacho en territorio francés era lo más cerca que Arcadi podía estar de España. Me pareció que esa imagen era la quintaesencia de la orfandad, del desamparo, sentí un golpe de melancolía y otro de rabia porque aquel dictador no sólo había destruido la vida de Arcadi, también, durante treinta y cinco años, le había impedido que la reconstruyera, como si perder la guerra y perderlo todo no hubiera sido castigo suficiente. (SOLER, 2004, p. 113)⁷⁴

⁷³ “Algo aconteceu com Arcadi naquela viagem, porque a partir de então começou a transformar-se em outra pessoa. Tenho a sensação de que aquilo que me disse nas fitas de La Portuguesa, de que sua guerra havia sido a guerra de outro, começou a operar desde que regressou daquela viagem, ainda que, na realidade, sua vida e a de seus sócios haviam mudado dramaticamente depois do episódio de *los rojos de ultramar*. Depois daquela viagem, durante muitas noites, ouvi como Arcadi chorava em seu quarto, com um pranto manso, baixinho, atroz.” (Tradução livre da autora)

⁷⁴ “Também contou-me sobre as conversas que haviam tido e dos dias inteiros que Arcadi havia passado olhando, de um pico nos Pirineus, o campo catalão. Ainda faltavam cinco anos para que Franco morresse e esse pico no território francês era o mais próximo que Arcadi podia estar da Espanha. Pareceu-me que essa imagem era a quintessência da orfandade, do desamparo, senti um golpe de melancolia e outro de raiva, porque aquele ditador não só havia destruído a vida de Arcadi, mas também, durante trinta e cinco anos, o havia impedido de reconstruí-la, como se perder a guerra e todo o resto não tivesse sido castigo suficiente.” (Tradução livre da autora)

Em seu livro *O Homem Desenraizado* (1999), Tzvetan Todorov, fala, a partir de sua condição de exilado, sobre os diversos dilemas que vive um indivíduo nesta posição. Nascido na Bulgária, Todorov deixou seu país aos 24 anos para continuar seus estudos na França, onde se naturalizou francês e, pouco a pouco, foi-se adaptando e integrando totalmente ao novo país, vivenciando uma transformação natural de sua condição de *outsider* para a de *insider*. Todorov só retorna à Bulgária 18 anos depois de sua partida e descobre, assim, que não mais era um estrangeiro em Paris, mas que, ao mesmo tempo, também não era um francês. Era, na verdade, alguém que vivia, em seu interior, uma vida de duas culturas e de duas sociedades diferentes.

A permanente sensação de pertencer a duas culturas e, ao mesmo tempo, não pertencer plenamente a nenhuma delas, é o tema central do livro de Todorov, no qual ele propõe algumas reflexões sobre o país onde nasceu e cresceu e sobre o país do qual se sente cidadão. No capítulo intitulado “Em visita à própria casa” (TODOROV, 1999), o autor afirma que “o exilado de retorno ao país natal não é de todo semelhante ao estrangeiro em visita – nem mesmo ao estrangeiro que ele mesmo foi, no momento em que debutou no exílio” (p. 16), ao que acrescenta parte de sua experiência:

Assim que cheguei à França, em 1963, ignorava tudo. Era um estrangeiro no seio da sociedade francesa, que apenas se tornou familiar a mim progressivamente; vivi, em meu contato com ela, não um salto brutal, mas uma passagem imperceptível da posição de *outsider* para *insider* (sendo o *out* e o *in*, o fora e o dentro, naturalmente, sempre considerados de forma relativa). Um dia, tive de admitir que não era mais um estrangeiro, ao menos não no mesmo sentido de antes. [...] De um dia para o outro ele descobre ter uma vida interior de duas culturas, de duas sociedades. (TODOROV, 1999, p. 16)

Este movimento adaptativo à cultura e à sociedade do país de exílio vivenciado por Todorov e relatado em suas memórias, pode ser, de certa forma, observado também em Arcadi de maneira relativamente semelhante. No romance, dentre os fatores que propiciam certo ajuste do avô do narrador no México, podemos mencionar o feliz encontro com outros republicanos catalães exilados, a fundação da colônia de La Portuguesa, que permitiu a ele e aos seus semelhantes uma maior sensação de assentamento no novo país, e o idioma – o espanhol –, que, apesar de suas diferenças no país de origem e no país de exílio, não foi exatamente um fator de entrave no processo adaptativo de Arcadi. Todas essas circunstâncias agem ativamente no seu processo de transformação – também natural - de *outsider* para *insider*. Pelas palavras de Amin

Maalouf (2012, p. 23), “identity isn’t given once and for all: it is built up and changes throughout a person’s lifetime”⁷⁵.

Entretanto, ainda que consiga se sentir minimamente adequado ao lugar de exílio, o exilado quase sempre fantasia com o retorno ao seu país de origem, o que, para além de um retorno meramente territorial, significaria o retorno às suas raízes e a quem, a princípio, se é (ou se era). Em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2001), Edward Said reporta-se a Ulisses, de James Joyce, colocando-o como o arquétipo de herói no qual reside o desejo de um retorno que objetiva o resgate de algo que foi deixado para trás. Segundo as palavras de Casas e Urquijo (2002, p. 13):

Todo el que ha de abandonar su país forzosamente sabe que allí donde es acogido genera pronto, pasado el primer momento de compasión y solidaridad por su penosa situación, un sentimiento de rechazo o desconfianza. [...] Su vida se llenará de nostalgias y recuerdos, deseando siempre regresar a su patria y naufragando en el puerto de su sueño con el desengaño de no poder realizarlo, sobreviviendo gracias al amargo pan del exilio.⁷⁶

Esse é o anseio de todo aquele que parte, ainda que seja impossível recuperar aquilo que se deixou. Segundo o filósofo político Toni Negri em seu livro *Exílio seguido de valor e de afeto* (2001, p. 18), “[...] esse retorno é também um reencontro. É, antes de tudo, uma retomada da discussão”. Vale ressaltar que, ao longo de todo o exílio de Arcadi e de seus companheiros republicanos, a ideia de retornar à Espanha rodeia-os permanentemente, no entanto, isso só seria possível sob a condição de que o general Franco estivesse morto. O grupo de exilados decide aderir, então, à ideia do complô com vistas ao assassinato de Franco que havia planejado, nos anos 60, a esquerda internacional.

Muito disso relaciona-se, obviamente, ao ressentimento causado pela guerra e pela expatriação, mas também ao fato de que o exilado tende a perceber o lugar de exílio como um espaço passageiro, momentâneo, que o receberá apenas enquanto durar a impossibilidade do retorno à pátria de origem. Contudo, o lugar considerado, até certo

⁷⁵ “ A identidade não é dada de uma vez por todas: ela é construída e muda ao longo da vida de uma pessoa.” (Tradução livre da autora)

⁷⁶ “Todo aquele que há de abandonar seu país forçadamente sabe que ali onde é acolhido logo gera, passado o primeiro momento de compaixão e solidariedade por sua penosa situação, um sentimento de rejeição ou desconfiança. [...] Sua vida se encherá de nostalgias e lembranças, desejando sempre regressar à sua pátria e naufragando no porto de seu sonho com o desengano de não poder realiza-lo, sobrevivendo graças ao amargo pão do exílio.” (Tradução livre da autora)

ponto, efêmero, muitas vezes acaba convertendo-se em um espaço permanente, e não apenas de trânsito. Em determinado momento da narrativa, no capítulo dedicado ao complô contra Franco, o narrador, ao descrever os participantes da colônia de La Portuguesa, afirma:

[...] aquel grupo funcionaba muy bien porque los cinco estaban hermanados, unidos de forma irremediable por la misma desgracia, y además los cinco compartían la certeza de que saldrían de aquella desgracia juntos; para ellos México no era el exilio sino el país donde estaban pasando una temporada antes de que pudieran regresar a España. Sobre todo esta última condición era la que los mantenía herméticamente unidos, no estaban ahí construyendo una casa para siempre, estaban como de viaje, un viaje largo e intenso si se quiere, pero desde luego una estancia temporal. (SOLER, 2004, p.115-116)⁷⁷

O penúltimo capítulo do romance *Los Rojos de Ultramar* (SOLER, 2004), intitulado El Complot, dedica-se exclusivamente ao relato sobre o complô que ambicionava o assassinato de Franco e no qual estavam metidos Arcadi e seus companheiros republicanos. É justamente a partir deste momento da narrativa que se começa a notar a tomada de consciência de Arcadi quanto às problemáticas que envolviam seu retorno à Espanha, bem como a sua transformação de *outsider* para *insider*, como já foi dito, seguindo as palavras de Todorov (1999), dentro do território mexicano.

Algumas circunstâncias expostas pelo narrador evidenciam o fato de que, até determinado ponto, Arcadi e seus outros companheiros republicanos viviam um tanto quanto alheios aos indícios de que o mundo – em meados da década de 1950 – já não mais via a ditadura franquista como um momento atroz da história:

Franco había conseguido atenuar su condición de dictador, para irse metamorfoseando en un mandatario normal, aceptado por la ONU y por la gran mayoría de las democracias internacionales, que había logrado situar a la Guerra Civil, ese cisma que había partido a España en dos, como un acontecimiento menor. Por esos días el poeta Jaime Gil de Biedma escribió un ensayo, luminoso como todos los suyos, donde decía: La Guerra Civil ha

⁷⁷ “Aquele grupo funcionava muito bem, porque os cinco estavam unidos de forma irremediável pela mesma desgraça e, além disso, os cinco compartilhavam a certeza de que sairiam daquela desgraça juntos; para eles, o México não era o exílio, mas sim o país onde estavam passando uma temporada antes de poderem regressar à Espanha. Sobretudo esta última condição era a que os mantinha hermeticamente unidos, não estavam ali construindo uma casa para sempre, estavam como que de viagem, uma viagem longa e intensa por assim dizer, mas, com certeza, uma estadia temporal.” (Tradução livre da autora)

dejado de gravitar sobre la conciencia nacional como un antecedente inmediato, se ha vuelto de pronto remota. (SOLER, 2004, p. 129-130)⁷⁸

O narrador afirma ainda que “a pesar de las evidencias de que el mundo comenzaba a aceptar la dictadura de Franco como un gobierno normal, la gente de La Portuguesa seguía pensando que el dictador estaba por caer” (SOLER, 2004, p. 117)⁷⁹, reforçando a alienação que pairava entre os exilados. A isso acrescenta o relato do anúncio do dia em que a Espanha se tornou membro da ONU:

Antes del palo final, como preámbulo, llegó la noticia de que varias democracias de Occidente, desde luego con la excepción de México, comenzaban a abrir embajadas en territorio español, y unos meses más tarde, el 15 de diciembre de 1955, el locutor del noticiario radiofónico Sal de Uvas Picot dijo una línea que situó de golpe en la realidad a los habitantes de La Portuguesa: A partir de hoy España es país miembro de la Organización de las Naciones Unidas. El locutor dijo esto y, como si hubiera dicho cualquier cosa, pasó a comentar los resultados del béisbol regional. (SOLER, 2004, p. 117)⁸⁰

É justamente neste momento que decidem aderir ao complô, o que, além de uma tentativa de revolução, seria, ao mesmo tempo, uma maneira de se constituírem como grupo, de pertencer a algo maior, glorioso. Edward Said (2002, p.50) afirma que os exilados, por estarem separados de suas origens, de sua terra natal e de seu passado, além de ser alguém que não possui exércitos ou Estados, ainda que estejam permanentemente buscando-os “sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado”. Seguindo uma direção semelhante, Julia Kristeva (1999, p. 17) afirma que “a chama que trai o seu [do exilado] fanatismo latente só aparece quando ele se liga seja a uma causa, a uma profissão, ou a uma pessoa”. Segundo o narrador,

⁷⁸ “Franco havia conseguido atenuar sua condição de ditador, para ir metamorfoseando-se em um mandatário normal, aceito pela ONU e pela grande maioria das democracias internacionais, que havia conseguido situar a Guerra Civil, essa cisma que havia partido a Espanha em duas, como um acontecimento menor. Por esses dias, o poeta Jaime Gil de Biedma escreveu um ensaio, brilhante como todos os seus, em que dizia: A Guerra Civil deixou de gravitar sobre a consciência nacional como um antecedente imediato, transformando-se, de repente, em algo remoto.” (Tradução livre da autora)

⁷⁹ “apesar das evidências de que o mundo começava a aceitar a ditadura de Franco como um governo normal, as pessoas de La Portuguesa continuavam pensando que o ditador estava prestes a cair.” (Tradução livre da autora)

⁸⁰ “Antes do golpe final, como preâmbulo, chegou a notícia de que várias democracias do Ocidente, obviamente com a exceção do México, começavam a abrir embaixadas em território espanhol, e uns meses mais tarde, em 15 de dezembro de 1955, o locutor do noticiário radiofônico Sal de Uvas Picot disse uma linha que situou aos habitantes de La Portuguesa, de repente, a realidade: a partir de hoje, a Espanha é país membro da Organização das Nações Unidas. O locutor disse isto e, como se houvesse dito qualquer coisa, passou a comentar os resultados do beisebol regional.” (Tradução livre da autora)

Bages, um dos companheiros de Arcadi, menciona o fato de que pertencer ao grupo que planejava o complô contra Franco “lo hacía sentirse extraordinariamente vivo y con la sensación de que, por primera vez desde que habían perdido la guerra, tenían en sus manos el timón de su vida” (SOLER, 2004, p. 118)⁸¹.

Entretanto, à medida em que o plano do assassinato vai se consolidando, Arcadi começa a ponderar como seria, depois de tantos anos, regressar ao país que teve de abandonar em circunstâncias tão dolorosas. Depois de tantos anos vivendo na selva mexicana, depois de ter se estabilizado no país de exílio, seria assim tão simples se desfazer de tudo e voltar a um lugar que talvez não mais conhecesse? O narrador-protagonista afirma que seu avô começava a se questionar:

[...] y si matamos a Franco y se nos abre la posibilidad de regresar a España, ¿seré capaz de dejar todo esto y regresar? A esas alturas, a finales de 1963, Arcadi había pasado más de la mitad de su vida en esa selva que, súbitamente, sacudido por la posibilidad de irse de ahí, empezaba a considerar como su verdadero hogar. (SOLER, 2004, p. 123)⁸²

Sobre o dilema que alguns exilados vivenciam quando se abre a eles a menor possibilidade do retorno à pátria de origem, Casas y Urquijo (2002, p. 19), citando mais pontualmente a redemocratização espanhola, questionam: “¿Volver a la patria de origen o continuar la vida hasta su agotamiento en la patria de destino? Enrevesado dilema”⁸³, ao que acrescenta: “Si quedarse, el anhelo de la vuelta reproduce al cabo de tantos años la angustiosa nostalgia de la tierra; si marchar, se abandonan hijos, nietos, amigos, una vida tejida durante medio siglo”⁸⁴. Neste ponto da narrativa, parece consolidar-se em Arcadi a ideia de certa adequação ao lugar de exílio (mas não de pertencimento) e, ao mesmo tempo, um certo esfumaçamento de sua pátria de origem como um dia ela havia

⁸¹ “o fazia sentir-se extraordinariamente vivo e com a sensação de que, pela primeira vez desde que haviam perdido a guerra, tinha em suas mãos as rédeas de sua vida.” (Tradução livre da autora)

⁸² “[...] e se matamos Franco e, então, abre-se para nós a possibilidade de voltar à Espanha, serei capaz de deixar tudo isso e regressar? A essa altura, ao final de 1963, Arcadi havia passado mais da metade de sua vida nessa selva que, subitamente, sacudido pela possibilidade de ir embora, começava a considerar como seu verdadeiro lar.” (Tradução livre da autora)

⁸³ “Voltar à pátria de origem ou continuar sua vida até seu esgotamento na pátria de destino? Complicado dilema.” (Tradução livre da autora)

⁸⁴ “Se permanece, o desejo do retorno reproduz ao longo de tantos anos a angustiante nostalgia da terra; se retorna, abandonam-se filhos, netos, amigos, uma vida construída durante meio século.” (Tradução livre da autora)

sido para ele. Restavam as memórias do que ele de fato conhecera e vivera, mas não havia nada para além delas.

Em determinado momento do capítulo dedicado ao complô, o narrador, neto de Arcadi, descreve um almoço de Natal em que estavam presentes seus familiares e empregados da casa. A cena descrita solidifica Arcadi como um elo entre dois universos distintos, sendo que não pertencia de fato a nenhum deles, reforçando sua condição de transeunte desses dois mundos. O narrador afirma, - sempre com vistas aos possíveis pensamentos de Arcadi -, ao dar-se conta da feliz agitação que se desenrolava à mesa, com conversas descontraídas e risadas enérgicas:

Los dos mundos que convivían en esa mesa tenían como único referente común a Arcadi, que pertenecía a uno y a otro pero también se daba cuenta de que eran mundos incompatibles, y él tenía muy claro a cuál pertenecía entonces. Seguramente en aquella mesa había empezado a formularse esa idea de que otro, y no él, había peleado la Guerra Civil. (SOLER, 2004, p. 126)⁸⁵

A idealização do complô é trágica e completamente dissolvida a partir de uma sucessão de catastróficos acontecimentos. Durante uma simulação do passo a passo estipulado para o ataque a Franco, Arcadi é acidentalmente baleado e levado às pressas ao hospital, onde realiza duas cirurgias. Faz-se importante mencionar que é devido a este acidente com arma de fogo, e não a um acidente com a máquina de despolpar café - como se contava na família - que Arcadi perde o braço esquerdo.

Deste acidente produzido durante a simulação do ataque, origina-se um grave enfrentamento entre Doménech e Fontanet, dois homens também envolvidos no plano do assassinato de Franco, em que Doménech mata a tiros Fontanet, um dos cinco “rojos de ultramar”, amigo de Arcadi e sócio da plantação de café. Como se não fosse suficiente, Arcadi e seus outros companheiros logo descobrem que Doménech havia fugido com todo o dinheiro do banco, que haviam juntado para o complô. Dada a impossibilidade de concretizar o plano como havia originalmente sido estabelecido, apenas um dos envolvidos viaja a Madri para tentar colocá-lo em prática, mas é detido pela polícia de elite de Franco.

⁸⁵ “Os dois mundos que conviviam nessa mesa tinham como único referencial comum Arcadi, que pertencia a um e a outro, mas também se dava conta de que eram mundos incompatíveis, e ele tinha muito claro a qual pertencia. Provavelmente, naquela mesa havia começado a formular-se essa ideia de que outro, e não ele, havia lutado na Guerra Civil.” (Tradução livre da autora)

Como se todos esses horríveis acontecimentos já não fossem desastrosos o suficiente, Arcadi e seus companheiros são expostos a outra dolorosa mostra da consolidação de Franco no poder como um governante comum, o que consideravam um ultraje: “[...] el Gobierno del dictador estrenaba, en todos los cines de España, la biografía filmada *Franco, ese hombre*, como parte de los festejos del veinticinco aniversario de la paz” (SOLER, 2004, p. 135)⁸⁶.

O último capítulo do romance de Jordi Soler, denominado *La guerra de Arcadi*, é talvez o mais dolorosamente explícito no que diz respeito à condição de exilado de Arcadi e se inicia pontualmente no dia da morte do ditador Franco. Seu neto explica que nesse dia houve uma comoção geral na comunidade de La Portuguesa, mas, ao contrário do que se esperava como reação desse grupo tão violentado pela guerra, pela ditadura e pelo exílio, não celebraram a triunfante notícia, mas sim, questionaram-se sobre o que seria deles de ali em diante.

A existência de Franco e da ditadura, bem como do exílio a que foram expostos há décadas, havia de certa forma cimentado suas vidas de determinada forma e, ainda que houvesse existido a ideia do complô e, com ele, uma expectativa de rompimento dessa fase dolorosa, a concretização do encerramento de um período que parecia infundável, aparentemente, não lhes havia ocorrido de maneira clara até aquele momento. Em suma, a morte de Franco põe fim a um ciclo, depois de tantos anos. Mas a partir daí, como viver de outra maneira? Como regressar ao lugar ao qual não mais se pertence? Sobre esse episódio, o narrador relata:

Aun cuando la muerte de Franco había despejado el camino, pasaron dos años antes de que Arcadi se decidiera a regresar a Barcelona. Cada semana le comunicaba a Carlota un pretexto distinto que aplazaba el viaje: cuando no había que supervisar una siembra, había que cosechar, o desecar, o triturar, o moler, cualquier cosa le servía para no enfrentar lo que él sospechaba que iba a sucederle. Los tres meses que habían destinado para ese viaje de reencuentro terminaron reduciéndose a quince días en los que Arcadi se paseó como una sombra por el territorio de su vida anterior. (SOLER, 2004, p. 136)⁸⁷

⁸⁶ “[...] o governo do ditador estreava, em todos os cinemas da Espanha, a biografia filmada de Franco, esse homem, como parte dos festejos do 25º aniversário da paz.” (Tradução livre da autora)

⁸⁷ “Ainda quando a morte de Franco havia desocupado o caminho, passaram-se dois anos antes que Arcadi decidisse voltar a Barcelona. A cada semana dava a Carlota um pretexto diferente que suspendia a viagem: quando não tinha que supervisionar uma sementeira, tinha que colher, ou dessecar, ou triturar, ou moer, qualquer coisa lhe servia para não enfrentar o que ele suspeitava que aconteceria. Os três meses que havia destinado pra essa viagem de

O narrador afirma que seu avô “llegó buscándose a Barcelona” (SOLER, 2004, p. 136)⁸⁸, entretanto, durante os quinze dias que passou em seu país de origem, Arcadi não reconhece quase nada. Nem sua irmã, nem a arquitetura da cidade, nem sua língua, o fator que mais sofrimento lhe causa. Sobre perceber como irreconciliável sua relação com sua própria língua, Todorov (1999, p. 19) afirma, a partir de sua própria experiência como exilado: “Minha dupla vinculação produzia apenas um resultado: aos meus próprios olhos, ela surpreendia por inautenticidade cada um de meus dois discursos, já que cada um podia apenas corresponder à metade de meu ser, ou então, eu era um duplo”, ao que acrescenta: “Fechei-me novamente no silêncio opressor”.

É justamente a partir do impacto sofrido ali que Arcadi, em sua longa condição de exilado, dá-se conta da ruptura existente com relação às suas origens e às suas raízes. Arcadi vive a dor de não se reconhecer no lugar ao qual um dia já pertenceu. Sobre seu estranhamento dentro de seu próprio país, seu neto afirma:

Su hermana Neus, con quien había hablado por teléfono cada diciembre durante treinta y siete años, era una voz que para nada correspondía con esa señora que efectivamente se parecía a él pero con quien, y esto lo venía a descubrir ahí de golpe, no tenía nada que ver. Arcadi había construido otra vida del otro lado del mar, mientras su hermana había purgado ahí mismo, como había podido, varias décadas de posguerra. Lo mismo le pasó con la ciudad que recorrió ansioso buscando referentes, buscándose a sí mismo en tal bar, en tal esquina, en tal calle, hasta que se armó de valor y fue al piso de Marià Cubí con la idea de pedirle al conserje que lo dejara merodear, ver el vestíbulo y las escaleras, y si era posible entrar a su antiguo piso; pero cuando llegó descubrió que el edificio había sido demolido y que en su lugar había un mamotreto moderno de vidrios ahumados lleno de consultorios y oficinas. Pero el golpe definitivo, al parecer, se lo dio la lengua, el catalán que había preservado, junto con sus amigos, durante tanto tiempo en La Portuguesa, y que había transmitido a dos generaciones, era una lengua contaminada, híbrida, con un notorio acento del ultramar. (SOLER, 2004, p. 136)⁸⁹

reencontro terminaram reduzindo-se a quinze dias, nos quais Arcadi perambulou como uma sobra pelo território de sua vida anterior.” (Tradução livre da autora)

⁸⁸ “chegou a Barcelona buscando a si mesmo.” (Tradução livre da autora)

⁸⁹ “Sua irmã Neus, com quem havia falado por telefone a cada dezembro durante trinta e sete anos, era uma voz que de nenhuma maneira correspondia a essa senhora que efetivamente se parecia a ele, mas com quem, e isso descobriu ali, de repente, não tinha nada a ver. Arcadi havia construído outra vida do outro lado do oceano, enquanto sua irmã havia purgado ali mesmo, como pôde, várias décadas de pós-guerra. O mesmo aconteceu com a cidade que percorreu ansioso, buscando referências, buscando a si mesmo no tal bar, na tal esquina, na tal rua, até que, enchendo-se de coragem, foi ao apartamento de Marià Cubí com a ideia de pedir-lhe ao concierge que o deixasse passear, ver o vestíbulo e as escadas, e, se fosse possível, entrar em seu antigo apartamento; mas quando chegou, descobriu que o edifício havia sido demolido e que em seu lugar havia uma instalação gigante, moderna, de vidros esfumados, cheia de consultórios e escritórios. Mas, aparentemente, o golpe definitivo foi

Casas e Urquijo (2002, p. 19-20) compartilham duas citações bastante precisas sobre a tentativa de retorno do exilado à sua pátria de origem, bem como da relação que este acaba estabelecendo com o país de exílio. A primeira delas é de autoria da escritora e filósofa espanhola María Zambrano, quem, por muitos anos, também experienciou o exílio. Zambrano afirma que “hay ciertos viajes de los que sólo a la vuelta se comienza a saber” e que, para ela “desde esa mirada del regreso, el exilio que me ha tocado vivir es esencial. El exilio ha sido como mi patria, o como una dimensión de una patria desconocida, pero que una vez que se conoce, es irrenunciable”⁹⁰. Em suma, o exilado, tendo sua vida cindida em duas partes, não consegue renunciar a nenhuma delas. Já a segunda citação pertence ao filósofo espanhol Adolfo Sánchez Vázquez, quem expõe a permanente condição do indivíduo exilado, regresse ou não ao seu lugar de origem:

Y entonces el exiliado descubre con estupor primero, con dolor después, con cierta ironía más tarde, en el momento mismo en que objetivamente ha terminado su exilio, que el tiempo no ha pasado impunemente, y que tanto si vuelve como si no vuelve, jamás dejará de ser un exiliado.⁹¹

O desengano causado pelo retorno à Espanha provoca em Arcadi o que seu neto diz ser um “viraje vital del que no regresaría nunca” (SOLER, 2004, p. 136)⁹², a começar pela assiduidade com que começa a visitar o padre Lupe, um padre de uma paróquia de Galatea, lugar próximo de La Portuguesa e que por ali estava de passagem. Seu neto afirma que Arcadi passava horas conversando com o religioso em sua paróquia, até chegar ao ponto de, um dia, a criada Teodora encontra-lo na missa, ou seja, em um cenário bastante inusitado, “sentado entre dos viejecitas murmurantes y enjutas, muy peinado y bien vestido, con su prótesis de gala y un misal donde iba

dados pela língua. O catalão que havia preservado junto a seus amigos durante tanto tempo em La Portuguesa e que havia transmitido a duas gerações, era agora uma língua contaminada, híbrida, com um notório acento de ultramar.” (Tradução livre da autora)

⁹⁰ “A partir desse olhar do retorno, o exílio que tive que viver é essencial. O exílio foi como minha pátria, ou como uma dimensão de uma pátria desconhecida, mas que, uma vez que se conhece, torna-se irrenunciável.” (Tradução livre da autora)

⁹¹ “E então o exilado descobre, inicialmente com estupor, posteriormente com dor, com certa ironia mais tarde, no exato momento em que objetivamente terminou seu exílio, que o tempo não passou impunemente e que, tanto se volta quanto se não volta, jamais deixará de ser um exilado.” (Tradução livre da autora)

⁹² “guinada vital da qual não regressaria nunca.”

siguiendo, fervorosamente, las oraciones que decía el padre Lupe” (SOLER, 2004, p. 136)⁹³.

O inédito comportamento de Arcadi, posterior a seu retorno da Espanha, simboliza, segundo o narrador, uma entre tantas mudanças que a partir daquele momento começaram a surgir na comunidade catalã de La Portuguesa: González, um dos ex-republicanos ali exilados, encontrava-se prostrado na cama depois de haver sofrido uma série de infartos, e morreria quatro meses depois; os Puig haviam retornado à Espanha no início de 1976 e desde então nunca mais haviam reaparecido; Bages, outro companheiro de Arcadi, havia se divorciado de sua esposa, Carmen, depois de mais de 40 anos de casados e a partir disso, começou a ter problemas com a bebida, “de maneira que lo de Arcadi era un elemento más de los nuevos ventos que azotaban a La Portuguesa” (SOLER, 2004, p. 137)⁹⁴.

Todas essas transformações vivenciadas pelos exilados e por seus familiares em La Portuguesa são intensamente simbólicas quando relacionadas ao momento em que ocorrem: o esfacelamento do complô, tão cuidadosamente planejado, com vistas ao assassinato de Franco, a trágica morte de um companheiro bem como a descoberta de traição de outro, o retorno frustrante e desolador a uma Espanha agora desconhecida. Uma sequência de rupturas e decepções muito profundas que originarão uma igualmente profunda transformação das pessoas envolvidas nesses cenários.

Talvez pela necessidade de agarrar-se a algo ou, simplesmente, de pertencer, Arcadi começa a tornar regulares as idas - antes eventuais - à missa, o que causa certa contenda com seu companheiro Bages, quem encontrava certa dificuldade em compreender e legitimar a nova personalidade do ex-republicano, um homem que havia vivido uma vida de oposição a pilares conservadores que pudessem aliar-se à ideia do fascismo, como a igreja. O narrador, então, relata:

La misa de siete de Arcadi fue convirtiéndose en cosa de todos los días, oía los sermones del padre Lupe, comulgaba y después se iba a trabajar a la plantación. Tú no puedes comulgar, Arcadi – le decía Bages a la hora del menjul en la terraza – y eres un rojo y los rojos no comulgan. Las misas de Arcadi tuvieron su efecto colateral en la gachupinada de Calatea, la sociedad de españoles que vivía ahí desde antes de la guerra, el grupo de católicos

⁹³ “sentado entre duas velhinhas murmurantes e enxutas, muito penteado e bem vestido, com sua prótese de gala e um missal onde ia seguindo, fervorosamente, as orações que proferia o padre Lupe.” (Tradução livre da autora)

⁹⁴ “de maneira que a questão de Arcadi era mais um elemento dos novos ventos que pairavam em La Portuguesa.” (Tradução livre da autora)

franquistas, que tradicionalmente había visto con cierta repugnancia a los refugiados, ahora invitaban a Arcadi y a Carlota a sus bailes en el casino español. Bages montaba en cólera, manoteaba y golpeaba la mesa y del golpe tiraba los menjules al suelo y se levantaba con los brazos al aire como un oso y gritaba: *¡ostiaputamecagoenesosfachasdemierda, Arcadi, collons, no puedes claudicar así!*, y volvía a golpear la mesa y entonces se iba al suelo un plato con aceitunas y un servilletero. (SOLER, 2004, p. 137-138)⁹⁵

Com esses novos comportamentos, ergue-se um novo paradoxo na constituição identitária de Arcadi, pois ao mesmo tempo em que naquele momento incorporava-se mais e mais ao lugar de exílio, também fazia-se pertencer, de certa maneira, aos guachupines da comunidade, uma comunidade de espanhóis residente no México que era composta por membros conservadores e franquistas. A incorporação de Arcadi e ela acaba por colocar um ponto final ao grupo dos “rojos de ultramar”, que se juntaram nesse lugar e nessa situação justamente por serem contrários à ideologia dos conservadores que provocaram a guerra civil e suas consequências.

O narrador relata que essa incorporação religiosa e, de certa forma, conservadora vivenciada por seu avô se solidificava ao ponto de estender-se também ao ato de orar à mesa, antes das refeições: “comenzó a darle gracias al Señor por los alimentos recibidos, juntó la mano con el garfio y elevó los ojos al techo y siguió com una parrafada sobre el pan y sobre el vino” (SOLER, 2004, p. 138)⁹⁶. Ao mesmo tempo, Bages também vivenciava a solidificação de suas recentes condutas: cada vez começava a beber mais e mais cedo, além de receber visitas periódicas de mulheres. Tanto o comportamento de Arcadi quanto o de seu companheiro Bages começam a adquirir traços extremos, radicalmente opostos um ao outro, até o ponto em que ambos se veem obrigados a vender parte da plantação de café na tentativa de quitar dívidas adquiridas ao longo de anos de descuido e displicência.

⁹⁵ “A missa de Arcadi foi se transformando em evento de todos os dias. Ouvia os sermões do padre Lupe, comungava e depois ia trabalhar na plantação. Você não pode comungar, Arcadi – dizia-lhe Bages na hora do Menjul no terraço – e você é um *rojo*, e os *rojos* não comungam. As missas de Arcadi tiveram seu efeito colateral na *guachupinada* de Galatea, a sociedade de espanhóis que vivia ali desde antes da guerra, o grupo de católicos franquistas que tradicionalmente havia visto com certa repugnância aos refugiados, agora convidavam Arcadi e Carlota a seus bailes no cassino espanhol. Bages ficava furioso, manoteava e golpeava a mesa e, do golpe, jogava os *menjules* no chão e se levantava com os braços no ar como um urso, gritando: *¡ostiaputamecagoenesosfachasdemierda, Arcadi, collons, no puedes claudicar así!*, e voltava a bater na mesa e, então, ia para o chão com um prato de azeitonas e um portaguardanapos.” (Tradução livre da autora)

⁹⁶ “começou a agradecer a Deus pelos alimentos recebidos, juntou a mão com o gancho, e elevou os olhos ao teto e seguiu com uma lenga-lenga sobre o pão e sobre o vinho.” (Tradução livre da autora)

Com o passar do tempo, Arcadi deixa de frequentar o cassino espanhol e de assistir as missas para dar início a um processo de isolamento muito profundo, dentro do qual, surpreendentemente, apenas resiste, ainda que de maneira muito delicada, sua amizade com Bages, visto que Arcadi sai de sua reclusão somente para tomar um aperitivo com seu amigo:

Arcadi había dejado de frecuentar el casino español y de asistir a sus misas, y en su lugar había comenzado un repliegue que al principio tuvo lugar en una habitación donde habilitó una especie de estudio para leer y pensar, según explicó, y que con el tiempo fue evolucionando en una cosa más seria, que para 1992 se había convertido en una guarida de donde no salía más que un par de horas para tomar el aperitivo con Bages. (SOLER, 2004, p. 139)⁹⁷

Sobre o afastamento posto em prática pelo exilado, Julia Kristeva (1999, p. 15) afirma que “a indiferença é a carapaça do estrangeiro: insensível, distante, no fundo ele parece fora do alcance das agressões que, contudo, sente com a vulnerabilidade de uma medusa”, ao que acrescenta “é que o afastamento onde o mantemos corresponde àquele em que ele próprio se aloja, recuando até o centro indolor daquilo que chamamos de alma, essa humildade que, definitivamente, constitui-se de uma nítida brutalidade”. Para aprofundar-nos mais na experiência de Arcadi, recorremos a Paul Ilie (1981, p. 84) e seu conceito de exílio interior, o que, segundo o autor seria “primero, un aislamiento padecido por diversos grupos con respecto a los otros y com respecto a toda una cultura. Segundo, era uma asfixia parcial de toda la cultura que se había separado a sí misma de varias arterias que le daban vida”⁹⁸, ao que acrescenta: “Finalmente, el exilio interior era un estado psicológico experimentado individual y colectivamente”⁹⁹. Ilie (1981, p. 90) afirma ainda que “cuanto más alejada del exilio cósmico, en donde la soledad se convierte en ‘solitariedad’, más concreta se vuelve la sensación de pérdida social”¹⁰⁰.

⁹⁷ “Arcadi havia deixado de frequentar o cassino espanhol e de assistir às suas missas, e no lugar, havia dado início a um recuo que, a princípio, aconteceu em um quarto onde habilitou uma espécie de estudio para ler e pensar, segundo explicou, e que com o tempo foi evoluindo para algo mais sério, que em 1992 já havia se transformado em um refúgio de onde não saía mais que um par de horas para encontrar-se com Bages para um aperitivo.” (Tradução livre da autora)

⁹⁸ “primeiro, um isolamento padecido por diversos grupos, com relação aos outros e a toda uma cultura. Segundo, era uma asfixia parcial de toda a cultura que havia separado a si mesma de várias artérias que davam-lhe vida.” (Tradução livre da autora)

⁹⁹ “Finalmente, o exílio interior era um estado psicológico experimentado individual e coletivamente.” (Tradução livre da autora)

¹⁰⁰ “quanto mais distante do exílio cósmico, onde a solidão se transforma em “solitariedade”, mais concreta se faz a sensação de perda social.” (Tradução livre da autora)

Paul Ilie (1981, p. 95) cita três possíveis transtornos que dificultam a “devolução” de uma cultura a si mesma:

El primero, la alienación en residencia, conserva el contacto mínimo del ciudadano con su país desde el interior del mismo. El segundo, el exilio territorial, permite que persista el deseo de reconciliación en ausencia de contacto directo. Pero el tercero, la combinación de expatriación y extrañamiento de la patria durante la ausencia real de uno mismo, parecería hacer la reintegración cultural un objetivo sin sentido.¹⁰¹

A solidão experienciada por Arcadi, iniciada logo após sua frustrada viagem à Espanha, pode ser pensada como uma perda progressiva de identificação com seu meio e como resultado direto do impacto causado pela percepção da impossibilidade de reinserção à sua pátria de origem, bem como às suas raízes. Há aqui um aprofundamento mordaz do silenciamento do protagonista do trauma. Sobre essa postura de seu avô, o narrador apresenta ao leitor sua convicção:

El repliegue de Arcadi tenía que ver con su capitulación, con su retirada, era la representación de la derrota, en el fondo se parecía al repliegue de los miles de individuos que vivieron la guerra y que, puestos frente a la memoria de aquel horror, decidieron, como él, replegarse, darle la espalda, perder aquel episodio incómodo de vista, pensar que esa guerra había sido peleada por otros, en un lugar y en un tiempo remotos, tan remotos que en aquella aula de la Complutense y en la playa de Argéles-sur-Mer, unas cuantas décadas más tarde, apenas queda memoria de esa guerra. Al final, al maquillaje que con tanta dedicación puso el general Franco sobre la Guerra Civil se fue sumando el acuerdo colectivo de olvidar. (SOLER, 2004, p. 141)¹⁰²

Santos Juliá, em seu artigo *Echar al olvido: Memoria y amnistia en la transición a la democracia* (2003), afirma que tanto a memória quanto o esquecimento são competencias voluntárias, ou seja, que pode-se querer lembrar, como pode-se querer esquecer, “y que ambas operaciones no son contrarias, que la memoria procede siempre

¹⁰¹ “O primeiro, a alienação na residência, conserva o contato mínimo do cidadão com seu país a partir de seu interior. O segundo, o exílio territorial, permite que persista o desejo de reconciliação na ausência de contato direto. Mas o terceiro, a combinação da expatriação e do estranhamento da pátria durante a ausência real do indivíduo, pareceria fazer da reintegração cultural um objetivo sem sentido.” (Tradução livre da autora)

¹⁰² “O recuo de Arcadi tinha a ver com seu pacto, com sua retirada, era a representação da derrota, no fundo se parecia ao recuo dos milhares de indivíduos que viveram a guerra e que, colocados frente à memória daquele horror, decidiram, como ele, recolher-se, dar as costas, perder de vista aquele episódio incômodo, pensar que essa guerra havia sido lutada por outros, em um lugar e em um tempo remotos, tão remotos que naquela sala de aula da Complutense e na praia de Argelés-sur-Mer, algumas décadas mais tarde, mal restavam memórias dessa guerra. Ao final, à maquiagem que com tanta dedicação Franco pôs sobre a Guerra Civil, foi-se somando o acordo coletivo de esquecer.” (Tradução livre da autora)

a una selección” (JULIÁ, 2003, p. 252)¹⁰³. No mesmo artigo, Juliá comenta sobre o conceito de amnésia, condição que, segundo ele, “calla el pasado, es muda, no habla, no dice nada” (p. 255)¹⁰⁴. Segundo o autor, algo só pode ser relegado ao esquecimento contanto que, antes, seja lembrado com clareza, do contrário “cuando por evitar el dolor o por miedo a revivir lo ocurrido no se permite aflorar su recuerdo, entonces el pasado permanece, oculto, censurado, rechazado al plano de la inconciencia, pero siempre presente” (p. 255)¹⁰⁵, ao que acrescenta: “Es imposible en este supuesto arreglar conscientemente las cuentas con ese pasado y liberarse de él” (p. 155)¹⁰⁶.

No extremo oposto ao isolamento de Arcadi está seu companheiro Bages, que se embrenha em meio a um processo contínuo de decadência moral e social. Entregue aos excessos e às imoralidades, Bages move-se na direção oposta à de seu conterrâneo, investindo seu tempo e seu dinheiro, em extravagâncias e bebida, o que acaba por inseri-lo em um estado psicológico bastante turbulento:

Bages, por su parte, en el otro extremo, había contratado una vistosa plantilla de criadas, excesivas para las necesidades de un viejo solo, que, según Teodora y Carlota, dormían por turnos con él, cosa que era de agradecerse porque ya entonces Bages llevaba varios años herméticamente borracho y su séquito impedía que se fuera a Calatea a hacer destrozos y a meterse en líos y así todo quedaba en familia. La cosa no pasaba de que Bages se metiera a correr a medianoche al cafetal y que amaneciera cubierto de tajos y magullones, o de que fuera a gritarle a Arcadi, en la cima de una de sus fases iracundas, a cualquier hora del día o de la noche, que ya era hora de que mataran a Franco. (SOLER, 2004, p. 139)¹⁰⁷

Entretanto, ainda que de maneiras diferentes – Arcadi imerso em seu isolamento e Bages entregue às extravagâncias – ambos acabam vivenciando seus últimos dias

¹⁰³ “e que ambas as operações não são contrárias, que a memória procede sempre a partir de uma seleção.” (Tradução livre da autora)

¹⁰⁴ “cala o passado, é muda, não fala, não diz nada.” (Tradução livre da autora)

¹⁰⁵ “quando, para evitar a dor ou por medo de reviver o ocorrido, não se permite aflorar sua lembrança, então o passado permanece, oculto, censurado, relegado ao plano da inconsciência, mas sempre presente.” (Tradução livre da autora)

¹⁰⁶ “É impossível nesta suposição acertar conscientemente as contas com esse passado e libertar-se dele.” (Tradução livre da autora)

¹⁰⁷ “Bages, por outro lado, no outro extremo, havia contratado uma vistosa equipe de criadas, excessivas para as necessidades de um velho solitário que, segundo Teodora e Carlota, dormiam por turnos com ele, coisa que era de se agradecer, porque já naquela época Bages levava vários anos hermeticamente bêbado, e seu séquito impedia que fosse ele a Galatea para fazer bobagens e meter-se em confusões. Assim, tudo ficava em família. A coisa não passava de Bages metendo-se a correr à meia-noite no cafezal e amanhecendo coberto de cortes e machucados, além de ir gritar para Arcadi, em meio a uma de suas fases coléricas, a qualquer hora do dia o da noite, que já era hora de que alguém matasse Franco.” (Tradução livre da autora)

experienciando a decadência física e psicológica. O narrador do romance afirma que seu avô, isolado em uma edícula na selva, deixara crescer cabelo e barba. Além disso, encontrava-se extremamente magro, mas “más que un vagabundo parecía un santo” (SOLER, 2004, p. 140)¹⁰⁸.

Construindo certa circularidade na narrativa, é justamente neste momento que o narrador descreve o dia em que Arcadi decide tirar suas memórias de uma caixa de papelão e entregá-las a seu neto, quem afirma não saber exatamente com que objetivo seu avô o fizera:

[...] quizá harto de mis preguntas sobre la guerra, había cedido, no sé si para que por fin me callara o para ponerme sobre la pista del complot, o quizá para que me diera cuenta de que efectivamente había sido otro, y no él, quien había peleado la Guerra Civil; y para comprobarlo bastaba verlo convertido en un santón de la selva. (SOLER, 2004, p. 140)¹⁰⁹

Nessas páginas finais do romance, o narrador evidencia a transformação quase que completa pela qual havia passado Arcadi ao longo dos anos de exílio, mas, principalmente, após seu derradeiro retorno à Espanha. Se, como afirma Amin Maalouf (2012), a identidade de um indivíduo é também definida pela jornada que empreende ao longo da vida, pelas crenças que adquire ao longo do percurso, e pelos seus próprios gostos, sensibilidades e afinidades, podemos afirmar precisamente que Arcadi é um autêntico representante da impermanência identitária que transpassa o exilado. Como o próprio narrador afirma sobre o dia em que Carlota e Laia desembarcaram em Veracruz, “si Carlota hubiera observado con más atención habría descubierto que esse hombre era otro, que la pequeña Laia tenía razón cuando no vio en él al hombre de la fotografía” (SOLER, 2004, p. 141)¹¹⁰.

A reincidência da ideia de que havia sido outro a lutar a guerra, e não ele, traduz de maneira muito pungente a fragilidade de uma identidade devastada pela guerra e pelo fascismo. Identidade inegavelmente reconstruída ou, melhor, remodelada pelo tempo,

¹⁰⁸ “mais que um vagabundo, parecia um santo.” (Tradução livre da autora)

¹⁰⁹ “[...] talvez farto de minhas perguntas sobre a guerra, havia cedido, não sei se para finalmente calar-me ou para dar-me uma pista sobre o complot, ou talvez para que eu me desse conta de que efetivamente havia sido outro, e não ele, quem havia lutado a Guerra Civil; e para comprová-lo bastava vê-lo transformado em um austero homem da selva.” (Tradução livre da autora)

¹¹⁰ “se Carlota houvesse observado com mais atenção, teria descoberto que esse homem era outro, que a pequena Laia tinha razão quando não viu nele o homem da fotografia.” (Tradução livre da autora)

pelos novos espaços e pelas novas experiências, mas, ao mesmo tempo, uma identidade eternamente fraturada pelas perversas obras da tirania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em seu artigo “El Relato Catalán”, publicado em 2010 no jornal *El País*, Jordi Soler afirma: “¿Qué es un país? Una lengua, una docena de afectos, unos cuantos paisajes, sabores y olores, y no mucho más”¹¹¹. Essa afirmação amplia a maneira como tradicionalmente se delimitam as fronteiras entre nações. Mais do que questões puramente territoriais, um país também se constrói a partir de pilares subjetivos e profundamente pessoais, como, parafraseando Soler (2010), o pertencimento à língua, aos afetos, às paisagens, aos sabores e aos cheiros. E é justamente a imaterialidade da maioria desses fatores que torna menos rígidas as divisas que nos separam.

Ao longo deste trabalho, pusemos luz ao percurso de um narrador, neto de um ex-republicano catalão exilado no México, que percorre um longo e complexo caminho em busca do entendimento de sua própria constituição como indivíduo portador de culturas plurais. É inevitável que interliguemos a experiência desse narrador à experiência do próprio Jordi Soler. No romance (mas também na vida do autor), a Espanha e, principalmente, a Catalunha, apresentavam-se ao narrador e à sua família mexicana como um território imaginário e abstrato. Entretanto, o próprio autor, ao estabelecer-se em Barcelona anos depois, entende que os limites entre o real e o imaginário são muito mais frágeis do que supunha. No mesmo artigo mencionado anteriormente, Soler (2010) afirma:

Como no se podía regresar al país de donde venía la familia, llevábamos a cuestas nuestra Cataluña portátil que, eventualmente, se encontraba con la de otras familias catalanas que compartían con nosotros el mismo país imaginario, el mismo relato, un relato que, curiosamente, no difiere mucho de lo que encontré, años más tarde, cuando llegué a vivir a Barcelona, a esa Cataluña que no quiero llamar "real", o "de verdad", porque me parece que, en el fondo, una es tan real, y tan imaginaria, como la otra. El catalán nacido en Cataluña tiene como referente un ramillete de variables similar al mío, un relato parecido, la diferencia, si se quiere mirar así, sería el metro cuadrado donde ha nacido cada uno.¹¹²

¹¹¹ “O que é um país? Uma língua, uma dúzia de afetos, umas quantas paisagens, sabores e cheiros, e não muito mais.” (Tradução livre da autora)

¹¹² “Como não podia voltar ao país de donde vinha a família, carregávamos nossa Catalunha portátil que, eventualmente, encontrava-se com a de outras família catalãs que compartilhavam conosco o mesmo país imaginário, o mesmo relato, um relato que, curiosamente, não difere muito do que encontrei, anos mais tarde, quando cheguei a viver em Barcelona, nessa Catalunha que não quero chamar ‘real’, ou ‘de verdade’, porque me parece que, no fundo, uma é tão real e tão imaginária quanto a outra. O catalão nascido na Catalunha tem como referencial um ramalhete de variáveis similar ao meu, um relato parecido, a diferença, se assim quer-se ver, seria o metro quadrado onde cada um nasceu.” (Tradução livre da autora)

Em artigo publicado em 2013, Elina Liikanen explica que no mundo globalizado, a imigração é uma realidade que obriga as nações a reestabelecerem seus parâmetros identitários. No artigo publicado no *El País*, Jordi Soler, ao refletir sobre as problemáticas das políticas independentistas da Catalunha, acaba seguindo a mesma linha argumentativa de Liikanen (2013), já que ele também assume uma posição contrária às rígidas definições que tradicionalmente acabam sendo usadas para determinar e categorizar as nacionalidades. Soler (2010) afirma:

Entonces habrá que replantearse, necesariamente, el orden y la intensidad de las esencias de la patria; tendrá que reflexionarse sobre el significado que conceptos como nacionalismo, independentismo, soberanismo, catalanismo, tendrán en el nuevo mapa de Cataluña; un mapa que, por cierto, ya está aquí, que ya es una realidad.¹¹³

Podemos afirmar que, no romance, o narrador se vale da história fraturada de sua família para, sim, pleitear sua própria constituição multicultural, mas também para alongar o tema de maneira a atingir outros imigrantes e outros grupos excluídos e oprimidos (LIIKANEN, 2013). Elina Liikanen (2013, p. 106) afirma que “en *Los Rojos de Ultramar*, Jordi Soler narra en clave autoficcional los orígenes y el proceso de construcción de su propia identidad plural en la intersección de la selva mexicana y la Barcelona imaginada”¹¹⁴.

Tzvetan Todorov, em seu livro *O homem desenraizado* (1999), traz contribuições que reforçam o caráter positivo do duplo pertencimento que constitui o neto de Arcadi. Todorov (1999, p. 24-25) afirma que “condenar o indivíduo a continuar trancado na cultura dos ancestrais pressupõe de resto que a cultura é um código imutável, o que é empiricamente falso: talvez nem toda mudança seja boa, mas toda cultura viva muda”, ao que acrescenta: “O indivíduo não vive uma tragédia ao perder a cultura de origem quando adquire outra; constitui nossa humanidade o fato de ter uma língua, não o de ter determinada língua”.

Se o narrador de *Los rojos de ultramar* é um homem capaz de compreender-se como sujeito multicultural e fazer disso um fator de enriquecimento de sua existência,

¹¹³ “Então, haverá que reformular, necessariamente, a ordem a intensidade das essências da pátria; será necessário refletir sobre o significado que conceitos como nacionalismo, independentismo, soberania, catalanismo, terão no novo mapa da Catalunha; um mapa que, certamente, já está aqui, que já é uma realidade.” (Tradução livre da autora)

¹¹⁴ “Em *Los Rojos de Ultramar*, Jordi Soler narra em código autoficcional as origens e o processo de construção de sua própria identidade plural na intersecção da selva mexicana e da Barcelona imaginada.” (Tradução livre da autora)

muito disso deve-se à clareza de sua percepção quanto às inúmeras possibilidades que sua condição viabiliza. Uma delas, segundo Liikanen (2013, p. 106), é o fato de poder “ejercer de intérprete y puente cultural entre España y Latinoamérica, dos áreas culturales semejantes, pero distanciadas a causa del desconocimiento y los prejuicios mutuos”¹¹⁵. Na mesma linha, Todorov (1999, p. 27) explica que o homem entre culturas, se consegue superar o ressentimento vivenciado no exílio, “descobre a curiosidade e aprende a tolerância”.

Contudo, se de um lado existe um sujeito capaz de superar suas questões de pertencimento, do outro existe um exilado “incapaz de asumir la calidad permanente del exilio y conciliar de modo positivo las dos realidades culturales e históricas en su identidad” (LIIKANEN, 2013, p. 106)¹¹⁶. Antes de entregar suas memórias ao neto e, então, falecer, em 2001, devido a um câncer, Arcadi vivencia um fim bastante melancólico e penoso, completamente imerso no silêncio advindo dos traumas, dos ressentimentos, das frustrações e do rompimento definitivo com suas origens.

Em seu livro *Os Males da Ausência ou A Literatura do Exílio* (1998), mais especificamente no capítulo intitulado “Ovídio, “o triste”, o relegado”, Maria José de Queiroz descreve um pouco do que se sabe sobre o exílio de um dos maiores poetas romanos da história, que, sabe-se, foi banido de Roma para Tômis por decreto de Augusto, então imperador. Contudo, Ovídio é condenado a um tipo “mais brando” de exílio através da pena do *relegatio*, que, sob a lei romana, estipulava o banimento de Roma, mas não a perda da cidadania ou o confisco de bens do indivíduo.

À semelhança de Ovídio, Arcadi também sofre o banimento imposto pela Guerra Civil e pela crueldade da ditadura. Queiroz (1998, p. 71) afirma que “a distância agrava o sofrimento. A privação dos bens inerentes à cidadania, comuns a todos os exilados, são mais acerbos numa paisagem que, além de adversa, nada apresenta de familiar ao exilado”. Também em relação de semelhança, tanto o caso de Ovídio quanto o de Arcadi apresentam outro fator em comum: a angústia permanente e a tentativa, pela imaginação e pela memória, de recuperar o que lhes fora arrancado:

¹¹⁵ “exercer um papel de intérprete e de ponte cultural entre Espanha e América Latina, duas áreas culturais semelhantes, mas distanciadas devido ao desconhecimento e aos preconceitos mútuos.” (Tradução livre da autora)

¹¹⁶ “incapaz de assumir a qualidade permanente do exílio e conciliar de modo positivo as duas realidades culturais e históricas em sua identidade.” (Tradução livre da autora)

Num dóido remoer de lembranças, insiste em recuperar, pela imaginação, a casa, a Cidade, a forma dos lugares onde as coisas acontecem. Só a fantasia lhe oferece lenitivo. [...] À chegada da primavera, vêm-lhe à memória os prazeres de que é privado: os jogos, a esgrima, as lutas, os cavalos, o teatro... Ante tamanha felicidade, exclama: “Quatro e inúmeras vezes feliz aquele a quem não foi proibido mas lhe permitem desfrutar a Cidade!”. Em Roma havia deixado o melhor de si mesmo. Só ali se revê na sua integridade individual, reencarnado na própria pele, reconciliado com a ideia que se fazia da dignidade humana. (QUEIROZ, 1998, p. 72)

Como Arcadi, Ovídio percebe com o passar do tempo a força de sua impotência diante de sua condição e se fecha, então, na escuridão da solidão e das ausências: dos seus e de si, de quem fora um dia. Queiroz (1998, p. 72) afirma: “A convicção da impotência diante dos obstáculos ao indulto obriga-o a reavaliar a situação. E dia-após-dia vê baldados os seus esforços. Tal como o gladiador que perde na arena a energia e a força dos primeiros embates”. Também destituído de seus afetos e do convívio com os seus, Ovídio, bem como Arcadi, fica “reduzido ao cruel silêncio da língua materna” (QUEIROZ, 1998, p. 73).

Tal qual Arcadi, “Ovídio deplora, e com razão, não ter ao seu alcance, como Ulisses, o suco inebriante que o fizesse esquecer a pátria: ‘eu o pagaria com a metade da minha vida!’” (QUEIROZ, 1998, p. 78). Pagaram, a duras penas, Ovídio, Arcadi, e tantos outros massacrados e forçosamente destituídos de si ao longo dos séculos pelo sadismo dos poderosos e pelas perversidades impostas pela tirania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACNUR, Unhcr -. **El exilio español en México: 80 años de legado**. Disponível em: <https://www.acnur.org/exilioespanol/>. Acesso em: 09 jul. 2021.

ALBERCA, Manuel. **El Pacto Ambiguo**: de la novela autobiográfica a la autoficción. Barcelona: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.

ARNABAT MATA, Ramón. **La represión: el ADN del franquismo español**. Cuadernos de Historia 39, Santiago, dez. 2013, p. 33-59. Disponível em: <https://cuadernosdehistoria.uchile.cl/index.php/CDH/article/view/30783/32529>, 2013. Acesso em 07 mar. 2021

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Carlos Alberto Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha: A Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: _____. A arte de contar histórias. Trad. Patrícia Lavelle et ali. São Paulo: Hedra, 2018.

CASAS, Julio Martín; URQUIJO, Pedro Carvajal. **El Exílio Español (1936-1978)**. Barcelona: Planeta, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. São Paulo: Editora Lp&M, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HALL, Stuart (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro (Trad.). 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A.

ILARI, Rodolfo. **Reflexões sobre língua e identidade**. 2004. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Palestras/Reflexões%20sobre%20língua%20e%20identidade.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

JELÍN, Elizabeth. **Transmisiones, herencias, aprendizajes: Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

JULIÁ Díaz, Santos. **Echar al olvido. Memoria y amnistía en la transición a la democracia**. Revista Claves de Razón Práctica, 2015, v. 243, n. 129, Madrid, jan. 2003, p. 248-269. Disponível em: https://www.elboomeran.com/upload/ficheros/noticias/2016.01.04_25_aos_santos_julia.pdf. Acesso em 09 abr. 2021.

KLÜGER, Ruth. **Paisagens da Memória**. São Paulo: Editora 34, 2005

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2008.

LIIKANEN, Elina. La herencia de una guerra perdida. La memoria multidireccional en Los Rojos de Ultramar de Jordi Soler. **Memoria Académica**, Argentina, v. 14, n. 20, p. 77-109, dez. 2013. Disponível em: https://memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.6613/pr.6613.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

MAALOUF, Amin. **In the Name of Identity: violence and the need to belong**. Nova York: Arcade Publishing, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BERTOLLI FILHO, Claudio. **A guerra civil espanhola**. São Paulo: Ática, 1996.

MORA, Rosa. "Los nietos de la guerra también somos mutilados". **El País**. Madrid, p. 1-2. 9 jun. 2005. Disponível em: https://elpais.com/diario/2005/06/10/cultura/1118354406_850215.html. Acesso em: 05 mar. 2023.

MORALES, Yolanda. **El escritor Jordi Soler y la reconexión del exiliado**. 2019. Disponível em: <https://www.sandiegouniontribune.com/en-espanol/primera-plana/articulo/2019-09-05/el-escritor-jordi-soler-y-la-reconexion-del-exiliado>. Acesso em: 07 mar. 2023.

NEGRI, T. **Exílio seguido de valor e afeto**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

QUEIROZ, Maria José de. **Os Males da Ausência ou A Literatura do Exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

QUIJANO VELASCO, Mónica. **Geografías del recuerdo: memoria, literatura y exilio**. Revista Andamios, v. 8, n. 15, Ciudad de México, jan-abr 2011. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/628/62819892003.pdf>. Acesso em 20 ago. 2021.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Unicamp, 2007.

RUBIO, José Martínez. **La novela de investigación de escritor. representaciones de la ambigüedad en la narrativa hispánica contemporánea (2001-2012)**. 2012. 337 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudios Hispánicos Avanzados, Universidad de Valencia, Valencia, 2013.
SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEMPRUN, Jorge. **La Escritura o La Vida**. Barcelona: Tusquets Editores, 1995.

SOLER, Jordi. El relato catalán. **El País**, 31 out. 2010. Disponível em: https://elpais.com/diario/2010/10/31/opinion/1288476012_850215.html. Acesso em 31 ago. 2021.

SOLER, Jordi. El Catalán de Ultramar. **El País**. Madrid, p. 1-2. out. 2014. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2014/10/08/actualidad/1412800058_154396.html. Acesso em: 06 dez. 22.

_____, Jordi. **Los rojos de ultramar**. Madrid: Alfaguara, 2004.

Yusta Rodrigo, Mercedes. **El pasado como trauma**. Historia, memoria y «recuperación

de la memoria histórica» en la España actual. Pandora: revue d'etudes hispaniques, n. 12, Paris, 2014, pp. 23-41. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5238920>. Acesso em 09 jul. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **O Homem Desenraizado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.